

Gilmar de Carvalho



N.Cham. 398.5 C323m

Autor: Carvalho, Gilmar de. 1949-

Título: Moisés Matias de Moura : o cor



14112900

Ac. 128883

BCCE

moura

o cordel de Fortaleza

Edição comemorativa dos 120 anos
de nascimento do poeta
(1891/ 1976)



9 788575 636695



EXPRESSÃO
GRÁFICA
EDITORA

A.C. 128883

R. 14112900/14

28/04/14

moisés
MATIAS DE
moura

O Cordel de Fortaleza

398.5

C 323 m

PERGAMUM
BCCE/UFC

Gilmar de Carvalho

moisés MATIAS DE moura

O Cordel de Fortaleza

Fortaleza

2011

Copyright 2011 © Gilmar de Carvalho

Conselho Edito-
rial: Ria Lemaire
[Université de Poitiers]

Edilene Matos
[UFBA]

Sylvie Debs
[Université Robert Schumann | Strasbourg]

Antônio Wellington de Oliveira Jr.
[UFC]

Fanka Santos
[UFC | Cariri]

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

C331m Carvalho, Gilmar de
Moisés Matias de Moura: o cordel de Fortaleza / Gilmar de Carvalho.
– Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.
234 p. : il.

ISBN: 978-85-7563-669-5.

Conteúdo: Texto de Gilmar de Carvalho, transcrição de 17 cordéis do biografado.

Edição comemorativa dos 120 anos de nascimento do poeta.

O poeta era pernambucano de berço, mas teve sua atuação poética no Ceará.

1. Moura, Moisés Matias de, 1891-1976. 2. Literatura de Cordel – Ceará. III. Título.

CDD : 928.6991
398.5

Os direitos autorais dos folhetos são dos
descendentes do poeta
MOISÉS MATIAS DE MOURA.

Este livro teve seus textos revisados por
LUCÍOLA LIMAVERDE.

O projeto gráfico é de
CAMILA MATOS E CIBELE BONFIM.

A capa foi feita por
ALÉXIA BRASIL.

As capas dos folhetos foram reproduzidas por
ISMAEL PORDEUS, PEDRO HUMBERTO
E PEDRO CUNHA,
que também retocou as capas juntamente com
ALDAIR PEREIRA.

As fotografias foram reproduzidas por
FRANCISCO SOUSA.

Os folhetos vêm dos acervos da
CASA DE RUI BARBOSA,
da **BIBLIOTECA AMADEU AMARAL,**
do **MUSEU DE ARTE DA UFC**
e das coleções
JORGE BRITO E RUBEM AMARAL JR.

O selo da Coleção Juazeiro é de
Yan JAMACARU.

Sumário

- 15 | Era Uma Vez...
- 21 | Esboço de Perfil
- 27 | Uma História Com Lacunas
- 33 | Um Outro Jornalismo
- 39 | A Gazetinha de Moura
- 45 | Amor: Romances e Folheto
- 51 | Carlos Magno
- 55 | Nos Moldes da cantoria
- 59 | Um Lado Sensacionalista
- 65 | Festa e Profecia
- 69 | O Apelo do Futebol
- 73 | Dois Crimes Em Um Só Folheto
- 79 | Questões de Política
- 85 | Matar Por Amor
- 89 | Tradição Atualizada
- 92 | Referências Bibliográficas

Índice de cordéis

- 96 | Gazetinha de Moura
- 106 | Os sofrimentos da criada da Princesa
seduzida - Maria e Walfredo
- 120 | A Princeza do Bom Jardim e os milagres
de São João
- 132 | Amor de mais também mata como matou
Nisa Félix Rodrigues
- 138 | Traição de Galalão e a morte dos 12 pares de
França
- 158 | Peleja de Moisés Matias de Moura com Antonio
Cosmo Rodrigues
- 164 | A inundação do dia 5 de maio de 1949
- 170 | Pavoroso desastre de trem no dia 31 de
outubro de 1949 – 7 mortos e 9 feridos
- 176 | A triste história do Sr. Moacy Weyne

PERGAMUM
BCCE/UFC

182 | A história de Jombrega

188 | Ano Santo 1950 – a mais linda história

194 | A carta que veio do céu

202 | Monstruoso crime do ex-jogador Idalino que
foram vítimas os dois comerciantes Aluísio e Geraldo

208 | A sena de Maranguape e o crime do Café
Familiar onde morreu Maria da Conceição

214 | Tenente Brigadeiro Eduardo Gomes. o grande herói
dos 18 de Copacabana em 1922

220 | A morte do Presidente Vargas o braço forte do
Brasil

228 | O monstro de Pacajus

PERGAMUM
BCCE/UFC

Este livro é dedicado à memória da jornalista Tânia Furtado (1969/ 2009). Eu a conheci no segundo semestre de 1988, na volta do meu Mestrado, quando ministrei a disciplina Sistemas de Comunicação no Curso de Comunicação Social da UFC – Habilitação em Jornalismo.

Tânia, assídua e atenta, estava na primeira fila, fazendo anotações, as perguntas mais oportunas e contribuindo para que a gente tivesse a sensação de estar no espaço universitário. Foi minha aluna em outras seis disciplinas e orientanda de monografia de conclusão de curso, quando desenvolveu pesquisa sobre o jornal *O Nordeste* (1922/1967), fundado por seu avô, Andrade Furtado.

Depois de formada, começou uma carreira competente no telejornalismo. Passou pela extinta TV Manchete, trabalhou na TV Verdes Mares, cumpriu uma temporada em Brasília e deixou a marca de repórter exigente, ética e comprometida com o ofício e com a gente.

Dedicou-se ao magistério. Foi professora substituta na UFC e deu uma valiosa contribuição à formação de novos jornalistas na Universidade de Fortaleza.

No início dos anos 1990, ela trouxe cópias dos folhetos de cordel de Moisés Matias de Moura do acervo da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e deu um decisivo impulso a esta pesquisa. Não é só por isso que o livro é dedicado a ela. É por tudo o que ela representa como exemplo de competência, ética e amizade.

Agradecimentos a Leonardo Pereira da Cunha, da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa e Maria Rosário Pinto, da Biblioteca Annaes Annua e Pedro Hamberto do Museu de Arte da UFC. Também ao fotógrafo Pedro Cunha, a fotógrafa Andréa Viana ao bibliôfilo Jorge Brito ao cartador Ruben Amaral Júnior e a jornalista Claudia Albuquerque.

Mais agradecimentos à bibliotecária Justina no Arquivo José Alves Sobrinho e a Rosaline Melo, na Coleção Arlindo de Almeida (UEPB), ambas em Campina Grande. A Rita Lemaire, no Fonda Canal, em Portici, e a Marly Soares, pelo acesso à Biblioteca do Congresso em Washington. Ao pessoal da Biblioteca do Museu do Estado da Paraíba, em João Pessoa, e ao pessoal da Biblioteca do Museu do Estado da Paraíba, em João Pessoa.

Um agradecimento especial à família do poeta, principalmente à filha Raimunda Justina de Moura, que compreendeu a importância desta pesquisa para colocar Moisés Matias de Moura no lugar que lhe é devido na história do cordel.

Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do projeto de pesquisa "A literatura de cordel no Brasil: uma abordagem etnográfica" (Processo nº 301.301/2002-0).

Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do projeto de pesquisa "A literatura de cordel no Brasil: uma abordagem etnográfica" (Processo nº 301.301/2002-0).

Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do projeto de pesquisa "A literatura de cordel no Brasil: uma abordagem etnográfica" (Processo nº 301.301/2002-0).

Agradecimentos a Leonardo Pereira da Cunha, da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa; a Maria Rosário Pinto, da Biblioteca Amadeu Amaral; a Pedro Humberto, do Museu de Arte da UFC. Também ao fotógrafo Pedro Cunha, ao cordelista Arievaldo Viana, ao bibliófilo Jorge Brito, ao embaixador Rubem Amaral Júnior e à jornalista Cláudia Albuquerque.

Mais agradecimentos pelas buscas a Joseilda Diniz, no Acervo José Alves Sobrinho, e a Rosilene Melo, na Coleção Átila de Almeida (UEPB), ambos em Campina Grande. A Ria Lemaire, no Fonds Cantel, em Poitiers, e a Marly Soares, pelo acesso à Biblioteca do Congresso, em Washington. Ao pessoal da Biblioteca Sérgio Milliet, do Centro Cultural São Paulo, e a Maria Izilda C. N. Fonseca Leitão, do IEB/ USP. A Antônio Galeno, pelas pesquisas na biblioteca da Casa de (seu avô) Juvenal. A Eduardo Augusto Cortez Campos, pelas portas abertas do Instituto Eduardo Campos.

Era Uma Vez..

Quem foi mesmo Moisés Matias de Moura? Nos anos 1940 e 1950, o poeta inundava a cidade com informações valiosas sob a forma de folhetos de cordel de acontecidos. As notícias vinham com rima e métrica e traziam a versão dos fatos de um “intelectual orgânico”, de acordo com o teórico italiano Antônio Gramsci. Ele insistia em deixar sua marca e, com erros de grafia e rimas forçadas, fez uma crônica deliciosa de uma Fortaleza que não era muito melhor que a de hoje.

O tempo passou e as lembranças caíram no esquecimento. Dos mais de cem folhetos que publicou, restaram 16 (ou 17), conseguidos depois de uma recolha cuidadosa por vários acervos brasileiros, públicos e de colecionadores.

Ficou a certeza de sua importância e da necessidade de recuperar a argúcia do seu olhar, o faro para os temas que venderiam folhetos e o seu conceito de notícia, em um tempo em que os jornais tateavam rumo à constituição de empresas.

Estudos recentes e mais densos sobre cordel, como os de Jerusa Pires Ferreira, Martine Kunz, Edilene Dias Matos e Ria Lemaire, abrem perspectivas de leituras e

apontam para a valorização de folhetos até então considerados menores por conta de seu caráter de encomenda, no caso do folheto de propaganda política ou de publicidade comercial.

No que se refere aos folhetos jornalísticos, ainda que tivessem ressonância, em um primeiro momento, pelo impacto causado e pelo diálogo com as notícias dos jornais, logo estariam fadados ao esquecimento. Não estabeleciam a mesma relação afetiva que os leitores tinham com os romances, com o “trancoso”.

Quando trata da Indústria Cultural, Edgar Morin (1959) chama a atenção para a dosagem da redundância com a novidade. Pode-se pensar que, com a exaustão dos clássicos, o cordel jornalístico venha a suprir a parte do novo.

Nesse contexto de produção de folhetos veiculando as mortes de Getúlio Vargas (1954) e de Luiz Gonzaga (1989) e a visita do Papa João Paulo II (1980) ao Brasil, ganharam destaque José Soares, o “poeta-repórter do Recife”, Raimundo de Santa Helena, da Feira de São Cristóvão (Rio de Janeiro), e Abraão Batista (Juazeiro do Norte) – para não deixar de falar no “cordel urbano” de Jotamaro ou no grupo do Cecordel, em Fortaleza, no qual se destaca, nessa perspectiva, a produção de Otávio Menezes.

Moisés Matias de Moura, com uma produção de mais de 120 folhetos, boa parte deles de “acontecidos” com forte impacto na vida de Fortaleza, caiu no esquecimento nos anos 1940 a 1960, apesar de fazer parte, com 15 títulos, do catálogo da *Literatura popular em verso*, da Casa de Rui Barbosa, de 1961, e de integrar a antologia da mesma instituição, organizada por M. Cavalcanti Proença e publicada em 1986.

Moura não consta, por outro lado, da competente *Antologia da literatura de cordel*, com o selo da Secretaria

ria da Cultura do Ceará, lançada em 1978, tampouco da *Literatura de cordel: antologia*, organizada por Ribamar Lopes para o Banco do Nordeste, datada de 1982.

Esta pesquisa, desenvolvida desde o início dos anos 1990, resultou no texto “Quando o cordel vira jornalismo”, publicado pelo jornal cearense *Diário do Nordeste* quando do centenário de nascimento do poeta (Caderno 3, edição de 17 de fevereiro de 1991), e em um artigo para a revista paulistana *Cultura Crítica* (APROPUC, n. 6, 2º semestre de 2007).

Constata-se que o poeta esteve mais atuante em 1949 e em 1950, período que concentra dez dos 17 títulos que integram esta recolha, iniciada na Casa de Rui Barbosa. Lá, foram localizados nove dos 15 cordéis que constavam do Catálogo. A Biblioteca Amadeu Amaral, do Museu do Folclore, entra com apenas um título. Os outros vieram de colecionadores, como Jorge Brito e Rubem Amaral Júnior, do dossiê funcional do “cabo velho”, arquivado na Polícia Militar do Ceará, que gentilmente autorizou a consulta dos documentos microfilmados e do Museu de Arte da UFC que detém um solitário folheto. A família, infelizmente, não guardou seus impressos.

A segunda edição do *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, de Átila de Almeida e José Alves Sobrinho, diz que seu acervo teria ficado com Benedito Antônio de Matos, dublê de editor e poeta em atuação no Café São Miguel, “dentro do Mercado Central”, em Fortaleza, e depois com José Flor, outro ativo vendedor de folhetos, do qual não se tem notícia.

Àquela época, os grandes nomes que atuavam no cordel em Fortaleza eram o potiguar Luiz da Costa Pinheiro e o paraibano Joaquim Batista de Sena. A produção dos dois foi vendida por Sena, em 1974, para o poeta e edi-

tor Manoel Caboclo, de Juazeiro do Norte. Já os cordéis de Moisés Matias de Moura tomaram rumo incerto e ignorado.

Pouco foi escrito sobre este poeta. Eduardo Campos fez referências a ele no livro *Cantador, musa e viola* (1973), no capítulo intitulado “Uma peça jurídica, matuta, em versos”: “Mesmo nas capitais o poeta popular, na refrega política, não é esquecido. Por ocasião da campanha eleitoral, que elegeria ao senado o Sr. Fausto Cabral, o poeta Moysés Matias de Moura, para a propaganda do candidato, em Fortaleza, foi convidado a escrever o folhetim: ‘Fausto Cabral, a Bandeira da Salvação’. Sendo cabo da Polícia do Ceará, o poeta pedia a sua promoção, por antecipação, ao candidato: ‘Desejo mais duas fitas / Para meu melhoramento / Hoje com duas sou cabo / Com mais duas sou sargento / - Peço a seu Fausto Cabral / Sem nem um acanhamento’”.

Vale a pena chamar a atenção para a importância de Moura no que se refere ao folheto de acontecido ou noticioso. Interessante também como sua produção, a partir dos catálogos e do que foi registrado, descola-se do que foi apropriado pelos intelectuais, pelas instituições culturais e pela propaganda governamental, em um reforço dos estereótipos da “cearensidade”, como a hospitalidade e a irreverência.

Ele passou ao largo do Bode Ioiô, personagem da crônica da cidade, hoje empalhado no Museu do Ceará. Não escreveu sobre o cão da Itaoca, que revirava móveis, panelas e atemorizava os moradores e a vizinhança da casa do tenente da polícia João Ferreira Lima, no Beco da Itaoca (hoje rua Romeu Martins), em 1941. Não tomou conhecimento do dia em que vaiaram o sol na Praça do Ferreira, conforme registro do jornal *O Povo* de 30 de janeiro de 1942. Também não levou em conta o estigma

das moças cearenses que namoravam os norte-americanos e foram chamadas de Coca-Colas, em referência à estranha beberagem trazida pelos “gringos”. Menos cabimento ainda daria às presepadas de um tal de Zé Tatá, o mais famoso e valente “baitola” da cidade, que desfilava de baiana no carnaval de rua. Ora, se isso seria motivo para folheto, naqueles tempos de rígida moral ou hipocrisia deslavada?

O “agendamento” adotado pelo poeta é significativo de sua visão de mundo e do seu conceito de notícia interessante para vender folhetos. Devia existir um grande prazer em ser o intérprete dos fatos e em chamar a atenção para determinados aspectos, o que evidenciava uma captação dos fatos, um tratamento do texto e uma agilidade no lançamento dos títulos. Isso devia dar um destaque ao poeta nos círculos da cidade, junto aos potenciais compradores e aos formadores de opinião, e ele devia ser visto (e se ver) como um incansável repórter.

Esses folhetos circunstanciais envelhecem como os jornais, mas o poeta interferiu, testemunhou e deixou suas marcas. Essa produção cordelística (ou nos moldes do cordel) nos leva a um diálogo do cordel com a notícia e a uma cobertura jornalística com rima e métrica. São esses limites imprecisos que nos motivam e nos impulsionam na direção de Moisés Matias de Moura.

Certo é que ele foi uma personalidade importante da vida de Fortaleza, e isso merece ser recuperado.

Esboço de Perfil

Moisés Matias de Moura nasceu em Pesqueira, Pernambuco, a 14 de fevereiro de 1891, um sábado, dia de São Cirilo e São Metódio. Era filho de João Matias de Moura e Maria Madalena do Espírito Santo (grafado erroneamente “Maria Madalena da Conceição” no atestado de óbito dele).

As polêmicas sobre a República não chegaram a entusiasmar a população em geral, sendo mais uma bandeira dos intelectuais e das elites econômicas.

Em 1891, discutia-se a Constituição, que seria promulgada ainda em fevereiro. Pouca coisa mudara, sob a ótica dos desfavorecidos. Saiu o Imperador, figura aparentemente conciliadora, e entraram os marechais das Alagoas.

A cidade serrana do Agreste pernambucano, a 650 metros de altitude, a pouco mais de 200 quilômetros do Recife, tendo Santa Águeda como padroeira, ganhou, no final do século XIX, a primeira fábrica de doces do norte do Brasil. Depois, veio o aproveitamento do tomate, sob a forma de molhos e extratos, e essas plantas industriais foram desativadas nas últimas décadas do século XX.

Além dos doces, a cidade ficou conhecida como centro produtor da renda “Renascença”, uma delicadeza artesanal trançada em pequena escala, tamanha a complexidade e o tempo exigido para sua manufatura.

O primeiro casamento, celebrado com uma contrarênea, foi registrado por ele em uma publicação chamada “Gazetinha de Moura”, inventário de sua vida e obra: “Depois escrevi o verso / de Moisés e Teresinha / Que eu era esposo dela / Ela era esposa minha / Morreu me deixou viúvo / Cumprindo a sorte mesquinha”.

Dos 19 filhos nascidos, nenhum se criou. Pode-se pensar, do ponto de vista médico, numa incompatibilidade genética. Esse capítulo é “sequestrado” dos documentos que permitem acompanhar sua vida. Das crianças nascidas, a de maior sobrevida durou 15 dias.

A saída de Pesqueira pode ter tido como álibi uma expectativa de trabalho ou de melhoria de vida. O destino a Juazeiro do Norte é quase sempre explicado pelas romarias ao Padre Cícero, quando os romeiros se fixavam no Cariri cearense depois da “permissão” para ficar e da bênção do líder religioso que, muitas vezes, ainda atribuía ou definia um ofício para o adventício.

No dia 9 de outubro de 1943, o operário Moisés se casa com Justina Maria de Moura (já antecipando o nome adotado depois do casamento), solteira, de ocupações domésticas, filha de Vicente Pereira da Silva e Maria Ana de Jesus, nascida a 30 de junho de 1912 em Boa Esperança (hoje distrito de Iara, município de Barro, Ceará) e falecida em 1992.

O enlace se deu no Cartório de Pacatuba, cidade no pé de serra da Aratanha, a 25 quilômetros de Fortaleza, onde a noiva passava temporada com os patrões (sobre os quais falava pouco, de acordo com a filha Raimunda

Justina). Uma de suas irmãs vivia na vizinha cidade de Redenção. Moisés e Justina Maria traziam em seus documentos o estado civil de solteiros, e não de viúvos, como seria de se esperar. A certidão também faz menção ao fato de o casal já ser unido, pelas leis da Igreja Católica, e trazer três filhos: Vicente, nascido a 12 de dezembro de 1927, e Ana Maria, a 19 de fevereiro de 1930, filhos de Justina com um tio, com o qual se casou aos doze anos de idade, ambos reconhecidos como filhos pelo poeta, a quem chamavam de “padrinho”, e Aniceto, nascido a 6 de outubro de 1938, já em decorrência do enlace Moisés/Justina. Posteriormente, vieram à luz Maria Zeni, a 9 de novembro de 1946, e Raimunda Justina, a 14 de abril de 1950.

A primeira edição do *Dicionário*, de Almeida e Alves Sobrinho, diz ser ele cearense e lista 16 dos seus títulos; já a segunda edição da mesma obra de referência, de circulação restrita, diz ter ele chegado ao Ceará em 1926 – o que não deve ser verdade, porque ele começou a publicar folhetos em Fortaleza, em 1929, e nesse intervalo passou uma temporada em Juazeiro do Norte, que uns (a filha Raimunda Justina, por exemplo) dizem ter durado 25 anos, quando teria morado nas Malvas, bairro situado às margens da via férrea que liga a cidade do Padre Cícero a Missão Velha.

O exame médico feito pelo Instituto de Previdência do Estado do Ceará (IPEC) em 18 de dezembro de 1945 o considerou apto a assumir as funções de guarda do trânsito, tendo sido admitido no serviço público a 10 de janeiro do ano seguinte. O prontuário dizia ser negro, medir 1,68m de altura e pesar 66 quilos. Teria se aposentado (ou reformado, de acordo com o jargão militar) em 1968.

Ele reforçou a opção pelos folhetos de feira, fazendo do jornalístico o ponto de partida para suas criações: “Eu

só escrevo é porque / sou poeta de verdade / quando eu chegar a morrer / faço falta na cidade / porque faço profissão / de escrever novidade”.

O “cabo velho do trânsito” morreu a 4 de abril de 1976, às 8:30 da manhã, em casa, vítima de uma trombose cerebral. Foi enterrado no Cemitério de Messejana.

Os jornais do dia seguinte e do resto da semana não repercutiram a morte do poeta. A edição de “Unitário” chamava a atenção, naquele domingo, para a erosão da costa em Fortaleza e noticiava a temporada de quatro dias na praia de Icaraí, em Caucaia, da atriz cearense Florinda Bulcão (Bolkan), natural de Uruburetama, radicada na Europa, onde fazia cinema.

Um terremoto em Istambul resultou em quatro mortes, enquanto a violência na Argentina vitimou 13 pessoas. Falava-se em ameaça de golpe de Estado em Portugal, que se livrou, em 1974, de mais de 40 anos de ditadura salazarista. Em rodada dupla no Estádio do Castelão, o Ceará enfrentaria o Quixadá, e o Fortaleza duelaria com o Guarani de Juazeiro.

O “resgate” de sua vida e de sua obra esbarra nas dificuldades que cercam a produção tradicional / popular, marcada pelos preconceitos elitistas e mantida, no caso cearense, à margem da história da literatura e da imprensa.

Teve uma existência longa, de 85 anos, o que corresponde a um ciclo inteiro do planeta Urano, que estava em Escorpião quando ele nasceu – e repetia-se o mesmo quadro astrológico quando de seu falecimento.

Em cerca de 120 títulos, ele se intitulava como “historiador brasileiro”, porque contava estórias e não porque “fazia História”, e foi um curioso intérprete de muitos acontecimentos da época.

Esse número foi estabelecido por ele mesmo no

opúsculo “Moisés Matias de Moura e suas Histórias desde 1929 até a Data 1962”, citado pela *Antologia*, da Casa de Rui Barbosa: “Moisés e suas histórias/ Até a data presente / São 120 livrinhos / Cada livrinho um repente / Por perder a coleção / Cito os nomes novamente”.

Da morte de Vargas, em 1954, até 1962, Moura teve a oportunidade de fazer folhetos sobre a vitória da cearense Emília Correia Lima no concurso “Miss Brasil”, em 1955; a seca e a conquista brasileira da Copa do Mundo, em 1958; o arrombamento do açude Orós; e a morte de Caryl Chessman, bandido que se tornou escritor, condenado à morte na câmara de gás no presídio de San Quentin, na Califórnia (Estados Unidos da América), em 1960 – fato que comoveu a opinião pública de Fortaleza a partir de campanha para a revogação dessa sentença, desencadeada pela Rádio Dragão do Mar. Também não escreveu sobre os “rabos de burros”, jovens da capital cearense do final dos anos 1950 e início dos anos 1960 que transgrediam a lei e os “bons costumes” com lambretas, maconha e uma rebeldia aparentemente sem causa.

Em 1961, sintonizado com a política nacional, ele publica “A Renúncia de Jânio Quadros e a Posse de João Goulart”, em que cantava: “Os bancos estavam fechados / e o comércio sofrendo / João Goulart mandou abrir / Garantia oferecendo / Logo os comerciantes / foram agradecendo”, conforme citação de Campos (1973), que chamava a atenção para o aspecto jornalístico do cordel.

Fecha o que foi possível localizar e mapear com o “Monstro de Pacajus”, folheto de encomenda (segundo ele) sobre um crime acontecido em 22 de outubro de 1961.

Uma História Com Lacunas

Moisés Matias de Moura teria começado a publicar folhetos em 1929. A “Gazetinha de Moura”, espécie de catálogo e de intuitiva ferramenta mercadológica, corrobora com ênfase essa afirmativa, quando ele diz que, a partir do folheto sobre a morte do pequeno George, passou a se dedicar a esse ofício.

Curioso que seu nome tivesse sete sílabas e se prestasse muito bem a ser o último verso dos folhetos, substituindo o acróstico dos outros cordelistas. Moisés não hesitava em recorrer a “sofredoura”, “traidoura” ou “irradiadura”, baseado muito mais no som do que na escrita para resolver o problema da rima com Moura, o seu nome de família.

Orígenes Lessa foi visitá-lo, em outubro de 1954, e deu notícias do poeta morando no bairro Amadeu Furtado (Parque Bela Vista, nº 11, na zona oeste de Fortaleza, hoje Parquelândia), antigo Coqueirinho, então uma área de forte presença no noticiário policial da cidade – mas não o encontrou naquele dia, porque estava ven-

dendo folhetos na romaria de São Francisco de Canindé.

Chamou a atenção de Lessa, além do ônibus “misérável e atulhado de gente”, o “areião” salpicado por casas de taipa e cajueiros. Um índice do padrão de vida da família foi dado pelo rádio que, apesar de “antediluviano”, devia servir para deixar o poeta antenado com as últimas notícias. Também chamou a atenção da visita ilustre a pele de dona Justina, “da cor de vintém velho”. A foto que está dependurada numa sala da casa da filha caçula mostra a mãe, aos 38 anos, grávida da filha. O jornalista se impressionou com o nível de informação que ela tinha das atividades editoriais do marido.

Moisés era reconhecido pela agilidade da criação poética (“e para escrever repente / sou ligeiro como um raio”) e pela credibilidade que ganhava sua versão dos fatos (“nunca menti em repente / que não há necessidade”).

Fazia da afirmativa de “que tem passado no trânsito / uma vida sofrédoura” uma rima pobre e a denúncia do soldo complementado pela venda de folhetos.

Em 1956, a família Moura se mudou para Cajazeiras, próximo a Messejana, onde o Governo do Estado adquiriu terras que seriam financiadas aos servidores públicos, no que seria depois o bairro Cidade dos Funcionários. Na época, um grande matagal, com muitos cajueiros, sem arruamento e com a BR (que à época se denominava BR-13) cortando os carnaubais e os braços do rio Cocó.

Quando se tornou membro da Igreja Batista, congregando-se no templo das “Seis Bocas”, a esposa não gostou muito, mas não tinha como se opor. Antes de morrer, no entanto, ele voltou ao seio da Igreja Católica, e nunca deixou de ser devoto de São Francisco de Canindé e do Padre Cícero.

A filha Raimunda Justina, aposentada pela Telecea-

rá (Telemar, depois da privatização no governo FHC), morou na casa que foi propriedade do pai, à rua Cesídio de Albuquerque, nº 405, adquirida havia pouco tempo pela rede de mercadinhos São Luís para ampliação do estacionamento de uma de suas lojas. Ela comprou outra casa, na mesma rua, e vive na companhia de pessoas da família e das muitas lembranças do poeta.

As referências a Moura dão conta da venda de folhetos no Mercado, fazendo parte da vida de uma cidade que discutia política de modo apaixonado, comia pastel com caldo de cana e frequentava, com roupas de domingo, como se dizia então, as matinês dos cinemas.

Fortaleza era ainda mais “matuta” nos tempos de Moisés Matias de Moura (1940 / 1950). A população da cidade passou de 270.000 habitantes em 1950, de acordo com o Censo do IBGE, para a casa do meio milhão, dez anos depois.

Na metade do século XX, a qualidade de vida da capital cearense era assustadoramente precária. Apenas 5.400 casas da cidade eram abastecidas pelo açude do Acarape. A maioria usava água sem tratamento, transportadas pelas carroças. Um dos chafarizes mais disputados era o da Pirocaia, que atendia ao que depois passou a se chamar Montese. No que se refere ao esgotamento sanitário, apenas 4.300 residências eram beneficiadas, ficando o restante sujeito às fossas. Essas informações são do jornal *Correio do Ceará*, edições de 29 e 31 de agosto de 1950. A energia elétrica, sujeita a quedas e a panes, só melhoraria a partir de 1965, com a integração de Fortaleza à rede da hidrelétrica de Paulo Afonso. “Falta de luz é bom pra namorar / a usina lá do Mucuripe / todo mês tem gripe / não quer mais funcionar”, cantava a marchinha carnavalesca do radialista Irapuan Lima e do seu

parceiro Mário Filho, sucesso no carnaval de 1946.

Os símbolos do poder estavam no Centro, como o Palácio do Governo, instalado no Palácio da Luz, na Praça dos Leões. A Assembléia Legislativa ocupava o palacete neoclássico do século XIX, onde hoje funciona o Museu do Ceará.

Também estavam no Centro o Palácio da Justiça, a Prefeitura Municipal, a Câmara dos Vereadores, bem como as redações dos jornais, as lojas (uma das diversões da população era ver as vitrines) e a vida noturna, com as “pensões”, os “châteaux” (castelos), por conta da influência francesa, no início do século XX, ou “lupanares”, de acordo com o mau humor da mídia.

A Cadeia Pública abrigava presos até passar a sediar um centro de artesanato, nos anos 1970. A Sé era uma expectativa e uma desesperança, depois da demolição da velha igreja, em 1938; a nova, com projeto europeu pós-gótico, só seria inaugurada em 1978.

Fortaleza ainda não descobrira o mar, e a Praia de Iracema, além de porto, reunia algumas casas de veraneio, ocupadas nos finais de semana. Benfica e Jacarecanga eram regiões de chácaras e sobrados, e a Aldeota um projeto de futuro.

O rádio entra no ar, em 1934, com a Ceará Rádio Clube, incorporada pelos Diários Associados dez anos depois. A Rádio Iracema foi inaugurada em 1948. Fortaleza elegeu, em 1950, o jovem radialista Paulo Cabral de Araújo, de 28 anos, para prefeito.

Em 1949, era construído o Abrigo Central, onde ficavam os pontos de ônibus (os bondes foram retirados de circulação em 1947), os quiosques de merenda (“Pedão da Bananada”), os cafés (“Wal-Can”), as bancas de revistas (“Alaor”), os cambistas e o local onde as pessoas

passaram a se encontrar para falar de política, de esportes, e, principalmente, da vida alheia.

Ficou no imaginário coletivo, durante muito tempo, a estrofe de sua autoria: “A pobre da dona Olga / Cuja dor os olhos empolga / Disse assim para o marido: / Eis nosso filho tão ridículo / Sob as rodas de um veículo”, de seu primeiro folheto, que contava o desastre do qual foi vítima o pequeno George. De acordo com o depoimento da esposa do poeta, dona Justina, a Orígenes Lessa, “o pai (do menino George Cayat) viu o folheto e ficou muito satisfeito”.

Alguns folhetos de Moura podem não ser considerados uma grande obra do cordel, ao lado de Leandro Gomes de Barros, Chagas Barreto, João Martins de Albuquerque, Joaquim Bezerra de Seta, Manoel Camilo dos Santos, Manoel de Almeida Filho ou Expedito Sebastião da Silva. Na maioria das vezes, ele estava longe de atingir a excelência da verso. Do ponto de vista da norma culta, o folheto dele é descuidado, com uma pobre e pé quebrado. No entanto, sua aproximação ao cordel de arcaísmos é inquestionável.

Para pesquisa fez a opção pela transcrição dos folhetos dele tal como foram publicados. A transcrição da versão original, além de distrair, levaria a um outro folheto, não crível, tal como documentos, e é nesse sentido que os erros de ortografia, acentuação, concordância e regência são, de certo modo, uma dor e um sabor às publicações de Moura.

Finalizar a sua história como o rio perdido entre o aqui e o lá, um texto que pretende significar e que se refere às palavras e apuros gramaticais, na qual o oral se marcou pelas forças do escrito, compreensível para o público-alvo e para o acaso que o autor quis dar.

Um Outro Jornalismo

Moisés Matias de Moura pode não ser considerado um grande nome do cordel, ao lado de Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista, João Martins de Athayde, Joaquim Batista de Sena, Manoel Camilo dos Santos, Manoel d'Almeida Filho ou Expedito Sebastião da Silva. Na maioria das vezes, ele estava longe de atingir a excelência do verso. Do ponto de vista da norma culta, o folheto dele é descuidado, tem rima pobre e pé quebrado. No entanto, sua contribuição ao cordel de acontecidos é inquestionável.

Esta pesquisa fez a opção pela transcrição dos folhetos dele tais como foram publicados. A tentação da correção gramatical, além de elitista, levaria a um outro folheto. Vale mantê-los como documentos, e é nesse sentido que os erros de ortografia, acentuação, concordância e regência dão, de certo modo, uma cor e um sabor às publicações de Moura.

Pode-se ver seus folhetos como o elo perdido entre o oral e o impresso, um texto que pretende significar e que deixa de lado revisões e apuros gramaticais, na qual o oral se imiscui pelas frestas do escrito, compreensível para o público-alvo e para o recado que o autor quis dar.

Vale pensar em Moura como o cronista de uma cidade que aspirava à condição de metrópole. A opção pelo relato da violência, em boa parte dos seus títulos, antecipava que este seria o preço do adensamento populacional, agravado pela concentração de renda, pelo analfabetismo e pela falta de empregos.

Talvez seja mais interessante vê-lo como intérprete de um “jornalismo oral”, e não “popular”, baseado na enunciação da narrativa a partir do coloquial. Optava-se por dizer o fato de forma a provocar curiosidade e aumentar o desejo de acompanhar a narrativa, dosando a emoção com a frieza dos dados, dos argumentos e dos testemunhos.

A técnica passava ao largo dos manuais de redação (que não existiam nesse período), indício de um tempo em que as empresas jornalísticas não estavam consolidadas, dando margem a que o povo expusesse os fatos do seu ponto de vista, com a legitimação de um porta-voz autorizado.

O jornalismo era exercido de modo boêmio e com uma filiação política partidária explícita. As primeiras teorias só chegariam muitos anos depois. A resposta às perguntas básicas (quem, como, onde, quando e por quê), a objetividade jornalística e o fato de se atender ao interesse público, exigindo a escuta de todos os lados envolvidos na questão, supostamente poriam o jornalismo em outro patamar, com o intuito de se tornar uma atividade empresarial.

Na contemporaneidade, fala-se em apartidarismo, independência, pluralismo e democracia como apanágios do jornalismo. As empresas escondem, por outro lado, as relações promíscuas entre o comercial e o editorial, as negociações com os governos e a ingerência dos grandes anunciantes sobre o que está sendo veiculado.

Não se trata de forçar uma dicotomia, mostrando de um lado o poeta sem compromissos com a ética, focado apenas nas vendas de seus folhetos, e, do outro lado, os veículos de comunicação estabelecidos.

Os jornais cearenses desse período pecavam pelo sensacionalismo (com exceção do veículo católico *O Nordeste*), trazendo fotos de cadáveres e corpos sendo exumados. Isso foi feito quando do crime praticado em 1950 pelo ex-jogador Idalino, objeto de um folheto de Moura, em que jornais emitiram juízos de valor, como, por exemplo, “lombrosiano”, aplicado sobre a foto do réu confesso. Do adjetivo se inferia que Idalino estava predestinado a matar, em função das teorias positivistas e deterministas do teórico italiano Cesare Lombroso (Verona, 1835 / Turim, 1909), autor de uma tipologia dos delinquentes se. As fotos das crianças, filhos do ex-jogador, foram publicadas com seus respectivos nomes e idades.

Essa produção independente (em relação ao grande capital e ao mercado tradicional) mostraria o impasse do cordel de acontecido, em fase de sedução pelo rádio, insistindo no folheto como uma tradução dos jornais da época, confusos na disposição das matérias, com pouco respaldo da publicidade, e ainda com a divisão entre os veículos de circulação matutina e vespertina, que duraria até 1974.

Vale destacar que um folheto custava, em 1949, o dobro do preço de um exemplar do vespertino *Correio do Ceará* (fundado em 1915, integrante dos Diários Associados a partir de 1944 e extinto em 1981) ou da matutina *Gazeta de Notícias* (em circulação desde 1927, extinta em 1972), jornais que serviram de base para o diálogo com os “poemas” de Moura. A escolha desses jornais se deu pela importância acumulada, pelo bom estado das

coleções acessíveis à pesquisa e, principalmente, porque não circulam mais e permitem uma avaliação mais crítica e distanciada.

Outros jornais eram publicados em Fortaleza nesse período, de 1949 a 1950: *Unitário*, *O Nordeste*, *Diário do Povo*, *O Democrata*, *Diário do Ceará*, *Diário da Manhã*, todos extintos, além de *O Povo* (1928) e *O Estado* (1936), estes dois últimos ainda em circulação.

A preferência pelo folheto mostrava a imbricação com o oral, num contexto no qual ainda se davam as leituras coletivas e em que as pessoas estabeleciam com os cordéis uma relação afetiva – o que não impediu que a maior parte de sua produção se perdesse.

Os jornais, apesar do sensacionalismo, não conseguiam atingir, como ainda hoje, as camadas de poder aquisitivo mais baixo e de menor letramento, pela falta de uma relação cúmplice entre os veículos e os leitores.

Moisés Matias de Moura era o porta-voz desses excluídos do consumo, empurrados para os subúrbios, onde o urbano se mesclava com o rural e era comum o pregão de “panelada” (e “figo” gordo), acompanhado pelo baticum nas caixas de madeira, transportadas em lombo de burro, evocando o toque de matraca das velhas procissões.

Também eram vendidos, de porta a porta, “quebra-queixo” (cocada), “puxa-puxa” (alfenim) e “doce gelado” (picolé). O triângulo marcava o passo do ambulante que oferecia a “chegadinha”, versão local do biscoito chinês, enquanto os meninos brincavam de “bilas” (bolas de gude) ou empinavam “arraias” (pipas).

A bodega da esquina mantinha a caderneta onde eram anotadas as compras feitas de “meia barra de sabão Pavão” (como dizia o anúncio nostálgico), de meio pão ou de quatro ou cinco cigarros BB e das Manufaturas

Araken, produzidos em Fortaleza.

As cadeiras nas calçadas, desculpa para tomar o ar fresco do final da tarde, eram pretexto para se falar da vida dos outros. Moças “bulidas”, esposas infiéis, maridos alcoólicos, rapazes efeminados, nada escapava à sanha deletéria dos vizinhos.

Nos arrabaldes se refugiavam os pastoris, os reisados, se faziam “dramas”, prevaleciam os “sambas”, que os jornais chamavam de “gafieiras”, e eram enforcados os judas da Semana Santa, com direito a testamentos maledicentes que envolviam as pessoas da comunidade.

Com a trilha sonora das onipresentes irradiadoras, que revezavam músicas (“cantigas de cabaré”) com mensagens, organizavam-se novenas, procissões, quermesses e se coroava Nossa Senhora todo dia 31 de maio, com direito a anjos com vestes de cetim, coroas de purpurina prata e asas de papel crepom. Do lado de fora, o parque de diversões era um brinquedo que se movia, com seus barcos, cavaleiros e rodas-gigantes.

A venda no Mercado Público não era apenas um comércio, mas uma forma de sociabilidade. O contato entre o leitor e o poeta era diferente da mediação do jornal, que estabelecia um frio distanciamento.

Moisés foi uma espécie de “produtor independente”. Não tinha vínculos contratuais com casas editoras e recorria às gráficas que faziam folhetos em Fortaleza desde a primeira década do século XX.

A queda da oligarquia Acioly em 1912 foi marcada pela impressão dos folhetos, com o selo da Tipografia Minerva, assinados com o pseudônimo Marcos Franco Tranqüilo, num jogo com o nome do líder Marcos Franco Rabelo, que assumiria a Presidência do Estado depois de passeatas, escaramuças, tiros e de uma aliança bem

construída entre as camadas médias de Fortaleza e o “Zé Povinho”.

Depois, veio a atividade editorial de E. Polari Maia (Livraria e Tipografia José de Alencar, à rua Guilherme Rocha, 278). Nos anos 1950, entra em ação o poeta e editor Joaquim Batista de Sena, com a Folhetaria São Joaquim / Graças Fátima, primeiro à rua Juruá, 63, no bairro da Floresta – hoje Álvaro Weyne –, e depois à rua Liberato Barroso, 725, no Centro da cidade.

Moura não dava pistas de onde imprimia seus folhetos, mas na conversa com Orígenes Lessa, em 1954, dona Justina reclamava dos aumentos abusivos dos custos da publicação, o que significava um vínculo sem mediação entre ele e as tipografias. A venda dos folhetos complementava uma renda pequena para as exigências da família à época.

A Gazetinha de Moura

A publicação de 14 páginas, no formato do cordel, foge à regra do múltiplo de quatro (a expectativa seria de um folheto de 16 páginas) e é valiosa por enumerar boa parte dos títulos de Moisés Matias de Moura e ajudar a recuperar o que se perdeu, pelo descaso para com a memória.

Pode-se pensar na “Gazetinha” como calcada nos catálogos das folhetarias e das editoras do cordel, com a vantagem de que aqui os títulos não são apenas enumerados, mas ganham um comentário (“glosa”) por parte do próprio autor.

A “Gazetinha” evidencia o tino mercadológico de Moura, nos dá uma compreensão do que significavam os títulos para ele. Pode-se até tentar compreender sua lógica de criador e produtor a partir dessa publicação que, ao que tudo indica, era (ou ele pretendia que fosse) periódica.

“Leitores prestem atenção / A Gazetinha de Moura / Que anuncia o passado / Em rima improvisadora / E fica em atividade / De mais alguma vindoura”. De acordo com a letra e a voz do autor, a “Gazetinha” era uma espécie de jornal, com mobilidade para se deslocar no tempo e no espaço: “Portanto caros leitores / Fiquem na atividade / Quando se der qualquer caso / Dentro ou fora da

cidade / Esperam a Gazetinha / Que anuncia a verdade”.

Mais que uma abertura, é uma declaração de princípios éticos: “Eu historiador Moura / A ninguém nunca iludo / Aborreço o mentiroso / A verdade é meu escudo / Quem lê esta Gazetinha / Fica ciente de tudo”.

Ele diz que “o primeiro anúncio meu / foi escrever o desastre / do pequenino George / do Sr. Cezar Cayat / depois que escrevi este / eu fiz profissão da arte”.

Essa arte deve trazer vestígios de tudo o que ouviu, leu e viveu no universo mágico do Juazeiro e que contribuiu para formar sua visão de mundo e seu repertório.

A listagem prossegue falando do poema sobre Severino Sombra, o cearense líder de uma facção integralista e depois fundador e chanceler de Universidade na cidade fluminense de Vassouras.

“Depois escrevi o verso / da planta de Fortaleza / que divide a cidade / com toda sua beleza / quem nunca viu já conhece / o verso conta a certeza”, o que provavelmente devia ser um comentário sobre o plano diretor da cidade desenvolvido pelo engenheiro Sabóya Ribeiro.

Moura também fala sobre três jovens maranhenses mortos afogados no porto de Fortaleza e sobre a morte do doutor José Sombra, pesquisador e membro do Instituto do Ceará, nascido em Viena (Áustria), vítima de choque entre um bonde e o trem que fazia a ligação com o porto de Fortaleza, fato ocorrido em 1932 junto ao Pavilhão Atlântico, na Praia de Iracema. Também assinou folheto sobre a morte do português, “um sócio de padaria / que deixou tanto freguez / morreu também afogado / Quando chegou sua vez”.

Uma pequena citação dá conta do lançamento do romance de Maria com Walfredo, que ele teria “estudado” do romance da Princesa Seduzida. De acordo com

o *Catálogo* da Casa de Rui Barbosa, este folheto seria de 18 de dezembro de 1935, publicado em Fortaleza, o que mostra um pouco do vaivém de sua atividade.

A Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, é tema de dois folhetos, chamando a atenção para um fato de repercussão nacional que ecoou no cordel feito no Ceará. O mandato do interventor Roberto Carneiro de Mendonça, à frente do governo do Ceará, depois da Revolução de 1930 (setembro de 1931 a setembro de 1934), também merece um registro textual.

O poeta precisava estar atento e desenvolver seu tino para antever o que poderia ser bem aceito pelos leitores de seus folhetos. Quando reunia elementos do que chamaríamos hoje de “lenda urbana”, o movimento maior na banca do Mercado era previsível. Nesse sentido, ele diz que: “Depois escrevi o verso / a verdadeira certeza / do navio misterioso / do porto de Fortaleza / que aparece no porto / com garbosa boniteza”.

A história da mãe que se casou com o filho tem também todos os ingredientes de um sucesso de vendas, da tragédia grega (“Édipo Rei”, de Sófocles) à telenovela (“Mandala”, de Dias Gomes e Marcílio Moraes, Rede Globo, 1987/1988).

Entra em cena a morte de sua primeira esposa, entre 1934 e 1937 – já que ele opta pelo relato cronológico –, e seu “afilhado” Aniceto nasceu em 1938. “Depois escrevi um verso / Me doendo o coração / Trespasado de tristeza / Fugindo a pena da mão / Publiquei a vida e morte / Do Pe. Cícero Romão”. A construção do mercado, notícias das eleições que envolveram a Liga Eleitoral Católica (1934), o choque de um caminhão com um bonde, nada escapa à voracidade poética de Moisés Matias de Moura.

Ele não ficou de fora do episódio do Caldeirão, fazendo comunitária do Crato, experiência incômoda para o Estado Novo getulista, reprimida com força policial. Moura tratou, em um cordel, do episódio da emboscada e da morte do tenente José Bezerra, conhecido pela truculência, que ele diz ter “tirado do laço”.

Essas pistas apontam para folhetos (ele usa a palavra anúncio), mas perde-se a importância de sua interferência no âmbito da voz e da performance.

A “Peleja de Moisés Matias de Moura com Antônio Cosmo da Silva”, datado de 1944, localizado na Biblioteca do MAUC, traz o selo da Folhetaria Santa Luzia do Norte, casa editora de Olegário Pereira Neto, instalada à rua São Pedro, nº 1027, em Juazeiro do Norte. A quarta capa do folheto sugere: “Em Fortaleza, procurem uma banca de Moisés Matias de Moura, no Mercado Público, que ele vende pelos os melhores preços”.

“A Carta que veio do Céu” traz o selo do mesmo editor, que reivindica autoria, ainda que o último verso da última estrofe trouxesse bem claro o nome de Moisés Matias de Moura, na substituição do tradicional acróstico. Esse folheto, de acordo com as indicações da capa e do texto, é da “era de cinquenta”. Como Olegário morreu em 1946, existe a possibilidade de esse cordel ter sido publicado pela viúva do editor, que tentou, sem êxito, dar prosseguimento às atividades da Folhetaria Santa Luzia do Norte, depois da morte do marido.

Pode-se pensar que tenha sido inspirado pelos poemas religiosos e proféticos que circulavam às fartsas em Juazeiro do Norte e que a década de cinquenta tenha sido um marco – como existem sempre marcos quando se prevê catástrofe, mudança ou fato novo.

Outro folheto, sobre “A história da pequena Maria

de Lourdes filha de Dona Jovina Catarina do Nascimento assassinada pelo perverso criminoso José Maria vulgo Caboré”, datado de 1º de dezembro de 1949, constante do catálogo da Casa de Rui Barbosa, traz o nome de Moisés no último verso, como ele assinava seus folhetos, e omite o nome do autor na capa, provável indício de uma refrega editorial.

Em relação à temática, eram frequentes as mortes por amor, como a que vitimou Alderi Bezerra. A história da jumenta corredeira mostra a força do rural numa cidade marcada pelas migrações provocadas pelas secas, dentre as quais a de 1958 e, mais recentemente, a de 1979/1983, que fazem de Fortaleza uma grande cidade sertaneja.

“Leitores, nos meus repentes / Todas notícias não vinha / Mas hoje tem um anzol / E eu pegado na linha / Não me escapa um anúncio / Cai tudo na Gazetinha”.

A ideia vigente hoje em dia de omitir os suicídios do noticiário não se sustentava na lógica dos jornais desse período, tampouco no viés de Moura. Assim, ele fala do Cabo do Exército chamado Torquato: “Suicidou-se Torquato / Fez esta grande arrelia / Porque estava devendo / É o povo que avalia / Outros dizem foi desgosto / Dele com sua família”. A morte do trabalhador Artur Graviola também ganhou as páginas dos folhetos de Moura. Já o dono de uma padaria foi assassinado por ter surrado um empregado que tentou se vingar da humilhação.

Moura peca pelo excesso, mas devia obter os efeitos desejados de aumentar as vendas e espicaçar a curiosidade dos leitores. Ele fala de algo que pegou de última hora, como se a “Gazetinha” estivesse para ser fechada e acontecesse um fato novo, como uma “barroada” que matou Aureliano Tavares; a briga entre dois alunos do Colégio Militar, que custou a vida de um deles, e o suicídio, por

causa de uma namorada, de um rapaz chamado Pio.

Assim, ele antecipava o desfecho da publicação: “Acabou-se a Gazetinha / Esperem outra vindoura / Que sairá nestes dias / Em rima improvisadora / Todo mez escreve uma / Moysés Matias de Moura”.

Na capa do folheto “O Monstro de Pacajus”, ele anuncia: “Aguardem a coleção de 120 livrinhos reunidos em um só livro de 24 páginas sairá breve. Agência Coronel Bizerril, 529. Sport Bar do Sr. Francisco das Chagas Carneiro. Bebidas e ótimos tiragostos”. Curioso que esse folheto, datado de 1962, custasse dez cruzeiros, quando os anteriores tinham o preço estipulado na capa de dois cruzeiros, e o poema sobre o suicídio de Getúlio Vargas custasse apenas três cruzeiros. Era a “carestia” complicando a economia brasileira e trazendo reflexos sobre a vida do cidadão comum.

Amor: Romances e Folhetos

Moura não ficou apenas no acontecido. “Os sofrimentos da criada da princesa seduzida ou Maria e Walfredo” tenta se inscrever na linhagem da história de amor ou do “romance”, como se chama o relato mais denso e volumoso, na terminologia do cordel.

O folheto com vinte páginas, publicado em Fortaleza, em dezembro de 1935, tem o autor como proprietário e uma trama pretensamente rocambolesca, protagonizada por Maria, dama de companhia de uma princesa, filha de um conselheiro do rei, que vai para a corte a contragosto da mãe (e dela própria), para cumprir a promessa do pai e por conta de uma ética pessoal, que: “Fez de sua vida um drama”.

A princesa Catalina, depois de noiva, dispensou a companhia da dama e engravidou de um príncipe que a pediu em casamento e embarcou em seguida para não mais voltar.

Maria, a jovem criada da princesa, também noivou de um rapaz chamado Walfredo “que veio passear na residência do rei” e estava armada a cena.

A princesa grávida e pressionada pelos compromissos

e pelas etiquetas prometeu dar metade de sua riqueza à criada e um anelão de ouro que valia vinte contos de reis, desde que esta assumisse se passar por mãe da criança que nasceria. Maria aceitou e se preparou para o sofrimento: “A criança é minha / vou lutar contra a maré”.

A chegada em casa com a criança não foi fácil. O pai logo ouviu choro e perguntou do que se tratava. Maria disse que tinha tido um filho, mas “conservava a virgindade”, de acordo com a tradição da família sagrada. Não deu certo e foi escoraçada pelo pai e rejeitada pelo noivo: “Walfredo ficou vexado / Quase que perde o sentido / Disse: eu não vou casar com ela / Antes não fosse nascido”.

Viveu debaixo de um pé de juazeiro, desmaiou e foi achada pelo noivo sensibilizado pelo drama. Depois de se submeter a um exame de virgindade, feito pelo próprio pai, recuperou seu estatuto de donzela e se casou com Walfredo, que deduziu pelo anelão que: “Aquele criança é filha / da filha do soberano”.

Afinal se casaram, foram felizes e Moisés Matias de Moura termina assim a história da criada sofredora.

“A Princesa do Bom Jardim e os Milagres de São João”, com dezesseis páginas, localizado na pasta de seus documentos constantes no arquivo da Polícia Militar do Ceará, mostra que ele tentou outros códigos, como o chamado “romance”. Na capa, ele coloca, poeticamente, como: “Letras de Moisés Matias de Moura”. O folheto (ou romance) custava 150 cruzeiros, o que pode ser uma boa pista para se definir quando foi publicado. Tudo leva a crer que tenha sido seu último trabalho.

Bom Jardim era uma ilha, “pertencia ao rei Facundo”, pai de uma linda princesa chamada Lindalva. O monarca tinha a obrigação de fazer uma festa toda noite de São João, santo de sua devoção e dia do aniversário da filha.

Precoce, aos cinco anos Lindalva teve um sonho com um menino chamado Didi, que vivia no jardim da Branca Aurora, e a pedia em casamento, enquanto os súditos faziam adivinhas próprias desta noite mágica. O menino era príncipe, filho do Rei Crispim, e combinaram que esperariam até completar dezoito anos para as núpcias.

Quando Lindalva fez quinze anos, começaram as propostas de casamento, mas ela esperava pelo menino do sonho. Os reinos decretaram guerra, mas o príncipe Didi alertou o pai do absurdo, porque um dia o Bom Jardim seria dele e falava do sonho que teve aos cinco anos com a princesa Lindalva.

Pai e filho embarcaram e, depois de quinze dias no mar, chegaram ao Bom Jardim. O Rei Crispim desmaiou ao chegar à Ilha. O Rei Facundo, quando viu o príncipe Didi, pensou na filha Lindalva, para quem o rapaz seria um ótimo partido.

Foram todos para o palácio e Didi finalmente encontrou a princesa do sonho. Os reis negociaram sem tensões e logo trataram do casamento que seria no dia de São João, daí a vinte dias. O Rei Crispim alegou ter de buscar a rainha para participar das bodas e zarpou. O rei relatou à esposa o que tinha acontecido e voltaram ao Bom Jardim, chegando na véspera da festa.

Fez-se a festa, os príncipes casaram, o poeta Moisés Matias de Moura estava lá e registrou a história em versos.

O folheto é pobre do ponto de vista do esquema proposto por Vladimir Propp para a articulação e análise das histórias maravilhosas. Há ausência de conflito, os protagonistas são mal delineados e trata-se de uma história onde não há provas, auxiliar mágico, herói, mas uma rala história de amor, sem os condimentos dos clichês românticos ou dos romances de folhetim.

“Amor de mais também mata, como matou Nisa Félix Rodrigues” não chega a ser um romance, mas um folheto de oito páginas. É um bom exemplo de como se pode recorrer ao amor sem que a intensidade do sentimento seja evidenciada. O poeta carrega nas cores para conseguir um efeito dramático e dar ao amor a dimensão de drama (ou tragédia).

O protagonista, Antonio Amâncio, era morador de um sítio, na serra de Baturité. A apaixonada, que morre por amor, vivia em Caridade, à época distrito de Canindé, onde também moravam os padraostos do rapaz. “Ela amava Antonio Amâncio / um jovem trabalhador / e nesse sítio Lameira / era administrador / do nobre senhor João Lopes / no seu sítio morador”.

Corria o ano de 1945 e o poema ajuda a definir as datas que não constam do corpo do cordel como produto editorial. Amâncio escreveu carta à noiva dizendo que iria passar a Semana Santa com ela. Cumpriu o prometido, chegou a Caridade e ficou na casa dos pais, deixando para visitar a amada em seguida.

“Antonio Amâncio sorrindo / tirou os sapatos fora / e disse quero tirar / uma pulga sem demora / que entrou aqui no dedo / vou arrancar nesta hora”. O prosaico bicho-de-pé desencadeia a ação dramática. Como estava chovendo, Amâncio foi visitar a irmã, numa casa vizinha e atravessou a lama, devido ao aguaceiro da estação das chuvas. Imediatamente, sentiu o corpo dormente e alarmou: “Vão procurar a minha noiva / que o noivo dela morreu”. A morte se instala antecipando a agonia e mesmo o agravamento da doença.

O rapaz foi acometido de febre alta, perdeu a fala e estava “quase morto”, segundo o cordel. Quando soube das últimas, Nisa quase desmaia, grita “que grande dor

no meu peito” e passou a delirar dizendo que o noivo estava ao lado dela.

O desvario de Nisa é desproporcional ao amor dela pelo rapaz, que não foi vivenciado ou aprofundado pelo cordel. “Só Amâncio me domina”, gritava a moça.

O noivo morreu e “Sexta-Feira da Paixão / às 10 horas se enterrou”. Nisa morreu no sábado de aleluia, de uma dor de amor intensa, sem condições de trabalhar o luto, superar a perda e prosseguir a vida.

Autores como Arila de Almeida e M. Cavalcanti Priore atribuem a Moisés Martins de Moura a autoria do romance “A traição de Galvão e a morte dos doze pares de França”.

O *Catálogo da Casa de Rui Barbosa* diz que o folheto tem na capa o nome de Marco Sampaio, mas a primeira página registra o nome de Moura como autor. Vale ressaltar que, na edição de 1973, o arcospício é de Sampaio, o que torna o episódio ainda mais confuso – a não ser que tenha havido interferência deliberada para mudar, visto que Moura não abre mão da sua marca, mesmo quando seu nome não aparece na capa, como em “A Carta que veio do Céu”.

Deve-se chamar a atenção para a importância da preservação do ciclo carolíngio no Nordeste, devido, em grande parte, à difusão de um livro intitulado “História do Caros Magno”, que fazia parte de muitas bibliotecas e da memória de muitos relatos de leitores em voz alta por toda a região.

Este livro integra as memórias do poeta Patativa do Assaré (1909/ 2002) e de Joaquim Mulato (1920/ 1989), “decretado” da Ordem dos Penitentes, do sítio Cabocinhos de Barbalha, Ceará. Ele é citado pela maioria dos velhos cordelistas e repentistas, chegando aos

Carlos Magno

Autores como Átila de Almeida e M. Cavalcanti Proença atribuem a Moisés Matias de Moura a autoria do romance “A traição de Galalão e a morte dos doze pares de França”.

O *Catálogo* da Casa de Rui Barbosa diz que o folheto traz na capa o nome de Marco Sampaio, mas a primeira página registra o nome de Moura como autor. Vale ressaltar que, na edição de 1973, o acróstico é de Sampaio, o que torna o episódio ainda mais confuso – a não ser que tenha havido interferência deliberada para mudar, visto que Moura não abria mão da sua marca, mesmo quando seu nome não constava da capa, como em “A Carta que veio do Céu”.

Deve-se chamar a atenção para a importância da permanência do ciclo carolíngio no Nordeste, devido, em grande parte, à difusão de um livro intitulado “História de Carlos Magno”, que fazia parte de muitas bibliotecas e da memória de muitos relatos de leituras em voz alta por este sertão afora.

Esse livro integra as memórias do poeta Patativa do Assaré (1909/ 2002) e de Joaquim Mulato (1920/ 2009), “decurião” da Ordem dos Penitentes, do sítio Cabeceiras de Barbalha, Ceará. Ele é citado pela maioria dos velhos cordelistas e repentistas, chegando aos

reisados, que incorporam as embaixadas e a presença do Imperador francês, de coroa, capa e espada, conforme registrado pelo documentário *Juazeiro, a nova Jerusalém* (2001), de Rosenberg Cariry.

No clássico *Cavalaria em cordel*, Jerusa Pires Ferreira discorre sobre o folheto: “As Traições de Galalão, um texto que, se desconhecida a fonte, nos pareceria sugestivamente conservador, e ao mesmo tempo perplexamente criador, quando o que ocorre na maioria das vezes é a transcrição de seqüências inteiras da matriz. Há um servilismo sem precedentes e pouquíssimo recurso adaptativo e transformativo, a sugerir uma outra visão de mundo ou universo próprio” (1976, p. 23).

A autora não encontra referência a esse autor e se refere ao folheto com o título “A morte dos doze pares de França” como sendo propriedade de José Bernardo da Silva, sem data e com 29 páginas, por ela localizado na coleção do pesquisador baiano José Calazans.

Fala-se que Marco Sampaio seria um poeta paraense, mas a leitura atenta dos escritos de Vicente Salles sobre a literatura popular em versos na Amazônia, com ênfase na Guajarina, a folhetaria que abastecia de folhetos os nordestinos migrados, a partir de sua sede em Belém, não faz menção a esse autor.

Em um dos ensaios de *Caminhos do Imaginário no Brasil*, Marlyse Meyer, ao falar de Carlos Magno, transcreve parte de um folheto de Leandro Gomes de Barros, “A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz”. Menciona a morte dos doze pares de França sem se deter na análise do cordel e não fala de seu autor, optando por uma análise do “corpus” e por uma contextualização desse fenômeno de transmigração da epopeia do Imperador francês para o Nordeste brasileiro.

Onde estaria o nó? Tudo bem que Moura pode ter sido tocado pela importância do ciclo e pode ter tido um bom revisor, o que faz com que esse folheto seja mais bem cuidado do ponto de vista da métrica, da rima e da ortografia que os outros folhetos do poeta.

Os registros não falam quem teria sido o editor, mas se referem a Juazeiro do Norte como a cidade de onde ele procederia. Fruto da parceria do poeta com o editor Olegário Pereira Neto? O estabelecimento do ano de 1941 faz com que essa hipótese se reforce.

O exemplar da Biblioteca do Museu de Arte da UFC, de 1961, com o título de “A morte dos doze pares de França”, já faz referência a José Bernardo da Silva como editor-proprietário.

Outro folheto, da coleção do poeta e editor Arievaldo Viana, datado de 1973, faz referência à “viúva” de José Bernardo da Silva e omite o nome do autor (nem Sampaio nem Moura são citados). Teria havido aquisição ou apropriação? O que leva esse título ao catálogo da Tipografia São Francisco, depois Lira Nordestina?

Complica o fato de os catálogos da Tipografia São Francisco não serem datados. Um deles faz referência à aquisição do acervo de João Martins de Athayde, o que faz com que tenha sido publicado depois de 1949.

Vale a pena pensar nas “tramoias” editoriais, como diz Jerusa Pires Ferreira, e numa possível atribuição de autoria do poeta Moisés Matias de Moura.

Essas questões ficam em aberto e parece complicado apostar numa versão definitiva para um problema que envolve autoria (criação) e mercado (folhetarias), num jogo de fraudes, “despistamento”, apropriações indébitas, de um tempo no qual o cordel era um grande negócio e envolvia agentes, distribuidores, atendimento às praças e, evidentemente, os leitores.

Nos moldes da Cantoria

Era frequente o trânsito entre o oral e o impresso. Aproveitando as fronteiras borradas entre os dois gêneros – na verdade, manifestações das poéticas da voz –, foram inventadas muitas pelejas, e algumas se tornaram clássicas, como a entre o Cego Aderaldo e Zé Pretinho do Tucum, atribuída ao poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral.

Não consta que Moisés Matias de Moura tenha sido cantador. Nada leva a crer que ponteasse na viola se preparando para a peleja com seus rivais na palavra cantada.

Sua produção é marcada pelo trabalho do jornalista do cordel, do intelectual orgânico da definição de Gramsci, alguém que se preparou para interferir na vida da cidade e para fazer dessa interferência uma complementação do soldo de militar. A listagem de seus folhetos traz duas dessas pelejas. A primeira, datada de 1944, com o selo de Olegário Pereira Neto, impressa em Juazeiro do Norte, é “A Peleja de Moisés Matias de Moura com Antônio Cosmo da Silva”.

A segunda é intitulada “Disculção de 2 poetas – Moisés Matias de Moura e Sidney Melo. O primeiro fala por Ozita Paiva e o segundo por Neide e Valdir”, datada de

10 de outubro de 1949, e mostra vínculos fortes com a realidade de Fortaleza.

Antônio Cosmo começa: “Eu estava na Praça da Bandeira / A espera do caminhão / Para seguir para o Cocorote / Cumprir minha obrigação / Quando veio Moisés Matias / Tomar minha direção”. Cocorote era a base norte-americana que dava apoio às operações das forças aliadas durante a Segunda Grande Guerra.

Talvez mais interessante que a peleja em si seja o contexto que se forma e os detalhes que podem ser deduzidos do “duelo”, como a opinião que Cosmo tem do “cabo velho”, o que se deduz da próxima estrofe: “Eu vali-me de Jesus / De São Marcos e São Vicente / Disse: Virgem Mãe Santíssima / Valei-me desta serpente / Visto ele, cumprimentou-me / Com este verso de frente”.

Há uma provocação, um jogo de esconde-esconde, e os poetas se preparam para o desafio no meio da rua, a capela, sem plateia, sem regras e sem vencedor ou vencido.

Moisés declara ser Cosmo o terror da poesia. Falsamente modesto, o adversário diz que a profissão dele é fazer conserto na Base Aérea: “Você é poeta / E sabe o que é rimar”, retruca Moura. A peleja se divide em duas partes. Na primeira, Moisés pergunta sobre poesia, falam de “Úmero” (Homero), Esparta, Príamo, guerra de Troia, Enéas, no típico desfile de cultura geral que fazia parte do “balaio” do bom cantador, de cuja biblioteca deviam constar um dicionário, a História Sagrada, livros de geografia e de mitologia.

Quando chegou a vez de Moisés responder, Cosmo levantou questões sobre astronomia, fez referências a Flamarion, à formação da Terra, às águas, aos gases e às idades geológicas.

O jogo termina quando Cosmo diz: “Moisés eu vou

embora / que os americanos já devem estarem zangados
/ você há de compreender/ pois sabe que sou empregado
/ ficará para outro dia / quando estiver descansado”.

Do segundo folheto, que não foi localizado (apesar de constar da listagem da Casa Rui), sabe-se que Ozita Carvalho Paiva era pernambucana, visitou as capitais nordestinas, inclusive Fortaleza, em missão de cura. Foi objeto de matéria jornalística da *Gazeta de Notícias* em 21 de maio de 1949, que fala de um dono de hotel em Iguatu (senhor Silvestre Palmeira) que teria largado as muletas depois da visita à casa alugada por Ozita no bairro fortalezense do São João do Tauape. O *Correio do Ceará*, em matéria assinada por Luciano Carneiro, desancava a moça, mostrada pelo texto como embusteira, e chamava a atenção para a “promiscuidade assombrosa de doentes de todos os tipos” e para as “multidões fanáticas que estão sendo exploradas”.

Longe da miséria do que hoje chamamos de “jornais de prestígio”, o folheto circunstancial registra as notícias como se pensa que o povo gostaria de recebê-las. O senso, localíssimo, típico da maioria dos jornais cearenses da época, provavelmente servia como parâmetro ou modelo para o cordelista.

Ao tratar da inundação do dia 5 de maio de 1949, grande chuva que acometia Fortaleza, Moura começa a provocar quem “profetiza mentira” ao narrar: “Por que não profetizaram / que está dilúvio ia haver / no dia 5 de maio / muito hapa de chover / para ficarmos cientes / do que ia acontecer?”.

Os jornais cearenses desse período davam muito espaço às “profecias” de Roque Macedo, baseadas na ob-

Um Lado Sensacionalista

Curioso que, quando tem oportunidade de fazer um registro jornalístico nos moldes poéticos, o autor opta pela seleção de crimes, desastres e fenômenos, a tipologia do chamado “fait divers”, definido por Roland Barthes como “informação *monstruosa*, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma inomináveis”. Esse é também o viés adotado pelas empresas jornalísticas quando lançam formatos ditos “populares”.

Longe da frieza do que hoje chamamos de “jornais de prestígio”, o folheto circunstancial registra as notícias como se pensa que o povo gostaria de recebê-las. O sensacionalismo, tônica da maioria dos jornais cearenses da época, provavelmente servia como parâmetro ou modelo para o cordelista.

Ao tratar da inundação do dia 5 de maio de 1949, grande chuva que acometeu Fortaleza, Moura começa a provocar quem “profetiza mentira” ao perguntar: “Por que não profetizaram / que esse dilúvio ia haver / no dia 5 de maio / muito havia de chover / para ficarmos cientes / do que ia acontecer?”.

Os jornais cearenses desse período davam muito espaço às “profecias” de Roque Macedo, baseadas na ob-

servação da natureza, principalmente dos insetos (perceijos nos sovacos dos animais), brotos das árvores e ninho dos pássaros.

A expressão “dilúvio” é a mesma dos jornais, embora o poeta não tenha informado o índice da precipitação, que se aproximou dos 300mm, segundo o *Correio do Ceará*, ou “dezenove horas de chuvas”, de acordo com a *Gazeta de Notícias*.

O total dos desabrigados da *Gazeta* coincide com a cifra de Moura: “Como agora em Fortaleza / ficaram desombrigadas / 150 famílias / na chuva desabrigadas”.

Enquanto o *Correio do Ceará* apela para o impacto visual de fatos, Moura se perde na afirmação não comprovada de que “muitas crianças morreram / por debaixo das paredes”, e passa a fazer propaganda de Acrísio Moreira da Rocha, prefeito populista de grande aceitação nos anos 1940, o qual, segundo o poeta, “da forma que trata o rico / trata também a pobreza”.

“O encanamento d’água / de Acarape a Fortaleza / ficou todo interrompido / com a forte correnteza”, prossegue Moura, deixando de lado as ações da Prefeitura para assegurar o abastecimento d’água, enfatizadas pela *Gazeta*, alinhada com Moreira da Rocha.

A edição do *Correio do Ceará* de 7 de maio de 1949 vaticinava que a cidade “ficará sem água por espaço de dez a quinze dias”. A ameaça prosseguiu nas edições subsequentes, dos dias 8 e 9 de maio. Já a *Gazeta* amenizava ao dizer que “graças à rápida e eficiente ação da Prefeitura, o povo de Fortaleza está sendo abastecido de água”. Era uma disputa política travestida de informação.

Moisés Matias de Moura fala do desaparecimento de quatro jangadeiros, fato que os jornais não noticiaram. Pode-se contrapor ao tom rebuscado do *Correio* a lin-

guagem mais seca da *Gazeta*, tentando o poeta popular tirar partido da enchente que “foi um castigo que veio / do autor da criação”.

Sete mortos e nove feridos foi o resultado do desastre de trem do dia 31 de outubro de 1949, no quilômetro 11 da Estrada de Ferro de Baturité, localidade de Moitinga (hoje Vila Peri), entre Parangaba e Mondubim, na zona sul de Fortaleza. O trem suburbano vinha de Maranguape (à época existia esse ramal que saía de Maracanaú).

Poeta e jornais tiveram em comum a identificação dos mortos e feridos, com definição de idade, ocupação e residência. Os veículos de comunicação, no entanto, foram buscar as causas do acidente no fato “da tamanca do freio haver se despregado caindo sobre o trilho” (*Correio do Ceará*) e na denúncia da falta de manutenção das máquinas, enquanto Moura acrescentou ao relato um lado mágico quando atribuiu ao maquinista a observação: “Quando a máquina fez a curva / avistei as 2 cruz / não vi trilho na estrada / creio por nosso Jesus”.

Vale ressaltar, na versão do poeta, o fato de ele ter coberto o desastre como um repórter escalado para este fim: “Foi 30 guarda de trânsito / com alta autoridade / chegou com a comitiva / naquela localidade / depois que verificou / reconheceu a verdade”.

Além de dar conselhos aos maquinistas e lamentar a morte e o sofrimento dos feridos, o “cabo velho” aproveitava para reforçar o corporativismo da instituição militar quando diz: “O inspetor Pedro Ribeiro / foi o local com os guardas / por sua iniciativa / trabalha nunca se enfada / os elementos do trânsito / sabe honrar suas fardas”.

Moisés Matias de Moura fez, no folheto “A triste morte de Moacyr Weyne”, um comentário poético sobre um fato que provocou forte impacto sobre a cena forta-

lezense. O comerciário, membro de família tradicional na cidade, foi baleado na varanda de casa, no bairro de Porangabuçu (hoje Rodolfo Teófilo), por um grupo de “amigos íntimos”.

A agressão aconteceu às 20 horas do dia 12 de novembro de 1949, e o óbito teve lugar às três da madrugada do dia seguinte. Um dos agressores foi identificado como João Adrien, conhecido como João Capadócio, filho do tenente-coronel César Borges. Os outros eram Atualpa Romero e Iran Mendes Furtado, parente longínquo da vítima.

“Eles continuam foragidos”, de acordo com a *Gazeta de Notícias* de 17 de novembro. Quando se apresentaram à polícia, acompanhados pelo advogado, “disseram ter passado quatro dias nas matas das Cajazeiras”.

Weyne era considerado “o violão seresteiro nº 1 dos subúrbios” ou de acordo com o relato de Moura: “Gostava muito de farra / brilhava em todo salão / parece que está se ouvindo / a voz de seu violão / naquelas noites de lua / não perdia seu clarão”.

Os amigos chegaram tarde e queriam brincar de tiro ao alvo. A mulher reclamou e Moacir retrucou: “Mulher tenha paciência / chegaram os amigos tarde / hoje em nossa residência / vou fazer os gostos deles / com carinho e reverência”.

O alvo seria um caju, cuja safra começa em outubro. Moura deu um alibi para os agressores: “Aí botaram um caju / e um dos dois atirou / mas desviou o caju / em Moacir alvejou / caiu logo no chão / quando a arma disparou”.

Moacir criava cavalos que corriam no Jockey Clube e foi homenageado com uma corrida num domingo de novembro. Moura se emocionou “quando vi chegar de luto / o cavalo de Moacir”. E para dar um desfecho satis-

fatório para o relato, até certo ponto estranho pelo fato de não condenar, enfaticamente, os criminosos, que alegaram agir em legítima defesa, disse que a viúva ganhara o prêmio da corrida de cavalos.

O *Correio do Ceará*, na edição de 16 de novembro, referia-se ao fato de que a PRE-9 “relembra o artista desaparecido, na próxima sexta-feira, na sua ‘Hora da Saudade’”.

Vale ressaltar que a capa do folheto recorreu a uma foto do velório de Weyne, a mesma foto que ilustra a edição da *Gazeta de Notícias* do dia 16 de novembro de 1949, e não inscrevendo o título na capa, o que deixa o folheto ainda mais atrelado a um pregão, no qual se diga do que se trata e se motive o futuro leitor. Não se sabe se Moura comprou ou ganhou o clichê, e esse mesmo procedimento ele vai repetir, ano seguinte, com o folheto sobre a “sena” de Maranguape.

Festa e Profecia

Em 1950, circulam dois folhetos com temática religiosa assinados pelo “Cabo Velho do Trânsito”: o “Ano Santo de 1950 – a mais linda história” e “A Carta que veio do Céu”.

No folheto do “Ano Santo”, instituição da Igreja Católica para estimular a visita a Roma, Moisés se mostra confuso. O que pode parecer uma peça promocional, tirando partido do impacto do evento sobre a comunidade católica para vender folhetos, num instante em que a Igreja tinha muito mais força sobre seus fiéis, perde-se num emaranhado de propostas desconexas.

O Ano Santo teve cobertura do *Correio do Ceará*, a partir de agências de notícias, por conta do interesse dos Diários Associados na festa, a ponto de enviar o repórter David Nasser e o fotógrafo Jean Manzon para cobrir o evento para a então prestigiada revista *O Cruzeiro*.

A edição de 28 de janeiro de 1950 anuncia: “Prepara-se o Ceará para mandar também peregrinos a Roma”. O encarregado de organizar os planos de excursão seria o Padre Hortênsio Negreiros.

Dia 15 de fevereiro, o arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa faz publicar uma circular, na qual se dirige ao clero e aos fiéis sobre o Ano Santo. A *Gazeta de Notí-*

cias, por sua vez, não dá destaque ao evento.

Moisés desencadeia a narrativa ao evocar “o manto da Virgem” e falar em “Jesus Cristo / a quem eu vos amo tanto”.

O folheto não tem história no sentido tradicional, com começo, meio e fim. Trata-se de uma acumulação de ameaças e benesses que, num determinado momento, se apresenta como “Profecia para o ano de cincoenta”. Nesse sentido, “quem é forte vai avante / quem é fraco se arrebenta”, proclama o poeta. Vem um verso bem deslocado que nos faz crer que esse folheto é paródico ou se apropriou da estrutura de outro texto, produzido em outro instante (contexto), “por ser término de século”. Isso, em 1950, provoca estranhamento.

Em outro momento, Moura escreve que “Frei Vidal profetizou”. A tônica é moralizante e o folheto assume um tom de libelo contra o que chama de diversão: “Por isto o Papa pediu / Ao governo da nação / Que prevenisse ao povo / A não fazer diversão / Por ser um ano sagrado / Só completa devoção”.

As recomendações vão ao exagero de pedir que não brinquem carnaval e que façam casamento sem festas, sob pena de ficar nulo o sacramento. Ganharia a salvação quem não quisesse diversão. Outra recomendação era da oração “todo dia e toda hora / de joelho no chão duro”. Perdão, penitência e caridade seriam palavras-chave, bem como a assistência aos desvalidos. Moura, estranhamente, investe contra os impostos.

O poeta diz que seu livro (folheto) é um aviso, promete salvação a quem cumprir o que recomenda e por último pede que sua mensagem “circule em radiadora / Para dar prazer ao cabo / Moisés Matias de Moura / que tem passado no trânsito / uma vida sofrédoura”.

“A Carta que veio do Céu” teria sido enviada por Je-

sus, por meio de um serafim, que a deixou em um jardim com a ordem de que “os poetas a publicassem de improviso”. No mês de abril de 1950, um servo de Deus a encontrou e a espalhou pelo Brasil.

Fala no sangue derramado na cruz, no perdão a quem comungou da carne e do sangue do Cristo e investe contra os que zombarem da carta, que serão severamente castigados “com raio, corisco e trovão”. Sugere que sigam os preceitos da Igreja Católica Romana, que tenham a Virgem Maria como advogada e sigam os mandamentos, enfatizando a guarda dos domingos. Manda que tirem o chapéu quando passarem por um templo. “Quem julgar que esta carta / não foi feita por Jesus / na hora de sua morte / lhe falta a fala e a luz / cospe nas chagas de Cristo / corre com medo da cruz”. Os que não a guardarem serão destruídos como Salomão e quem a conservar viverá com fé viva a esperança. Os que levarem a carta no Juízo Final serão protegidos por Nossa Senhora das Dores.

Outra profecia deslocada diz: “No ano cinquenta e nove / a vinte e cinco de janeiro/ quem não morrer há de ver / Jesus baixar num cruzeiro / e pregar quarenta dias/ na Matriz do Juazeiro”. O Sol correria em agosto e Terra haveria de tremer, isso não mais em 1959, mas em outro tempo que seria revelado depois. A carta era apresentada como um “escapulário” ou uma proteção como um “Agnus Dei” e livraria as pessoas da morte repentina. Os que lessem a carta de joelhos no chão duro teriam um saber seguro. A carta, como sugere o subtítulo do cordel, foi achada na era de 50, no Rio Secundari, o que não fornece pistas em relação a alguma referência cearense, na medida em que a informação é vaga, pois “secundari” é qualquer afluente. O apelo final faz uma investida contra os “crentes”, cujas leis deveriam ser desprezadas pelos católicos.

O Apelo do Futebol

Desnecessário falar da importância do futebol no imaginário social. Misto de paixão e negócio, alavanca publicações na mídia impressa, espaços na mídia eletrônica e sítios na realidade virtual. Moisés Matias de Moura soube ocupar esse nicho.

Em 1950, era disputado um campeonato nacional de seleções dos Estados. Uma vitória do Ceará no jogo contra o Pará no dia 18 de fevereiro, sábado de carnaval, levaria o Estado a prosseguir na competição.

O carnaval atrapalhou a cobertura dos jornais. A *Gazeta de Notícias*, que circulou na véspera do jogo, antecipava que a partida não tinha um juiz definido.

A arbitragem de Jombrega (Francisco José Róseo de Oliveira) foi catastrófica para cortar as pretensões “alencarinas”: ele anulou dois gols da seleção cearense e o jogo acabou com um empate de 2 x 2. Foi grande o impacto – não apenas no noticiário dos jornais, mas também no carnaval, em que os “sujos”, com sua alegria sincera, cachaça e fantasias improvisadas com o que tinham em casa, deram a nota de revolta predominante do curso.

Moura refletiu esse sentimento de indignação mais que os jornais. A capa do folheto mostra um rato com sa-

cos de dinheiro. O texto define o juiz como um “guabiru do rabo fino / que nem o gato lhe pega / mas ainda não está livre / de levar uma esfrega”, o que teria levado o árbitro a se esconder no carnaval para não sofrer agressões.

Um detalhe pitoresco que jornal e folheto anunciam é a recusa do açougueiro de Jombrega de continuar a lhe fornecer carne: “Carne neste meu açougue / tu nunca mais comprará / saia daqui todo dia / comprar carne no Pará”. Moura vai além, sugerindo que os motoristas da praça teriam tido a mesma atitude de recusa, o que a imprensa não confirma.

O senso de oportunidade do poeta se acentua quando registra que, com melodia de “Daqui não saio”, os blocos nas ruas e os leitores de Moura entoavam uma provocação com gosto de revide: “Agora com quatro filhos / onde é que eu vou morá / que Jombrega é cearense / mas roubou para o Pará”.

Expulso do quadro de juízes da Federação Cearense de Desportos, Jombrega teve nesse clamor, do qual Moura foi um dos intérpretes, sua grande condenação.

Nesse mesmo ano, no mês de outubro, vem o relato de um crime que comoveu a cidade e vendeu muitos folhetos. Localizado na Biblioteca Amadeu Amaral, da Funarte, o título do cordel era: “Monstruoso crime do ex-jogador Idalino que foram vítimas os dois comerciantes Aluísio e Geraldo”.

Trata-se de uma segunda edição, diz a capa da publicação. Provavelmente, a retomada de um tema que deve ter vendido à exaustão, porque envolvia um ex-jogador de futebol, personagem do pequeno “olimpó” da cidade, em um crime com a motivação de roubar o automóvel de uma das vítimas.

Idalino comprou o carro com a promessa de pagar

depois, e os vendedores vieram fazer a cobrança em Fortaleza, acompanhados de Luizinha, a noiva de um deles. Eles sumiram, o que provocou reação da moça. Astucioso, o jogador de futebol passou telegramas falsos, dando pistas que iludiriam a moça.

Preso, “como cínico traíçoeiro / em vez de chorar sorriu”, ele confessou o crime e sugeriu que “não foi mais que o demônio / que estava a me atentar”.

O *Correio do Ceará*, na edição de 13 de outubro, estampou: “Matei para roubar”, confessou Idalino com a maior frieza”. Ainda de acordo com o jornal, Idalino “saqueou os dois cadáveres e em seguida os enterrou de pé”.

A *Gazeta de Notícias* da mesma data disputava o impacto do crime na cidade: “Em uma só tarde ASSASSINOU e enterrou aqueles a quem convidara com o objetivo de pagar uma dívida”.

À época, prevalecia a ideia da premeditação incontestada, levantada pelos jornais, como agravante do crime. De ídolo a facínora, Idalino teria também matado sua mulher, a dona da pensão onde morava, jogada por ele da janela. Depois de oito dias de interrogatório, foi levado para a detenção, antes pediu para trocar de roupa: “Tenho roupa e tenho jóias / que nem todo rico tem / e sair como mendigo / não se faz isto com ninguém”.

Ele foi preso com sua amante, Alcinda Leal. O poeta pergunta o porquê do crime: “Por que foi que Idalino / usou tão feio mister / era porque sustentava / de 3 a 4 mulher / e não ganhava a despesa/ na profissão de chofer”.

A conclusão moralizante era de se esperar: “Aviso a meus companheiros / que não sejam renitentes / deixem a vida mundana / para ser mais competente/ não ame a mulher da rua / ame a sua somente”.

Em um contraponto de moderação e bom senso, o

jornal *O Nordeste*, edição de 14 de outubro de 1950, chamava a atenção para o fato constrangedor “de ser obrigado o preso a expor-se à curiosidade e à execração dos desocupados que passam os dias postados à frente do prédio da Praça dos Voluntários”, dentre os quais deveriam estar muitos dos leitores de Moisés Matias de Moura.

Dois Crimes Em Um só Folheto

Moisés Matias de Moura tinha o sentimento da urgência e juntou dois relatos de crimes em um só folheto, datado de 1950.

Apesar de ter sido citado em primeiro plano, na capa do folheto “A Sena de Maranguape”, esse acontecimento ocupa a segunda parte do relato, que tem como carro-chefe “O crime do Café Familiar onde foi morta Maria da Conceição”.

Moura começa por reivindicar a autoria do folheto “Ano Santo de 1950” e se reveste de uma autoridade daí advinda: “O livro do Ano Santo / Escrevi com perfeição/ Ninguém tomou meu conselho / Perdi a satisfação / Mas entrego tudo isto / À Virgem da Conceição”.

Insistindo no folheto de sua autoria, lembra que pedia que largassem o mal, que deixassem de roubar e que perdoassem “mesmo a quem nos fez mal”.

O prólogo de uma página e uma estrofe é longo para as oito páginas do folheto e o poeta, finalmente, entra na narrativa: “Agora mesmo em Fortaleza / Deu-se um crime horripilante / Senhor Raimundo Pereira / Alvejou a sua aman-

te / Com dois tiros de revólver / Abatera num instante”.

A amante era Maria da Conceição Januária, nascida em Sobral, 19 anos, empregada doméstica, chamada de namorada do empresário na estrofe seguinte. O poeta diz não saber a razão, mas aposta no ciúme como justificativa pelos dois tiros disparados.

Naquele tempo, tomar café em balcão era coisa de homem. Mulher não chegava perto, mesmo as profissionais do sexo, como Maria da Conceição, cuja profissão era amar.

Era o dia 13 de julho de 1950, três horas da tarde, e o Café Familiar ficava na esquina das ruas Barão do Rio Branco e Liberato Barroso: “Quando ouviram o estampido / Do crime sanguinolento”. O Centro regurgitava: era dia de jogo pela Copa do Mundo de Futebol. Raimundo atirou na mulher; “em seguida botou logo / o revólver no seu queixo / disparando contra si / caiu ela e ele a neicho”.

Moura se engana e nos dá o dia 14 como sendo o do crime, mas deve ter sido influenciado pela leitura dos jornais que circularam no dia seguinte estampando a goleada (6x1) do Brasil sobre a Espanha e o assassinato que chocou a cidade.

A notícia trouxe mais gente para o local do crime e logo chegou a Assistência (ambulância). Raimundo (conhecido por Liga) declarou que foi traído.

O criminoso atraiu a vítima para a cena do crime com a desculpa de que ela ganharia um presente. Quando estavam juntos e discutiam, Raimundo pediu a um garoto que estava próximo que fosse saber o placar do jogo do Brasil. Foi nessa hora que ele disparou e depois tentou contra a própria vida.

O poeta vaticinou: “que se morrer todos dois / no cemitério se une”. Maria “baixou para a fria areia” e o as-

sassino, se escapasse, iria para a cadeia. Raimundo ainda resistiu durante alguns dias, chegou a falar, não sabia como tinha acontecido o crime e o final foi trágico.

O folheto não abordou o mal-estar que se instalou entre médicos e repórteres da *Gazeta de Notícias*, sendo estes últimos proibidos de entrar na sala de cirurgia, onde pretendiam entrevistar Maria da Conceição. Segundo o doutor Evandro Studart, a vítima agonizava e recebia a Extrema Unção, um dos sete sacramentos.

Interessante que o poeta tenha usado um clichê com a foto de Maria da Conceição na capa do jornal, o que pode mostrar um certo investimento, visto que as matrizes de chumbo eram um luxo, apesar de os anúncios, como o que consta na *Gazeta de Notícias* do dia 18 de julho de 1950, apregoarem preços módicos e cumprimento de prazos para a entrega das peças encomendadas. Outra hipótese pode ser uma relação de amizade do poeta com a direção do jornal, que poderia ter cedido o clichê para a capa, depois de usada pelo matutino.

A “sena de Maranguape” é uma história na qual fica visível que o poeta está pouco à vontade para soltar seu verbo, usar sua argumentação muito própria e tirar suas conclusões.

O crime teria sido provocado por um comentário político feito ao microfone de uma irradiadora por um locutor entusiasmado. O poeta não reproduz o teor do comentário, não fala qual facção política tinha sido incriminada e deixa tudo muito vago.

O incidente teria tido lugar em Maranguape, dia 10 de julho de 1950, e não fica difícil buscar motivos e/ou razões nos jornais da época, coisa que Moura sabia fazer muito bem quando lhe convinha.

A manchete do *Correio do Ceará* estrondava: “2 mor-

tos num conflito a bala e a faca, em Maranguape”.

Perdeu a vida o sargento do destacamento, chamado João Marrocos, definido pelo poeta como homem calmo, não violento, muito respeitado (ou temido?) pela comunidade. O poeta se confunde e coloca como morto José Fernandes, quando, de acordo com o jornal, foi o irmão dele, Gerardo, que veio a falecer numa mesa da Assistência Municipal de Fortaleza.

O locutor se chamava Grijalva e a “sena” se deu dia 9 de julho, nos “estúdios” da irradiadora Guarani, de propriedade de Agostinho Tavares, à rua do Bagaço, em frente do Bar do Sinfrônio, na cidade vizinha (hoje conurbada) a Fortaleza.

O comentário, de acordo com os jornais, era sobre a política, e o locutor lia algo que havia sido publicado pelo *Jornal da Manhã* – na verdade, *Diário da Manhã*, jornal fundado em 10 de abril de 1950, de orientação do Partido Social Progressistas (PSP), partido liderado aqui no Ceará pelo senador Olavo Oliveira. De acordo com o *Correio do Ceará*, tratava-se de um “comentário político contra o governo”. Convém lembrar que o governo Faustino de Albuquerque se notabilizou pela perseguição aos adversários políticos, aos estudantes do Liceu, aos jornalistas, acirrando o clima e possibilitando que acontecessem manifestações como essa de Maranguape.

O poeta fala em tiroteio, comentando que poderia ter morrido mais gente, e justifica a escrita do folheto: “Só escrevi estes crimes / Porque chamou atenção/ Grande foi o sentimento / De toda população / Quando lia os ocorridos / Que vinha da redação”.

Fica bem clara a importância do jornal como veículo de comunicação e como fonte para o poeta. Talvez o cuidado de não entrar em detalhes venha por conta de

pessoas de destaque da economia e da política de Maranguape poderem ter algum envolvimento com o crime, o que foi negado com veemência pelos jornais.

Apesar das fotos dos mortos e feridos estampados com destaque, o texto era vago, falava em rixa do sargento com os irmãos Fernandes, confundia a procedência dos tiros e prometia que tudo seria resolvido pela Polícia.

O texto jornalístico, embora citasse nomes de lideranças políticas – algo que o cordel não fazia – também era vago. A manchete da *Gazeta de Notícias*, edição de 12 de julho de 1950, lamentava os “sangrentos acontecimentos”. Certo é que havia uma insistência dos envolvidos em dar um caráter político partidário ao evento. O *Correio do Ceará* do mesmo dia dizia num misto de incredulidade e esperança: “tudo indica que vão mesmo apurar as responsabilidades do conflito”.

O epílogo evidencia a prevalência do crime do Café Familiar: “Raimundo Pereira está / Com a vida sofredora / Porque o tiro cortou / Sua língua faladora / Assim nos diz o poeta / Moisés Matias de Moura”.

Questões de Política

O folheto sobre a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República, em 1950, talvez seja mais um folheto de propaganda – e, como tal, de encomenda – que uma interferência política propriamente dita.

Nesse caso, vale pensar no “briefing”, documento que desencadeia o processo, no qual os autores da encomenda dão dados, levantam fatos e sugerem a linha a ser adotada.

Em situações mais rígidas, a observância às diretrizes do “briefing” deve ser rigorosa. Em circunstâncias como essa, em que não deviam existir profissionais de marketing ou publicitários do outro lado, pode-se pensar num aconselhamento ao poeta e num levantamento do que não podia deixar de constar do poema de cordel.

Pode-se pensar que a importância do poeta como líder de opinião e o respeito que ele tinha da comunidade levaram à escolha dele para ser porta-voz dessas “verdades” sobre o candidato udenista à Presidência da República nas eleições de 3 de outubro de 1950.

Não vale a pena encontrar pistas para a criação nos jornais, quando havia um comitê, as diretrizes partidárias eram definidas e o noticiário do *Correio do Ceará* e da *Gazeta de Notícias* privilegiava as eleições para Go-

vernador do Estado e para Prefeito de Fortaleza, a serem realizadas simultaneamente.

O noticiário sobre Eduardo Gomes era escasso, tanto no *Correio do Ceará* quanto na *Gazeta de Notícias*. A edição do *Correio* de 30 de agosto de 1950 anunciava: “O Brigadeiro chegará ao Ceará no próximo dia 7” e evidenciava “o contato pessoal com as populações”.

A leitura dos jornais do dia da Independência, assim como os da véspera e do dia seguinte, não repercutem essa visita. Já a edição do dia 2 de setembro proclamava que Eduardo Gomes chegaria a Juazeiro do Norte dia 16.

Importante para o noticiário era mostrar que ele “arrisca a própria vida, pilotando o seu próprio aparelho nas perigosas viagens de campanha”, como trazia o *Correio do Ceará* de 18 de agosto.

Herói do episódio dos Dezoito do Forte de Copacabana em 1922, desencadeador do Tenentismo e antecipador dos movimentos que culminaram na chamada Revolução de 1930, Gomes manteve a aura romântica de guerreiro, o que o atraiu ao ideário udenista, partido de classe média, de retórica ordeira e muito próxima dos quartéis, assim apresentado pelo folheto: “A UDN meu povo / é um partido ilustrado / sua luz resplandecente / deixa o mundo iluminado”.

O folheto sobre Eduardo Gomes, derrotado nas eleições presidenciais de 1945 e que fazia a nova tentativa em 1950, ao listar personalidades que apoiavam seu pleito, faz menção ao senador cearense Fernandes Távora, nome de expressão nacional por conta do parentesco com o “tenente” Juarez Távora, e ao Governador do Estado, o autoritário desembargador Faustino de Albuquerque.

Gomes é apresentado como “grande herói brasileiro”. Apesar das ideias que cercam o herói, o verso seguinte

diz que “seu nome é de doçura / já está reconhecida / a sua grande cultura”. O brigadeiro, ao longo do texto, é citado como “homem de valor”, “feliz bandeirante” e “homem de posição”. No que se refere ao ideário ou programa: “O seu maior interesse / é proteger a nação”.

O texto vai além quando diz: “Sei bem que no Ceará/ quase tudo é Brigadeiro / o povo fala em seu nome / não se ver um paradeiro/ todos querem vê-lo na corte/ dominando o paiz inteiro”

Também faz uma menção a Fortaleza, talvez com forma de mostrar um compromisso do poeta com o candidato: “Se o tenente Brigadeiro/ passeiasse em Fortaleza / via bem que os cearenses / eram homens de firmeza / que votaram em seu favor / e outra qualquer defeza”.

Afinal de contas, dentre as funções que o verzejador deveria cumprir está o de líder de uma comunidade, com autoridade e legitimação para ser porta-voz e com respeitabilidade para se fazer ouvir e merecer crédito.

O cordel sobre a morte de Getúlio Vargas se inscreve no círculo do obituário do líder político. Pode ser classificado como algo mais emocional e que tirava partido da comoção nacional, pelo suicídio do Presidente, para vender cordéis, o que de fato aconteceu.

Também não parece significativo acompanhar o episódio pelos jornais, quando os veículos locais reproduziam o material das agências de notícias, sem estrutura nem verbas para bancar viagens de jornalistas ou manter correspondentes nos grandes centros.

Moura deve ter bebido na fonte do rádio, ouvido a leitura da “Carta Testamento” e tido contato, por meio dos jornais de circulação nacional que chegavam a Fortaleza, com o fato que deixou o País perplexo.

O poeta recorre a um artifício da cantoria ou da po-

esia oral e introduz um fecho que funciona como glosa: “Suicidou-se Getúlio / Braço forte do Brasil”. Getúlio rima em outras estrofes com entulho, orgulho e barulho.

O poeta é consciente da perda para a pobreza e enumera conquistas: “Deixou mais um Instituto” e vai além ao se referir ao: “Sindicato que ampara / o trabalhador voluntário”.

Moura sabe que a grande acusação que pesa sobre Getúlio foi o atentado contra Carlos Lacerda que acabou por matar um oficial da Aeronáutica (Major Vaz): “Do crime do oficial / Getúlio estava inocente”.

Faz coro com a lamentação, quando assevera: “Getúlio amou a pobreza / sempre foi humanitário / foi um reto presidente / como as contas do rosário / Getúlio Vargas morreu / O Brasil entristeceu / vai sofrer o operário”.

A cena é refeita: “Em menos de um segundo / Acabou-se neste mundo / Quem protegia a pobreza” e conclui: “Deixou um governo novo / Para não ver no seu povo / Todo sangue derramado”. A constatação pode parecer óbvia: “Só não sofreu o burguez / Porque são muito uzurário”.

O mesmo Orígenes Lessa, no livro *Getúlio Vargas na literatura de cordel* (1973), inclui o folheto de Moura, que pode até ter sido adquirido na visita a Fortaleza, em 1954, e chama a atenção para o verso que traz a afirmativa mais coloquial e baseada no senso comum: “Getúlio suicidou-se / Porque nem Jesus livrou-se / Da língua do pessoal”. Perfeito para ser lido e discutido no Abrigo Central, em meio ao barulho dos liquidificadores batendo abacate ou banana com açúcar e leite; às garrafas de “pega-pinto”, bebida preparada com raízes; aos pregões dos jornaleiros e ao grito quando o vento soprava mais forte e levantava as saias das mulheres, num

espetáculo de “voyeurismo” coletivo que ganhou versão musical do compositor baiano Gordurinha (Waldeck Macedo, 1922 / 1969): “Oh! Moça tome cuidado pois o vento é danado / e gosta de fazer sujeira”.

Dona Justina disse, na ocasião, que o marido vendera “dez mil folhetos”, tão forte foi o impacto desta morte no imaginário coletivo. O Getúlio do folheto de Moura é o segundo Vargas, nacionalista (Petrobrás), populista (“Trabalhadores do Brasil”), longe do Estado Novo, da repressão, da censura e da ambiguidade em relação ao nazifascismo. Previsível, o folheto trabalha com a diluição do que trouxe a mídia e com a recepção do fato pelas camadas subalternas que tinham o Presidente como um “pai dos pobres”.

Matar Por Amor

A última história levantada por esta pesquisa fala de um amor insano e tem como palco as cidades de Pacajus e Pacatuba. A primeira, numa região de plantação de cajus, às margens da BR-116 (à época denominada BR-13), a 55 km de Fortaleza, caminho para o sul do Estado; a segunda, pé de serra, a 25 km da capital cearense, hoje fazendo parte da Região Metropolitana de Fortaleza.

A narrativa não é datada no corpo do texto, na capa ou na quarta capa do folheto, supondo-se que se dê no início dos anos 1960, pela propaganda do opúsculo com as 120 histórias (de 1929 a 1962) no anúncio inserido.

Depois de exaustivas consultas aos jornais de 1960 e 1961, constatou-se que o crime aconteceu dia 22 de outubro de 1961, conforme reportagem do *Correio do Ceará* e registro na coluna “Assistência e Polícia”, assinada por César Coelho, na *Gazeta de Notícias*.

Henrique amava Maria Oliveira, “pivô da chacina”, como cantou Moura. O rapaz perseguia a moça que não o queria mais e declarou de modo ameaçador: “Um dia serás vencida”. Desesperado, matou a mãe dela, dando-lhe “certeira facada / em cima do coração”. A mulher dormia com o neto, que saiu correndo e levou uma pan-

cada e três facadas do criminoso: “Se eu deixar ele vivo / vai o crime descobrir”. O criminoso teria dito, não se sabe a quem, que matara por amor.

Henrique fugiu para Pacatuba ou “em direção a Maracanaú, sendo interceptado pelas autoridades em Pacatuba, sábado, às dez horas da manhã”, de acordo com a edição de 23 de outubro de 1961 do *Correio do Ceará*.

Maria Oliveira não teve dúvidas em dar a pista à polícia e dizer que o criminoso só podia ser Henrique. O rapaz foi preso e levado para Pacajus. “O jipe chegou à cidade às 16:30 horas”. A multidão ensandecida – o jornal fala em cerca de mil pessoas –, “armada de pedra, pau, bandas de tijolo, etc, esperava o criminoso”, tomou-o das mãos dos policiais e o linchou.

O jornal faz um relato dramático: “ninguém quis levar o caixão, nem mesmo os familiares da vítima”. O poeta foi mais competente que o jornal, que não trouxe nem o nome dos que foram assassinados por Henrique, nem mesmo o nome de sua amada.

O *Correio do Ceará* estampou a manchete: “Pacajus enfurecida linchou o monstro”, chama Henrique de “Negro” (entre aspas) e dizia na legenda de uma foto escabrosa: “Seu corpo com a cabeça transformada em uma massa informe foi fotografada por nosso correspondente”.

Moisés Matias de Moura estava em Fortaleza, em um bar que frequentava (seria o “Sport Bar”, do anúncio na capa do folheto?), quando foi procurado por um rapaz de Pacajus para escrever a história desse crime. Teria sido verdade ou um recurso estilístico para justificar a apropriação de um fato que deve ter comovido (indignado) a opinião pública e vender folhetos?

A *Gazeta de Notícias*, mais contida, faz referência ao sítio Cunca, onde se deu o crime, chama a morta de Ma-

riana (depois retifica para Maria Teófilo), 80 anos, e diz que o outro morto era um filho (a edição seguinte diz ser uma neta de 11 anos). O nome do Henrique é omitido (“não se pode citar com precisão”). Mariana não estaria de acordo com o romance da filha. O jornal levanta a hipótese de que o “pivô” do crime teria sido assassinado, o que não se comprovou posteriormente.

O relato é interrompido pela brusca irrupção da violência e o poeta corta para falar de um programa de rádio que vai ao ar toda sexta-feira, às nove horas da manhã, pela Ceará Rádio Clube.

É quando ele coloca em cena a figura do jornalista J. Ciro Saraiva, que teria conseguido o horário no rádio para ele. Ficamos sem saber se o programa era policial ou poético. Na década de 1950, cantadores como Siqueira de Amorim e Domingos Fonseca tinham espaço em jornais para desenvolverem glosas a partir de motes dos leitores.

A presença de Moura nos estúdios da PRE-9 pode ser indício da imbricação dos discursos da mídia impressa e da oralidade do rádio, num instante de implantação da televisão e de tentativa de renovação dos discursos, pegando “carona” em um produtor popular com a credibilidade e a visibilidade do “cabo velho do trânsito”.

Fica meio complicado colocar “O Monstro de Pacajus” na rubrica das histórias de amor. Trata-se de um relato de vingança seguido de abandono, rejeição e perda, culminando em tragédia. Ficamos nesse terreno fronteiriço e vale a intenção do poeta, mais que a interpretação feita tantos anos depois.

Tradição Atualizada

O folheto já não tem o mesmo sucesso de vendas de ontem, ainda que conte com uma editora especializada e com bancas que se espalham pelo Centro de Fortaleza.

Nesse ínterim, houve um significativo avanço das tecnologias e das mídias. O povo encontrou outras formas de participação e comunicação, aproximando-se, em alguns casos, dos modelos da Indústria Cultural e, em outros, na adoção de posições políticas mais consequentes, como um primeiro momento das rádios comunitárias e o fortalecimento dos movimentos sociais.

Nos episódios das mortes de Ayrton Senna e Lady Di, na lenda urbana da perna cabeluda e na moça que dançou lambada com o cão, a tradição do folheto jornalístico dá sinais de vitalidade.

Na região do Cariri, com a Academia dos Cordelistas do Crato, ou em Fortaleza, com o pessoal do Centro Cultural dos Cordelistas Cearenses (Cecordel), ou com a atividade da Editora Tupynanquim, o folheto de acontecido permanece, apesar dos avanços da mídia, mostrando que, num contexto de sofisticação de tecnologia e das práticas mercadológicas, ainda existe espaço para a atividade da qual Moisés Matias Moura foi um pioneiro.

Muita coisa mudou, mas o formato do folheto, a rima nem sempre rica e a métrica, às vezes de pé quebrado, servem como suporte para essa informação que resiste à margem dos meios hegemônicos, continua a desafiar estudiosos e a encantar o povo.

Hoje, pode-se pensar na “pirataria” como manifestação política contra os abusos da Indústria Cultural e o “popular” estaria nas gravações de “pegadinhas”, geralmente com a estrutura de um telefonema, irritantes na grossura e insistentes na repetição da mesma estrutura. Já as paródias se apropriam de algo que faz ou fez sucesso para recriar a partir daí, com a lógica da aceitação do conhecido, aparentemente renovada pelo recurso de interferências nas situações. A replicação de CDs, MP3 e DVDs, vendidos em carrocinhas no Centro da cidade, dá mostras de um negócio que parece florescer, à margem ou de modo parasitário em relação à Indústria Cultural.

Também no grito de guerra das torcidas do Ceará e do Fortaleza, vendidos como CDs e que embalam o fervor da “galera” nos dias de clássico. Aqui também a renovação é permanente e o negócio se mantém por conta da aposta em uma competição que nunca haverá de cessar.

O cordel também está na Internet, podendo ser baixado e está em performances no “YouTube”, sítio que acolhe imagens em movimento e possibilita, na medida do possível, um acesso mais democrático à rede mundial de computadores.

As poéticas da voz estão no “rap”, que mistura ritmo & poesia com uma conotação mais política, juntando-se ao “grafite” e ao “break” ou dança de rua, num “mix” que tem origens na negritude norte-americana e se espalha pelo mundo afora, da Jamaica a São Paulo, dos Fabulosos Trovadores, de Toulouse (França), ao Preto Zezé, de Fortaleza.

O cordel se amplia, dilata fronteiras, se deixa contaminar e irrompe, vitorioso, nas brechas que são abertas ou se abrem para que a voz prevaleça, o corpo comunique, a voz se projete, as cores se movam, as imagens se embaralhem e Moisés Matias de Moura viva, nas lembranças e na atualização de seu legado de determinação, trabalho e talento.

Referências Bibliográficas

ANTOLOGIA da literatura do cordel. Fortaleza: Secult, 1977.

ALMEIDA, Átila de; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. V.1 e 2. Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia da UFPB, 1978.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. *Cronologia ilustrada de Fortaleza*: roteiro para um turismo histórico e cultural. V. 1 e 2. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

CAMPOS, Eduardo. *Cantador, musa e viola*. Rio de Janeiro: Editora Americana; Brasília: INL, 1973.

CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel*. São Paulo: Maltese, 1994.

_____. *Lyra popular: o cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Lisboa: Livraria Progresso Editora, s/d.

KUNZ, Martine. *Cordel, a voz do verso*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

_____. (Org.). *Zé Melancia*. São Paulo: Hedra, 2005.

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis: Vozes, 1988.

LEMAIRE, Ria. Entre oralidade e escrita: as verdades da verdade. In: *Actas do Congresso Literaturas marginais*. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2008.

_____. Folheto ou literatura de cordel: uma questão de vida ou morte. In: *Anais do XII Congresso de Folclore*. Natal: Comissão Nacional de Folclore, 2007.

LESSA, Orígenes. *A voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

_____. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Documentário, 1973.

LITERATURA popular em verso: Catálogo. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1961.

LITERATURA popular em verso: Antologia. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

LUYTEN, Joseph. *A notícia no cordel*. São Paulo: Sulina, 1990.

LOPES, Ribamar (Org.). *Antologia da literatura de cordel*. Fortaleza: BNB, 1982.

MARQUES, Alfredo. *Maranguape: sua gente, sua história, uma cronologia*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

MATOS, Edilene. *Ele, o Tal: Cuíca de Santo Amaro*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1998.

_____. *Minelvino Francisco Silva*. São Paulo: Hedra, 2000.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1997.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.

MORIN, Edgar. *A cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Grecel, 1976.

PAIVA, Natália. *Que bons ventos o trazem: o cão da Itaoca na Fortaleza dos anos 1920*. Fortaleza, Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social, da Universidade Federal do Ceará, 2006.

PIRES FERREIRA, Jerusa. *Cavalaria em Cordel*. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2003.

_____. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense / Universitária, 1984.

SALLES, Vicente. *Repente & Cordel*: literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: Funarte / Instituto Nacional do Folclore, 1985.

STORIES of Charlemagne and the Twelve Peers of France. London: Seely and Co. Limited, 1902.

TÚLIO, Demitri. *Das antigas*: crônicas escolhidas 1. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

GAZETINHA DE MOURA

cordéis

Em sua probação de arte.



Moisés Matias de Moura e dona Justina, sua esposa, em dezembro de 1949

GAZETINHA DE MOURA

Leitores prestem atenção
A Gazetinha de Moura
Que anuncia o passado
Em rima improvisadôra
E fica em atividade
De mais alguma vindoura.

Portanto caros leitores
Fiquem na atividade
Quando se der qualquer caso
Dentro ou fora da cidade
Esperem a Gazetinha
Que anuncia a verdade.

Eu historiador Moura
A ninguém nunca iludo
Aborreço o mentirozo
A verdade é meu escudo
Quem lê esta Gazetinha
Fica ciente de tudo.

O primeiro anuncio meu
Foi escrever o disastre
Do pequenino George
Do Sr. Cesar Cayat
Depois que escrevi esta
Eu fiz profissão de arte.

Depois escrevi o verso
Da pobreza proletaria
Quando o Capitão Sombra
Chamou a classe operaria
E formou o seu partido
Campanha Legionaria.

Depois escrevi o verso
Da planta de Fortaleza
Que divide a cidade
Com toda sua beleza
Quem nunca viu já conhece
O verso conta a certeza.

Depois escrevi o verso
Do amor de Iracy
Moça de mais boniteza
Nen hum a igualou a si
Seu pae era pobrezinho
Mas vivia sobre si.

Depois escrevi o verso
De três vultos elevados
Os três jovens maranhenses
Que morreram afogados
No Porto de Fortaleza
Os leitores estão lembrados.

Depois escrevi o verso
Do vulto que se acabou
O Sr. Dr. José Sombra
A machina do trem matou
Lá perto do pavilhão
Que alguém prezenciou.

Depois escrevi o verso
Da morte do Português
Um socio de padaria
Que deixou tanto freguês
Morreu também afogado
Quando chegou sua vez.

Depois escrevi o verso
A historia conhecida
De Maria com Walfredo
A melhor de minha vida
Que estudei do romance
Da Princeza Seduzida.

Depois escrevi dois versos
Os dois que agora falo
A crise de trinta e dois
E a rebelião de São Paulo
Que naquela data deu
No Brazil um grande abalo.

Depois escrevi verso
Agradaram ao escritor
A nova administração
Que serviu para o leitor
Quando o Capitão Roberto
Aqui foi interventor

Depois escrevi o verso
Daquele grande embarço
Todos acontecimentos
Do dia 4 de março
Do Tenente José Bezerra
Que ajudei tirar do laço

Depois escrevi o verso
A verdadeira certeza
Do Navio Misterioso
Do Porto de Fortaleza
Que aparece no Porto
Com garboza boniteza

Depois escrevi um verso
Sem me arredar do trilho
Porque eu por um anuncio
Sou como frango por milho
Declarei como cazou-se
Uma mãe com seu filho

Depois escrevi o verso
De Moysés e Terezinha
Que eu era espozo
Ela éra espoza minha
Morreu me deixou viuvo
Cumprindo a sorte mesquinha.

Depois escrevi o verso
De Dalila com Gaspar
O verso mais importante
Serviu de admirar
Ensina perfeitamente
Como se deve amar.

Depois escrevi o verso
Que não saiu de meu laço
Que foi quando os 2 partidos
Pegaram a queda de braço
Que se viu na Legião
Bonito pulso de aço.

Depois escrevi um verso
Me doendo o coração
Trespasado de tristeza
Fugindo a pena da mão
Publiquei a vida e a morte
Do Pe. Cícero Romão.

Depois escrevi o verso
Da tragedia do amor
A vitima Alderi Bezerra
Sua mãe fez um clamor
Quem perde um filho por certo
No coração sente dôr.

Depois escrevi o verso
Das colunas do mercado
Que pelo Dr. Campelo
Foi muito bem desenhado
E pelo Mestre Velozo
Foi o predio levantado.

Depois escrevi o verso
Da jumenta lançadeira
Foi assim intitulada
Por ser braba e corredeira
Passou 6 dias no mato
Selada na capoeira.

Depois escrevi o verso
Um livrinho fabuloso
Foi estrela das estrelas
Catolico religioso
Para ensino dos errados
Neste mundo enganozo.

Depois escrevi o verso
Muito bom especial
Que foi o de profecia
Do profeta Frei Vidal
Pois o que profetizou
Já se viu tudo afinal

Leitores nos meus repentes
Todas noticias não vinha
Mas hoje tem um anzol
E eu pegado na linha
Não me escapa um anuncio
Cai tudo na Gazetinha.

Como bem os suicidios
Que verificou-se aqui
Como o cabo do Exército
Com o fuzil matou a si
O empregado da A Grota
O motorneiro Alderi.

Torquato quando morreu
Estava de guarnição
Na Delegacia Fiscal
Matou-se com sua mão
Botou o fuzil no queixo
Desparou cahiu no chão.

Suicidou-se Torquato
Fez esta grande arrelia
Porque estava devendo
É que o povo avalia
Outros dizem que foi desgosto
Dele com sua familia.

Torquato era um menino
No vinho robusto e forte
Nunca ninguém via ele
Se lastimando da sorte
Passeou com sua espoza
Nas vespera de sua morte.

Tudo isso são fraquezas
Ou então gente ruim
Antes de chegar seu dia
Por si proprio deu fim
Oh! Meu Deus que grande horror
O mundo não era assim.

Morreu tambem de desastre
Um pobre trabalhador
Viuvo com tres filhinhos
Era um homem vivedor
Chamado Artur Graviola
A bordo era estivador.

Vinha na rua Boris
 Descuidado e violento
 De morrer naquela hora
 Não tinha tal pensamento
 A Pronto Socorro vinha
 Pegou naquele momento.

O chauffeur naquela hora
 Quase me perde o sentido
 Foi verificar quem era
 Viu que já tinha morrido
 Movimentou o seu carro
 Deixou no chão caído.

No local que ele morreu
 Aglomerou-se de gente
 Chegaram os irmãos do morto
 Choravam como inocente
 Quando o chauffeur voltou
 Todos lhe tomaram a frente.

Um cabo da Guarda Civica
 Deu-lhe ali voz de prizão
 O chauffeur não atendeu
 E pizou na direção
 Movimentou o carro
 Fugiu nessa ocasião.

Foi se entregar a policia
 A sua historia contou
 O delegado prendeu
 Com poucas horas o soltou
 Porque viu que o chauffeur
 A proposito não matou.

Só não levou o cadaver
 Porque já tinha morrido
 Se são a Pronto Socorro
 Tinha ele conduzido
 A familia tomou conta
 Chorando em alto gemido.

Antes de haver veiculos
 Morria quasi ninguem
 Depois que apareceu
 Tem dias de morrer cem
 Alem dos que Jesus mata
 Os carros matam tambem.

Este ano em Fortaleza
 Foi ano de arrelia
 Assassinou-se um padeiro
 E um dono de padaria
 As quatro horas da manhã
 Ainda o povo dormia.

Um dono de padaria
Confiou-se em ser patrão
Foi surrar um empregado
Na mesma repartição
Porque não tinha prestado
A conta certa do pão.

Então ahi o empregado
Por não querer apanhar
Investiu em cima dele
Para o chicote tomar
O patrão naquela hora
Fêz uso de lhe atirar.

Quando atirou no padêiro
Atingiu o coração
O padeiro uzou da faca
Naquela ocasião
Dando-lhe muitas facadas

Ambos ficaram no chão.
Por causa de pouca soma
Hoje estão sepultados
Nem o padeiro pagou
Os pães que tinha apurado
Nem o patrão se logrou
Do que já tinha guardado.

O padeiro merecia
Que fosse mais cavalheiro
E o seu patrão devia
Não ser tão interesseiro
Não tivesse dado a vida
Por tão pouquinho dinheiro.

A 16 de outubro
De 34 presente
No Sindicato da Light
Ouve um festival decente
O Sr. Capitão Sombra
Falou com todos na frente.

Falou expondo a todos
Qual éra o seu ideal
Que todos compreenderam
Que o distinto oficial
Queria que todos pobres
Uzassem a lei Sindical.

Ele estava falando
De lado com sua espoza
Que representava ser
Um quadro de fina louza
Eu de lado apreciando
Memoriei muita couza.

Sr. Severino Sombra
Se condoe dos soffredores
E diz ninguem não se iluda
Com partidos iludidores
Que melhora mas esquece
Os pobres trabalhadores.

Sr. Severino Sombra
Quando está orando diz
Que com fé no pai eterno
Faz o Brasil feliz
Só ficará ao relento
Quem acompanhar não quis.

Ingressai povo! Ingressai
A campanha Legionária
Porque é a defensora
Da pobreza proletaria
É a única salvação
Da classe pobre operaria.

Viva o Capitão Sombra
Com os seus Legionarios
Morra os Partidos burgueses
Com os falsos comentarios
Iludindo a humanidade
Com conselhos arbitrarios.

A 14 de outubro
No dia da eleição
Era tanto boletim
Chamando o povo atenção
As chapas de candidatos
Andavam de mão em mão.

Era o assunto do povo
Antes do dia chegado
Um queria outro queria
Um posto mais elevado
Não sei quantos candidatos
Na chapa de Deputado.

Nunca se viu no Ceará
Outra eleição mais falada
Até Raquel de Queiroz
Queria ser deputada
Fez aqui grandes comícios
Porem não foi apoiada.

A Liga Eleitoral Catolica
Teve maioria em votos
Parece que o Brasil
Se desmanchou em devotos
Serviu de admiração
O grande numero de catolicos.

Mas pelo que ouço dizer
A eleição é estranha
L. E. C. ganha e perde
P. S. D. perde e ganha
Se for assim como dizem
Isto de lei é façanha.

Leitores, caros leitores
Preste atenção agora
Uma grande barroada
Que peguei na ultima hora
Um caminhão com um bonde
Os eixos voaram fora.

Foi vitima da barroada
Aureliano Tavares
Tão moço, cheio de vida
De robusteza suaves
Entre um veiculo e outro
Duas feras insuportaves.

A 1º de outubro
Doze horas mais ou menos
Na linha Otavio Bonfim
Corria o bonde sereno
Barroou no caminhão
Quase morria o pequeno.

Neste mesmo dia deu-se
No Colegio Militar
Uma arrelia entre dois
Uma vida veio custar
Um pequeno matou outro
Não conseguiram apartar.

Foi tambem na ultima hora
Que este caiu no laço
Por isto caros leitores
Boa explicação não faço
Mas sei que ele matou
Armado de um compaço.

Deu-se mais um suicidio
Por causa de namorada
Um rapaz chamado Pio
Deixou sua apaixonada
A sua vida custou

Um tiro de espingarda.
Não sei qual o motivo
Deste acontecimento
Dizem que a sua mãe
Não queria o casamento
Ele não quiz acabar
Morrer foi o seu intento.

OS SOPRIMENTOS DA CRIADA
DA PRINCEZAS DOZIDA
MARIA E VALERIO

Não conheci o rapaz
Nem sei de onde seria
Sei que suicidou-se
Perto da enfermaria
Porque o seu casamento
A sua mãe não queria.

Não queria vê ele casado
Viu ele morto na cama
Não sei como uma mãe
Tem o seu filho e não ama
Depois que vê ele morto
É que se lembra e reclama.

Aviso ao rapaz solteiro
Alguns desgostos suporte
Lovem o pensamento a Deus
Que alcança a boa sorte
Por causa de amizade
Não vão se entregar a morte.

Aviso aos condutores
Não façam papel ridículos
Andarem com mais cuidado
Quando percorrer os círculos
Cuidado nas direções
Quando guiarem os veículos.

Aviso aos meus companheiros
Se escuzem de arrelias
Para nunca se matarem
Que questões não tem valias
Sempre o comum é deixar
Desamparada as famílias.

Acabou-se a Gazetinha
Esperem outra vindôra
Que sairá nesses dias
Em rima improvisadôra
Todo mez escreve uma
Moysés Matias de Moura.



OS SOFRIMENTOS DA CRIADA
DA
Princesa Seduzida

MARIA e WALFREDO

PELO HISTORIADOR BRASILEIRO
Moisés Matias de Moura

PREÇO 1\$000

FORTALEZA, 18-12-35

O autor reserva o direito de
propriedade

OS SOFRIMENTOS DA CRIADA DA PRINCEZASEDUZIDA

MARIA E WALFREDO

Leitores se não enfada
Leia esta narração
Leia a vida desta jovem
E preste bem atenção
Que saberão no final
Se a história é boa ou não.

Vou dar começo a história
Sem calúnia sem enredo
Eu quando escrevo um romance
A ninguém peço segredo
Vou tratar do casamento
De Maria com Walfredo.

Maria e Walfredo era
Uma donzela de fama
Que manchou seu nome honrado
Para salvar sua ama
Submeteu-se ao castigo
Fez de sua vida um drama.

Esta Maria ditoza
Era filha de Adriano
Sua mãe era Gertrudes
Tinha um coração humano
Porém o velho seu pai
Um orgulhoso tirano.

Este orgulhoso Adriano
De um rei era conselheiro
Devido a capacidade
Daquele herói estrangeiro
O rei confiava tudo
Desde a coroa ao dinheiro.

Este rei tinha uma filha
Que era a flor da beleza
Se chamava Catalina
Sem igual em boniteza
Por ter tanta fidalguia
Do reinado era princeza

Catalina então pediu
Ao rei uma criada
E só queria uma moça
Que fosse honesta e honrada
Porque só assim cabia
Ela ser acompanhada

O rei então prometeu
O que a filha falava
Consultou com Adriano
Para ver que geito dava
Como era conselheiro
Aquilo facilitava.

Disse Adriano ao rei
Dou-lhe uma criada bela
Para a gentil princeza
Confiar-se em tudo nela
Só Maria minha filha
Poderá servir a ela.

Disse o rei a Adriano
É muita delicadeza
Você dar a sua filha
Para servir a princeza
Eu morro mas não lhe pago
Se fizeres esta fineza.

Chegou Adriano em casa
Foi dizendo a sua filha
Você vai ser empregada
Da estrela que mais brilha
A princeza do reinado
Mas sei que Gertrudes estrilha.

Disse Gertrudes a Adriano
Você deu uma errada
Em fazer de nossa filha
Tão querida, uma empregada
Maria disse mamãe
Nossas lágrimas são dobradas.

Ou seja dobrada ou não
Tens de fazer meu mandado
Aonde você se emprega
Eu também sou empregado
Se você manchar seu nome
Eu também fico manchado.

Disse Gertrudes chorando
Tu te comparas com ela
Em você não pega mancha
Toda mancha pega nela
Nada existirá mais fino
Do que nome de donzela.

Disse Adriano eu já disse
Ao rei que ela hia
Ele ficou satisfeito
Com prazer e alegria
Porque a sua princeza
Tinha boa companhia.

Disse Gertrudes ela vai
Porque você prometeu
Já não pode mais faltar
Senão quebra o trato seu
Mas você é o culpado
Que a filha ofereceu.

Afinal Maria foi
 Para servir a princeza
 Chegando foi abraçada
 Com toda delicadeza
 Catalina disse agora
 Você vai bancar fineza.

Esta princeza a Maria
 Consagrou tanta amizade
 Parecia ser irmã
 Deu-lhe toda liberdade
 Porem o mundo não deixa
 De arrastar novidade.

Um dia chegou um príncipe
 Hospedou-se no reinado
 P príncipe viu a princeza
 Ficou logo apaixonado
 Da mesma forma a princeza
 Disse achei meu namorado.

Logo imediatamente
 Falou logo em casamento
 A princeza deu o sim
 Cheia de contentamento
 O príncipe pediu ao rei
 Ficou tudo em andamento.

Antes disso Catalina
 Só andava mais Maria
 Se a criada não fosse
 A ama também não hia
 De formas que elas duas
 Só andavam em companhia.

Depois que a princeza
 Do príncipe foi namorada
 Dispensava a companhia
 Da sua fiel criada
 Só queria andar sozinha
 De seu noivo acompanhada.

Um dia Maria lhe disse
 Minha ama tenha cuidado
 O homem é falso dormindo
 E avalie acordado
 Só dê confiança a ele
 Quando estiver casado.

Disse a princeza a Maria
 Não tenha cuidado em mim
 Nem desconfie em meu noivo
 Ele não procede assim
 Mesmo parece não ter
 Caráter de homem ruim.

Continuou a princeza
Com o noivo a passear
E Maria não deixava
Sempre de lhe aconselhar
Dizendo estes passeios
Faz a minha alma chorar.

Em poucos dias depois
Veio um jovem passeiar
Na residência do rei
Tinha negocio a tratar
Este jovem viu Maria
Pediua-a para casar.

O rei lhe disse que dava
Com toda satisfação
Ela é uma criada
Da minha estimação
Companhia da princeza
Corda de meu coração.

Era chamado Walfredo
Este noivo de Maria
Tinha riqueza bastante
Dobrada sabedoria
Adriano satisfeito
O casamento queria.

Afinal hia a princeza
E Maria se casar
A vida de uma e outra
Era amor relatar
Mas Maria não sabia
Com seu noivo passeiar.

Catalina hia casar
Naquele ditoso mez
Estava muito animada
Que casava desta vez
Coitada estava enganada
De tantos planos que fez.

Porque seu noivo embarcou
Prometendo que voltava
E naquele mesmo mez
Com a princeza casava
Ficou a pobre esperando
Por quem despreso lhe dava.

O príncipe André Santiago
O noivo de Catalina
Veio mandado do demônio
Cortar sua boa sina
Antes ela fosse morta
Em criança pequenina.

Porque dos passeios que deu
Com ele ficou beijada
Por não tomar os conselhos
Que dava sua criada
Terminou sempre chorando
Quando se viu desprezada.

Porque o noivo embarcou
E ela ficou esperando
E a criada dizendo
Minha ama finda chorando
Ele cá não volta mais
Pode ir se desenganando.

O tempo foi passando
Nada do noivo chegar
Até que chegou o dia
Da princeza descansar
Não sabia o que fizesse
Para a criança ocultar.

Falou com sua criada
Para ver que geito dava
A criada respondeu
Que a criança não criava
Se lembra quando eu dizia
Que a minha ama chorava!

Tornou falar a princeza
Maria tens dó de mim
Pelas chagas de Jesus
Não seja grosseira assim
Eu nunca pensei no mundo
De você ser tão ruim.

Pela hóstia consagrada
Por Jesus que nos criou
Por tantas gotas de sangue
Que ele na cruz derramou
Encobres a minha falta
Que entre nós se passou.

Disse Maria faz pena
Seu nome sahir na rua
Eu não posso lhe salvar
Dessa situação sua
Disse a princeza tú pode
Dizendo a criança é tua.

Ave Maria princeza
Que conselho é este seu
Querer limpar seu nome
E querer sujar o meu
Uma donzela manchada
É uma arvore que morreu.

Mesmo assim vou me casar
Já comprei minha aliança
Não posso lhe prometer
De ser mãe dessa criança
O que dirá Walfredo
Meu anjo da esperança.

Disse a princesa a Maria
Eu reparto com você
A metade da riqueza
A que a mim pertencer
Dou-lhe mais meu anelão
Dá para te enriquecer.

Disse Maria a princesa
Toda riqueza se some
Quero morrer na pobreza
Do que ser rica sem nome
Eu sendo honrada e honesta
Walfredo mata-me a fome.

Nestas palavras a princesa
Abraçou sua criada
Pegou nas mãos apertou
Beijou seus pés ajoelhada
Dizendo toma a criança
Não me deixa envergonhada.

Maria naquela hora
Lembrou-se da Santa Sé
Abraçou a sua ama
Valeu-se de São José
Disse a criança é minha
Vou lutar contra a maré.

Disse a princesa a Maria
Quando a criança dormir
Pega ela e vai embora
Pra ninguém presentir
E quando precisar de mim
Estarei sempre a servir.

Mas é preciso Maria
Tu jurar com os dois dedos
Como a criança é tua
Guarda os nossos segredos
Para o povo fuxiqueiro
De mim não fazer enredos.

Maria disse eu lhe juro
Nunca hei de descobrir
Serei mãe desta criança
Vou sua falta encobrir
Embora fique manchada
Sem mancha em mim existir.

Afinal foi-se a criada
Conduzindo a criancinha
Para a casa de seus paes
Dar desgosto a mamãezinha
Sem ter cometido falta
Do geito que sahiu vinha.

Quando foi chegando em casa
Foi mudando de feição
A dor que lhe acompanhava
Lhe feria o coração
Chegando se ajoelhou
A sua mãe tomou a benção.

Gertrudes lhe abençoou
E disse filha querida
Porque é que vens chorando
E triste assim tão sentida
De quem é essa creança
Que trazes ahi envolvida

Maria banhada de lagrimas
A sua mãe respondeu
Esta criança é minha
Por meus pecados nasceu
Disse Gertrudes você
Tão depressa endoideceu.

Recolha-se para seu quarto
Para Adriano não ver
Quando ele entrar em casa
Vás a criança esconder
Quando ele souber disto
Fica logo a se morder.

Assim passou alguns dias
Maria enquartelada
Adriano satisfeito
Visto não saber de nada
Porem notava Gertrudes
Andando desconfiada.

Um dia Adriano estava
Em uma sonata bela
Viu um choro de criança
Acorda e acende a vela
Foi no quarto de Maria
Viu a criança mais ela.

Quando foi vendo a criança
Fez logo grande alvoroço
Quis tirar na mesma hora
De sua filha o pescoço
Disse Gertrudes desculpa
Doidice de quem é moço.

Desculpe o que disse ele
Você é alcoviteira
Eu hoje dou um sumiço
A essa casamenteira
Gertrudes disse meu velho
Deixa de tanta besteira.

Besteira o que diabo velha
Tu ainda vens falar
Eu mato você e ela
E quem vier adular
O coração só me pede
De Maria eu degolar.

Com raiva disse o Walfredo
O que tinha sucedido
Walfredo ficou vexado
Quase que perde o sentido
Disse eu não vou casar com ela
Antes não fosse nascido.

Walfredo amava a Maria
De todo seu coração
Porque Maria era linha
Em qualidade e feição
Quase morre de desgosto
Quando viu dela a ação.

Walfredo foi visitá-la
Para sahir do engano
Porque não acreditava
No que lhe disse Adriano
Não esperava Maria
Dar-lhe um desgosto tirano.

Chegou lá chamou por ela
Coberto de cerimônia
Maria veio encontrá-lo
Lagrimosa tão tristonha
Com a criança nos braços
Fingindo um sem - vergonha.

Walfredo lhe perguntou
O que foi isto Maria
Ela disse foi a sorte
Que contra mim andaria
Tú vieste me matar
Por ti eu morrer queria.

Walfredo disse Maria
Querias morrer por mim
Como perdeste a cabeça
E procedesses assim
Disse ela vens me salvar!
Se não é triste o meu fim.

Walfredo disse Maria
Confessa tua verdade
Se essa criança é tua
Declara por caridade
Ela disse é minha filha
Mas conservo a virgindade.

Walfredo disse Maria
Estás louca do sentido
Como é virgem uma moça
Tendo um filho nascido
Me submeta a exame
Que ficarás convencido.

Vá chamar o melhor médico
Que houver nesta cidade
Venha com ele presente
Que conheces a verdade
Você fica convencido
Se usei de falsidade.

Pegou Walfredo a pensar
Como podia fazer
Um exame em sua noiva
Para o publico não saber
Foi consultar com o velho
Para dar-lhe um parecer.

O velho disse Walfredo
Não precisa do exame
O meu desejo é matar
Aquela maldita infame
Que manchou o nome dela
E fez do meu um reclame.

Walfredo lhe respondeu
Eu já conversei com ela
Jurou que estava virgem
E a criança era dela
Disse Adriano já visse
Mãe de família donzela.

Vou expulsá-la de casa
Não quero vê-la na vista
E apontou com o dedo
Suma-se infeliz maldita
Desocupe minha casa
Está acabada a conquista.

Sahiu Maria de casa
Sem destino aonde hia
Com a criança nos braços
Era a sua companhia
Levara muita riqueza
Mas a ela não servia.

Logo no primeiro dia
Viajou o dia inteiro
Por dentro de uma mata
Era grande o lagrimeiro
A tardinha hospedou-se
Debaixo de um joazeiro.

Passou três dias no mato
Sem ninguém dela saber
Fez uma casa de espinho
Para aumentar o seu sofrer
Só lhe doía a criança
Não ter nada que comer.

Estava ela na mata
Walfredo em casa choroso
Com três dias disse ao velho
Não seja tão rigoroso
Vamos atrás de Maria
Deixe de ser orgulhoso.

Disse o velho eu não vou
Pois não há necessidade
De ir atrás de uma filha
Que não tem honestidade
Querendo ir pode ir
Dou-lhe toda liberdade.

Walfredo disse eu vou ver
A minha amante querida
Que eu amo tanto ela
Como a minha própria vida
Foi sahir no joazeiro
Aonde achou ela caída.

Walfredo chegando disse
Venha cá minha querida
Ela disse vá embora
Deixe eu morrer esquecido
Se hás de me fazer carinho
Antes tira minha vida.

Walfredo disse Maria
Estás me desconhecendo
Ela disse não, eu quero
Que fiques compreendendo
Que estou sofrendo injusta
Mas Jesus está me vendo.

Maria tinha no dedo
Um rico anelão no dedo
Custou vinte mil contos
Que sua ama tinha dado
Walfredo vendo o anel
Ficou bastante espantado.

Ele pegou não mão dela
 Disse tens essa riqueza
 Ela disse esse anelão
 Quem me deu foi a princeza
 Quando eu era empregada
 Porque me tinha firmeza.

Walfredo era acadêmico
 De muita sabedoria
 Consigo disse a criança
 Não é filha de Maria
 Este anelão agora
 Me trouxe o que eu queria.

Se despediu de Maria
 Foi se ter com Adriano
 Chegou lá disse meu sogro
 Vou lhe tirar do engano
 Aquela criança é filha
 Da filha do soberano.

Porque Maria mostrou-me
 Um anelão que ela deu
 Custo de vinte mil contos
 Quando eu vi me suspendeu
 Aquele anelão mais tarde
 Descobre o que sucedeu.

Peço ao Sr. Adriano
 Por estas horas que são
 Vista-se em trajes de médico
 E faça a examinação
 Para ficar na certeza
 Se ela está virgem ou não.

Adriano respondeu
 Ainda estás inludido
 Eu não queria mais vê-la
 Estava dela esquecido
 Mas como você me pede
 Vou lhe fazer o pedido.

Vestiu-se em trajes de médico
 Foi a filha receitar
 Walfredo lhe acompanhou
 Para ciente ficar
 Nestas horas as aves todas
 Se deliraram a cantar.

Sahiram quando chegaram
 Aonde ela estava chorando
 Foram vendo o joazeiro
 Numa casa transformada
 E ela com a criança
 Numa cama bem forrada.

Ambos viram o milagre
Da arvore desencantada
Foram dizendo Maria
Tú vais ser examinada
Maria disse pois não
Não tenho medo de nada.

O velho fez o exame
Naquela flor merecida
Se arrependeu do que fez
Com sua filha querida
Porque achou a donzela
Da forma que foi nascida.

Se ajoelhou em seus pés
Chorando pedindo perdão
A filha lhe perdoou
De todo seu coração
Walfredo ficou lavado
Cheio de satisfação.

Walfredo disse ao velho
Já conhecendo a verdade
Adriano respondeu
Desculpe por caridade
Castiguei minha filha
Com perfeita honestidade.

Levou ela para caça
Com grande contentamento
Esquecido de outrora
Que tinha constrangimento
Desde o dia para o outro
Foi tratar do casamento.

Quando chegaram em casa
Que Gertrudes viu a filha
Chorando disse vem cá
Estrela que tanto brilha
Sofreu tanto injustamente
Minha flor de maravilha.

Maria disse mamãe
Toda amargura tem fim
Passei fome passei sede
Mas um anjo serafim
Quando menos esperava
Jesus Christo foi a mim.

Disse Adriano a Maria
Que mistério é este seu
Ser mãe de uma criança
Que de você não nasceu
Tua historia dá um drama
E elogios a quem escreveu.

A PRINCEZA DO BOM JARDIM
E OS MILAGRES DE SÃO JOÃO

Maria disse meu pai
Não sou caixa de enredo
Apenas posso dizer
Que sou chave do segredo
Não descubro nem que peçam
Pelo amor de Walfredo.

Maria disse Walfredo
Eu te quero tanto bem
Você com raiva me mata
Eu digo que foi o trem
Porem morro e não descubro
Nem a ti nem a ninguém.



Afinal que se casou
Seus amores progrediu
Quem leu a historia sabe
Como a criança surgiu
Porem aquele segredo
Maria não descobriu.

Chegamos no fim do verso
Da criada sofredora
Escrevi porque nasci
Na veia improvisadora
Desculpe os erros que deu
Moisés Matias de Moura.

LETRAS DO POÊTA
Moisés Matias de Moura
A PRINCEZA DO BOM JARDIM E OS



MILAGRES DE SÃO JOÃO
— PREÇO Cr\$ 150 —

A PRINCEZA DO BOM JARDIM E OS MILAGRES DE SÃO JOÃO

Oh! Musa da poesia
Ti assenta junto de mim
Vem ajudar-me a escrever
Do começo até o fim
A história da princeza
Da ilha do Bom Jardim

A ilha do Bom Jardim
Pertencia ao Rei Facundo
Que naquela ilha era
Um primeiro sem segundo
E pai de uma princeza
A mais bonita do mundo

A esposa do Rei Facundo
Era chamada Benvinda
A princeza era Lindalva
Mas só lhe chamavam linda
Como ela em boniteza
Ninguém tinha visto ainda

O monarca todo ano
Tinha por obrigação
Fazer uma grande festa
Na noite de São João
Por ser o Santo que êle
Tinha a sua devoção

E naquela mesma data
Lindalva fazia ano
E era o maior prazer
Para aquele soberano
De ver os seus convidados
Beber de lascar o cano

E quando Lindalva fez
Cinco anos de idade
Rei Facundo convidou
O pessoal da cidade
Para a noite de São João
A festa da mocidade

Prepararam uma fogueira
Com grande satisfação
Dizendo esta fogueira
É da minha devoção
E das minha mocidades
Fizeram adivinhação

E quando chegou a noite
Muita gente se encontrava
Fazendo adivinhação
Para ver com quem casava
Lindalva com cinco anos
Tudo aquilo observava

A PRINCEZA DO BOM JARDIM
E OS MILAGRES DE SÃO JOÃO

Observava e dizia
Consigo no pensamento
Não faço adivinhação
Mas tenho um entendimento
Que esta noite vou sonhar
Com quem é meu casamento

E com aquela atitude
Retirou-se de momento
Deitou-se mas tirava
Aquilo do pensamento
E viu chegar um menino
Lhe falando em casamento

Era um menino bonito
Alvo de cabelo louro
Se abraçava com ela
Dizendo és meu tesouro
Tenho a mesma tua idade
É ouro engolindo ouro

Lindalva ainda não tinha
Dormido aquela hora
E perguntou de momento
Menino onde tu mora
O menino respondeu
No jardim da Branca Aurora

Menino diz teu nome
Para eu me lembrar de ti
Eu me chamo Diterom
Mas só me chamam Didi
Quero teu nome também
Para me lembrar de si

Você só tem cinco anos
E eu com cinco também
Vamos esperar mais treze
Que com dezoito convém
Se unirmos em casamento
Impedimento não tem

Sou príncipe da Branca Aurora
Meu pai é o Rei Crispim
O seu pai também é Rei
Da ilha do Bom Jardim
Eu nasci para você
Você nasceu para mim

Adeusinho eu vou embora
Serei eu o teu esposo
Eu vou repousar em casa
Tu fica no teu repouso
Vamos esperar treze anos
Para Deus nada é custoso

Aqui terminou o sonho
Daquela princeza linda
O menino foi embora
Ela esperou sua vinda
Vamos ao fim da história
Para ver como é linda

No reino da Branca Aurora
Habitava o Rei Crispim
Sabemos que o Rei Facundo
Na ilha do Bom Jardim
De um para o outro reino
Era largura sem fim

São João obrou milagre
Na noite da boniteza
Baixou do Céu para a terra
Trazendo uma vela acêza
Mostrando aquêlê menino
Aquela linda princeza

E com aquela lembrança
A menina foi crescendo
Ausente de seu amante
Os tempos foram vencendo
Quando ela fez quinze anos
Algo foi aparecendo

Lindalva com quinze anos
Lhe chegava todo dia
Proposta para casamento
Porém ela não queria
A lembrança do menino
Da cabeça não saia

Até que seu pai um dia
Chamou Lindalva a atenção
Dizendo aqui chega príncipe
De alta consideração
Lhe falando em casamento
E você faz mangação

Ela disse: sim papai
O meu dia não chegou
Dos príncipes que já tem vindo
Nenhum dêles me agradou
Quando o meu aparecer
Eu participo ao senhor

Com mais dois anos a frente
O Rei Crispim propôs guerra
Querendo do Rei Facundo
Tomar o trono e a terra
Diterom disse papai
Sua barca agora emperra

Em destronar êste Rei
O Sr. nunca mais pense
Porque aquele reinado
Ainda um dia me pertence
O Sr. para tomar
Luta muito mas não vence

A ilha do Bom Jardim
Pertence ao Rei Facundo
E é pai de uma menina
A mais bonita do mundo
Se não me casar com ela
Me acabo num segundo

Você conhece este reino?
Me responda no momento
Sim papai eu só conheço
Porque tive entendimento
Com a filha dêste Rei
E lhe falei casamento

Quando foi isto rapaz?
Desta vez você mentiu
Nunca me faltaste em casa
Como foi que você viu
Nem mesmo o retrato dela
Em jornal nunca saiu

Papai eu digo ao Senhor
Que eu não sou mentiroso
Quando eu tinha cinco anos
Dormindo no meu repouso
Sonhei com esta menina
Me chamando de esposo

E nesta noite papai
Eu em sonho viajei
Fui parar em um reinado
Aonde era não sei
E lá vi esta menina
A casamento falei

Eu entrei no quarto dela
Encontrei ela dormindo
Estava sonhando comigo
E neste sonho sorrindo
Quando me viu foi dizendo
Chegaste meu anjo lindo

Chegaste na bôa hora
Que eu estava esperando
Quando entraste no meu quarto
Contigo estava sonhando
Estais no meu pensamento
Em criança te amando

Passou o resto da noite
Até que rompeu a aurora
Ele disse queridinha
Adeusinho eu vou embora
Tenho que chegar em casa
Antes de passar a hora

Ela deu-lhe adeus e disse
Tu és um anjo perfeito
Fico esperando por ti
Outro homem não aceito
Daqui a mais treze anos
Nosso casamento é feito

O Rei Crispim ouviu tudo
Que o seu filho dizia
E disse isso é um mistério
Que a divindade trazia
Foi estudar como era
Que aquilo desfazia

Disse com seus botões
Esta amizade eu dou fim
Vou viajar a navio
Por êste mundo sem fim
Para ver se eu descubro
A ilha do Bom Jardim

Preparou uma esquadra
Em navio viajou
Levando também seu filho
Que com a moça sonhou
Quando andaram 15 dias
O Bom Jardim avistou

Aportou o seu navio
E quando em terra pizou
Sentiu um choque tão grande
Que sua alma gelou
De quem é este reinado
A um homem perguntou

E o homem respondeu-lhe
Naquele mesmo segundo
Este reinado pertence
Ao Sr. Rei Facundo
O pai de uma princeza
A mais bonita do mundo

O rei Crispim ouvindo isto
Olhou o filho e sorriu
E disse na mesma hora
Sei que você não mentiu
Quando findou a palavra
Deu-lhe um desmaio e caiu

Nisto chegou muita gente
Para ver o ocorrido
A tripulação pensava
Que êle tinha morrido
Rei Facundo também veio
Saber do acontecido

Chegou e foi perguntando
Quem é que está assim
O filho respondeu
É meu pai o Rei Crispim
Que veio aqui visitar
A ilha do Bom Jardim

Nesta hora o rei Facundo
Olhou bem para o rapaz
Disse consigo êste príncipe
Eu acho muito capaz
De casar com minha filha
Que é bonita demais

Mandou vir medicamento
Para dar ao rei Crispim
Veio médico especial
Da ilha do Bom Jardim
O príncipe disse consigo
Nunca vi bondade assim

Com meia hora de cura
Rei Crispim se levantou
Vendo aquela multidão
Daquilo se admirou
E pelo rei Facundo
Nesta hora perguntou

O Rei Facundo pediu
Um transporte especial
E levou o Rei Crispim
Para o Palácio Real
Aonde toda a família
Veio conhecer o final

Chegando toda a família
Lindalva também chegou
Diterom quando avistou
Quase pasmado ficou
Da boniteza que viu
E do sonho se lembrou

E Lindalva vendo êle
Disse chegaste em hora
Que seu estava me lembrando
Do Príncipe da Branca Aurora
Os dois reis aí disseram
O que faremos agora

Rei Crispim e Rei Facundo
 Tiveram um só pensamento
 De casar aqueles jovens
 Sem haver impedimento
 Que com cinco anos de idade
 Contrataram casamento

Porque Lindalva em creança
 Teve o sonho vantajoso
 Não fez adivinhação
 Para ver o seu esposo
 Mas recebeu o milagre
 De São João o Milagroso

Lindalva disse papai
 Vou casar com Diterom
 Amei-o desde criança
 São João deu-me êste Dom
 Diga se quer ou não quer
 Facundo disse está bom

Rei Crispim ouvindo isto
 Disse meu filho é dotado
 Parece que a providência
 Anda com ele de lado
 Dou-lhe de presente agora
 Vai ser dono do reinado

Rei Facundo também disse
 Não ponho impedimento
 Porque foi o meu São João
 Que quiz êste casamento
 Tenho devoção a ele
 Não sei de meu pensamento

E dizendo ao Rei Crispim
 Como é de nosso agrado
 Você só volta ao seu Reino
 Com o seu filho casado
 Vamos fazer um festim
 Que fique comemorado

Isto foi a vinte e três de junho
 Num dia de quarta-feira
 Faltavam só vinte dias
 Para o dia da fogueira
 Este casamento vai
 Sêr a nossa brincadeira

Para vinte e três de junho
 Foi marcado o casamento
 Rei Crispim e Rei Facundo
 Cheios de contentamento
 Na noite de São João
 Foi grande o divertimento

Rei Facundo fêz convite
Ao povo de sua nação
Para assistirem esta festa
De grande animação
E na noite da fogueira
Fizeram adivinhação

Rei Crispim disse é preciso
Eu ir ao meu Reino agora
E trazer minha esposa
Para assistirem na hora
E conhecer no momento

A sua futura nora
Disse Facundo é verdade
Ela deve está presente
Para assistir o festim
Não pode ficar ausente
Sendo ela a mãe do noivo
Precisa ficar na frente

Rei Crispim se despediu
Daquela festa animada
Com Deus e Nossa Senhora
Vou fazer minha jornada
Na véspera do casamento
Esperem minha chegada

A esposa de Crispim
De tudo estava inocente
Já fazia quinze dias
Que o Rei estava ausente
Chegou quando esperava
Já estava impaciente

Quando ele chegou me casa
Encontrou ela chorando
E naquela mesma hora
Pelo filho foi perguntando
O Rei respondeu a ela
Deixei êle namorando

Quem é esta namorada
Me diga nêste segundo
Disse êle com a princeza
A filha do Rei Facundo
Mais bonita do que ela
Não pode existir no mundo

A esposa dêle disse
Fala a verdade Crispim
Você foi mesmo parar
Na ilha do Bom Jardim
Disse êle eu acertei
Nunca vi lonjura assim

Na hora que cheguei lá
 Perguntei em um segundo
 Quem é o Rei dêste reino
 Disseram é o Rei Facundo
 O pai de uma princesa
 A mais bonita do mundo

Quando me disseram isto
 Deu-me um ataque e cai
 Mas foi devido o prazer
 Que nesta hora senti
 Que do sonho do meu filho
 A realidade eu vi

Na hora que eu caí
 O Rei Facundo chegou
 Deu-me bons medicamentos
 E logo me carregou
 Para o Palácio Real
 E a môça me apresentou

Quando avistei a môça
 No momento fiquei mudo
 E do sonho dos meninos
 Ali se descobriu tudo
 Rei Facundo nesta hora
 Declarou a todo mundo

Rei Crispim disse a Facundo
 Ali naquele momento
 São João é milagroso
 Temos esclarecimento
 E será ele o padrinho
 Dêste feliz casamento

E eu vim só lhe buscar
 Para assistir o festim
 No dia de São João
 Na ilha do Bom Jardim
 Na véspera estão preparando
 Tudo esperando por mim

Então no dia marcado
 Foi chegando o Rei Crispim
 Levando sua consorte
 para assistir o festim
 Do príncipe com a princeza
 Da ilha do Bom Jardim

Dêste dia para o outro
 Chegou gente em demasia
 Poetas de toda parte
 Recitando poesia
 Louvando a noiva e o noivo
 Um e outro assim dizia

Viva a princeza Lindalva
Que amou desde menina
Com cinco anos de idade
Era muito pequenina
Quando apareceu em sonho
O amor de sua sina

Dou viva ao Rei Facundo
E sua esposa Benvinda
Pai e mãe desta princeza
Lindalva que chamam Linda
Que bonita como ela
Ninguém tinha visto ainda

Viva o Sr. São João
Que todo o povo festeja
Tudo em roda de fogueira
Onde um e outro graceja
Que chegou aquela data
Que a moçada deseja

Naquela data fagueira
Ficou gravada em memória
Os poetas recitaram
E alcançaram vitória
Moisés que lá estava
Escreveu esta história

E se acharem ruim
Desculpem por caridade
Que todos poetas erram
Esta é que é verdade
E eu que não tive estudo
Com especialidade

Me comprem um livro dêste
Para ajudar a Moisés
Que não anda bem vestido
E sem sapato nos pés
Compre e espere que Deus
Aumentará seus anéis

Aqui termino leitores
A história teve fim
Nasceu de meu pensamento
Por isso escrevi assim
Se encontrarem algum erro
Queiram desculpar a mim

Aqui termino a história
Da princeza encantadoura
A musa da poesia
Com sua mão vencedoura
Ajudaram ao poeta
Moisés Matias de Moura

AMOR DE MAIS TAMBEM MATA



COMO MATOU

Nisa Felix Rodrigues

PELO HISTORIADOR

Moisés Matias de Moura

PREÇO Cr\$ 2,00

AMOR DE MAIS TAMBEM MATA COMO MATOU NISA FELIX RODRIGUES

Nessa historia a gente vê
que amôr de mais tambem mata
como matou Niza Felix
que nessa historia delata
provando que seu amôr
nem com a morte se gasta.

Na serra de Baturité
mesmo no Sítio Limeira
deu-se uma sena de amôres
nunca vi desta maneira
de todas senas de amôres
como esta foi a primeira.

O amôr tem tanta força
que mata e ninguem não sente
como matou Niza Felix
que agora faço ciênte
com pena de amôr
morreu estantanamente.

Éla amava Antonio Amancio
um jovem trabalhador
e nesse Sítio Limeira
era administrador
do nobre senhor João Lopes
no seu sítio morador.

Então o senhor João Lopes
de Antonio Amancio gostava
basta que todo serviço
a Antonio Amancio entregava
era o trabalhador
que o velho mais confiava.

Amôr de mais também mata
vejam o que se passou
com uma distinta môça
Antonio Amancio noivou
vou contar o casamento
como se realizou.

Os padrastos de Amancio
moravam em Caridade
distrito de Canindé
a terra da santidade
a onde se vê todo ano
bonita festividade.

E sua querida noiva
tambem morava pertinho
dos padrastos de Amancio
sua Niza era vizinho
a qual os pais de Amancio
li amava com carinho.

No ano de quarenta e cinco
Antonio Amancio escreveu
uma carta a sua amante
quando ela recebeu
ficou naquele momento
satisfeita quando lêu.

Dizia a carta ou querida
com satisfação te digo
que agora a semana santa
eu irei passar contigo
em casa de meus padrastos
por estes dias me abrigo.

Os padrastos de Amancio
eram Manoel e Chicuta
morava perto de Niza
eram vizinhos de luta
e ambos ali traçavam
amizade absoluta.

Niza recebeu a carta
que o noivo mandou a ela
dizendo que a semana santa
vinha para passar com ela
e tomar a bença a seus pais
fazendo uma ação tão bela.

Manoel Amancio e Chicuta
eram pai mãe adotivo
deste jovem Antonio Amancio
moço nobre e positivo
que por causa deste amor
deixou os pais pensativo.

Emfim ficaram esperando
sempre olhando para o trilho
pois Niza queria vêr
seu amor de tanto brilho
e Manoel e Chicuta
desejando vêr o filho.

Até que chegou o dia
alegria foi tanta
isto foi na terça-feira
da mesma semana santa
chegou o dito rapaz
o povo quase se espanta.

Não foi direto a morada
de sua querida amante
ficou na caza dos pais
a dela era mais distante
depois então hia vêr
a sua jovem elegante.

No maior prazer da vida
os pais lhe abensôou
e para vêr o rapaz
muita gente ali chegou
com estas nobres vizitas
muito o rapaz se alegrou.

Antonio Amancio sorrindo
tirou os sapatos fóra
e disse quero tirar
uma purga sem demora
que entrou aqui no dedo
vou arrancar nesta hora.

Depreça tirou a purga
que encomodando vinha
e depreça retirou-se
para uma casa vizinha
que na qual casa morava
uma querida irmanzinha.

A casa éra pertinho
mas devido o aguasseiro
o caminho éra ruim
devido muito lameiro
o rapaz passou descalço
adoeceu foi ligeiro.

Comprimentou a irmã
a qual déla estava auzente
e disse vou voltar logo
porque me acho doente
tirei agora uma purga
sinto meu corpo dormente.

E voltou a toda preça
com o semblante mudado
como que já vinha morto
todo desfigurado
tanto que o pessoal
ficaram ali espantado.

Perguntaram está doente?
Amancio então respondeu
que tirou aquela purga
pizou nagua adoeceu
vão dizer a minha noiva
que o noivo déla morreu.

Isto foi na terça-feira
da quela semana santa
no outro dia seguinte
a sua febre éra tanta
o rapaz perdeu a fala
enterrompeu a garganta.

Quando foi na quinta-feira
a sua noiva esperava
anciosa para vêr
a quem tanto desejava
quando chega um portador
por esta forma falava.

Dona Niza vim aqui
dar-lhe um grande desgosto
mas peça a Deus que lhe dê
paciencia e bom conforto
porque deixei seu noivo
já sem fala quase morto.

Meu senhor não diga isto
o que é que o Antonio tem!
disse o portador a éla
a senhora ir lá convem
disse éla vamos já
sei que vou morrer tambem.

A môça saiu veixada
não botou nem um enfeito
chegando quase desmaia
vendo seu noivo no leito
gritou ó! meu bom Jesus
que grande dôr no meu peito.

E ficou como uma louca
lastimando sua sorte
vendo seu noivo se acabando
quase nas ancias da morte
faltava poucos momentos
para fazer seu transporte.

Então as sua colegas
vendo aqueles tristes ais
levaram éla de preça
para casa de seus pais
éla auzente de seu noivo
podia resistir mais.

Caros apreciadores
meu coração se delata
para escrever essa historia
verdadeira tão exata
todos ficarão sabendo
que amôr de mais tambem mata.

A môça chegou em casa
seu pai ficou espantado
vendo a filha quase louca
fazia do seu estado
dizendo sempre em voz alta
Amancio está a meu lado.

TRAIÇÕES DE GALALÃO E A MORTE DOS 11 PARES DE FRANÇA

O Sr. Raimundo Felix
pai desta pobre donzela
fazia todo impossivel
para acalentar éla
é impossivel existir
outra cena igual aquela.

Porque a moça dizia
Amancio está me chamando
eu que ir com éle
o tempo está se passando
todos venham a meu enterro
Amancio está me esperando.

Dona Eugenia Rodrigues
madrasta desta menina
dizia calma filhinha
dos labios côr de bonina
mas Niza Felix dizia
só Amancio me domina.

No dia de quarta-feira
Amancio se acabou
as oito horas da noite
o velho mundo deixou
sexta-feira da paixão
as 10 horas de enterrou.

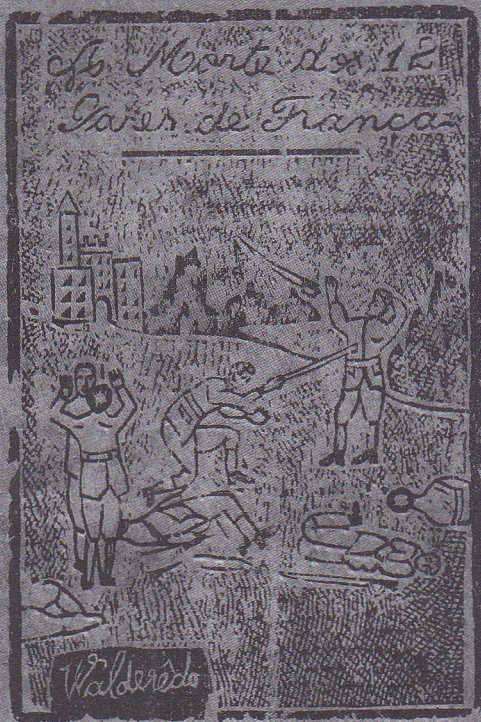
E Niza ficou nas ancias
chamando Amancio a vontade
morreu sabado de aleluia
pelas seis da tarde
foi atraz de seu amante
cazou na eternidade.

Pode acreditar leitores
que a força da amizade
leva um a sepultura
com toda sinceridade
como está Niza Rodrigues
sepultada em Caridade.

Disculpem caros leitores
agora cheguei no fim
pelos detalhes que li
só pude escrever assim
se encontrarem defeito
não tenham queixa de mim.

Ninguem não ama de mais
que morte é traidôura
vejam que Niza morreu
porque foi forte amadôura
que fez a historia déla
Moisés Matias de Moura.

Proprietaria: Viúva José Bernardo da Silva



TRAIÇÕES DE GALALÃO E A MORTE DOS 12 PARES DE FRANÇA

Amigos caros leitores
Dê-me um pouco de atenção
Leiam essa minha história
Com calma e meditação
Verás que não é mentira
Nem lenda de ilusão

Os leitores devem saber
Das proezas de Roldão
E de Oliveiros seu amigo
Sabem os feitos então
E também a falsidade
Que lhes fez o Galalão

Eram todos cavaleiros
De muito alto valor
Roldão, Ricarte, Oliveiros
Cada o mais batalhador
Roldão sendo o mais querido
De seu tio imperador

Galalão era um covarde
Infame, vil, traiçoeiro
Que se vendia aos outros
Por muito pouco dinheiro
Mas teve uma morte trágica
Porque Deus é justiceiro

Nesse tempo o Imperador
Estava mais descansado
Seus reinos todos em paz
Vivia mais sossegado
E também os doze pares
Vivendo junto a seu lado

Foi aí por esse tempo
Que deu-se a fatalidade
Carlos Magno se achava
Bem perto de uma cidade
De Saragoça chamada
Naquela localidade

Habitava em Saragoça
Dois irmãos reis coroados
Eram dois turcos valentes
Pelos seus feitos falados
Carlos Magno quis fazer
Deles cristãos batizados

Carlos Magno então disse:
Vou uma embaixada mandar
Para Narcirio e Belando
E nela lhe declarar
Que deixassem seus ídolos
Para Jesus adorar

Então Carlos Magno fez
Ali uma reunião
E foi logo nomeado
Para isso Galalão
Pra levar a embaixada
A Belando rei pagão

Partiu Galalão armado
Com honra de embaixador
Chegando em Saragoça
Ao rei se apresentou
E entregou-lhe a embaixada
Que Carlos Magno mandou

Foi muito bem recebido
Pois dos reis era o dever
Os reis então perguntaram
De Carlos Magno e os Pares
Como era seu viver

Galalão contou direito
Quem era o Imperador
Os reis logo conheceram
Qu'ele era traidor
Pela sua fisionomia
Viram que não tinha valor

Disseram um para o outro:
-Ele é capaz de vileza
Portanto;convém que nós
Fale a ele com franqueza
Carlos Magno e os 12 Pares
Ele vende com certeza

Como de fato falaram
Facilmente ele aceitou
De entregar os cavaleiros
E também o imperador
Deram-lhe muita riqueza
Muitas jóias de valor

Galalão disse ao rei
Que seu exército preparasse
E fosse para Roncesvalhes
E por lá se ocultasse
Que ele entregava os Pares
Para que ele os matasse

O rei chamou Galalão
Disse confiadamente
Para levar a Carlos Magno
Um muito rico presente
Para assim eles poderem
Pegar-lhe mais facilmente

Oh! Maldito Galalão
 Mau desafortunado homem
 Nascestes de sangue nobre
 Avareza te consome
 Sendo rico te vendeste
 Botando lama em teu nome!

Tu sendo um príncipe nobre
 De tão alta distinção
 Foste escolhido entre todos
 Para este fim então
 Porém com tua baixeza
 Usa da negra traição!

O Imperador confiando-te
 Em levar a embaixada
 Não julgando que tu fosse
 Uma alma desesperada
 Vendendo o teu senhor
 E todos os teus camaradas

Se dos pares tinha queixa
 Porque eram bons guerreiros
 Por que então tu vendeste
 Os inocentes cavaleiros?
 Tua pessoa demonstra
 Os teus gestos traiçoeiros

Cometestes contra Deus
 A mais infame maldade
 De vender teus companheiros
 Aos monstros sem piedade
 Tu covarde, há de sentir
 O pago disso mais tarde

Tu eras sempre traidor
 Em tudo o mais vagabundo
 Vendeste o que valia mais
 Do que tudo neste mundo
 Botaste teus companheiros
 No abismo mais profundo

Por avareza vendeu Judas
 A Jesus nosso Redentor
 Por avareza foi Adão
 Desobediente ao Criador
 Por avareza vendeu
 Galalão o seu senhor

Então nesse mesmo dia
 Regressara Galalão
 Chegando a Carlos Magno
 Contou a sua intenção
 Disse que os reis queriam
 Se batizar e ser cristão

Entregou-lhe os presentes
Que os reis tinham mandado
Carlos Magno recebeu
Ficando muito obrigado
E repartiu os presentes
Com todos do seu reinado

Depois disto os cavaleiros
Pra Roncesvalhes partiram
Levando cinco mil homens
E sem demora seguiram
Carlos Magno indo atyrás
Porém os Pares não viram

Estavam os 2 reis turcos
Com noventa mil guerreiros
Então deixaram entrar
Todos 12 cavaleiros
E fizeram-lhe um cerco
A seus modos traiçoeiros

Então todos cavaleiros
Começaram a batalhar
Era tanta mortandade
Que fazia admirar
Os cristãos muito cansados
Trataram em se retirar

Estando todos cristãos
Retirados do inimigo
Viram outro exército turco
Conheceram o perigo
Roldão então se juntou
Com Oliveiros seu amigo

Roldão tocou a corneta
Pensando que avisava
A seu tio Carlos Magno
Que muito longe estava
Deus fez qu'ele não ouvisse
Pois da glória lhe chamava

Deus quis lhe dar a coroa
Lá na bemaventurança
Elos trabalhos que fez
Era esta a sua herança
Pois era um dos mais temidos
Dos 12 Pares de França

Pôs Roldão logo os seus
Em ordem bem prevenidos
E investiram aos turcos
Como lobos enfurecidos
E os turcos entraram no combate
Com grandes vozes e alaridos

Roldão disse a seus amigos
 Que sem receio de morrer
 Entrassem todos na luta
 Deus havia de os socorrer
 E entrou pela direita
 Como adiante vamos ver

Então a segunda vez
 Roldão ainda tocou
 Encomendando-lhe a Deus
 Na horrenda batalha entrou
 Com tanta força e coragem
 Que seis mil turcos matou

Chegaram vinte mil turcos
 Com desesperos fatais
 Acometeram os cristãos
 Que já não podiam mais
 Roldão saindo ferido
 Com quatro feridas mortais

Cem cavalheiros cristãos
 Entraram ali sem temer
 Roldão avistando eles
 Julgou que podia ser
 Carlos Magno com seu povo
 Que vinha lhe socorrer

E com este pensamento
 Na batalha se meteu
 Logo no primeiro encontro
 Seus cavalheiros perdeu
 Escapando apenas dois
 Que na luta não morreu

Um era o duque Trietre
 Cavalheiro de atenção
 O outro era Valdivino
 Que era irmão de Roldão
 Estavam todos feridos
 Sem acharem remissão

Vendo Roldão a derrota
 Começou a exclamar:
 Oh! Carlos Magno onde estais
 Que não vem nos ajudar?
 Deixa-me então desprezado
 Sem seu auxílio me dar?!

Roldão ali conhecendo
 Que havia de morrer
 Pois Carlos Magno e os outros
 Não lhe vinham socorrer
 Perdendo a esperança
 De seus companheiros ver

E desejando vingar-se
Daquela fatalidade
Pegou um turco e lhe disse:
Monstro vil sem piedade
Ou mostra-me o rei Marcírio
Ou eu te mato, covarde

Então o turco lhe disse
Mostrando grande terror:
Vês aquele cavalleiro
Que aqui te mostrando estou?
É ele o rei Marcírio
Que a todos vocês comprou

Ele foi quem deu riqueza
A um teu embaixador
Que se chama Galalão...
Aí Roldão suspirou
E se foi então para o rei
Que o turco lhe mostrou

Beijando a cruz da espada
Cobriu-se com seu escudo
Entrou pelo meio dos turcos
Ia derribando tudo
Encontrou o rei Marcírio
Que ele olhou bem sizudo

Roldão deu um golpe nele
Que abriu até a cintura
Os turcos criaram medo
E horror a esta bravura
Que partiram para longe
Temendo a desventura

Roldão saiu na batalha
Já muito desfigurado
Deitou-se ao pé duma penha
De dores atormentado
E ali ele seria
Depressa por Deus chamado

O imperador Carlos Magno
De nada disso sabia
O traidor Galalão
Com ele se divertia
Jogando o jogo das tabulas
Em riso se desfazia

O rei Marcírio com medo
Que Carlos Magno chegasse
Junto com seu exército
Para daquilo vingar-se
Partiu para Saragoça
Onde pôde ocultar-se

Estando Roldão ferido
 Já no último de sua vida
 Das mortes de seus amigos
 Sua alma estava sentida
 Sentia mais que da sua
 Pois que estava perdida

Consolava-se em morrer
 Na santa fé de Jesus
 Que por nós ele morreu
 Crucificado na cruz
 E pedia ao Criador
 Que lhe mostrasse uma luz

Tinha pena de se ver
 Só na sua última hora
 Num monte desamparado
 Dos seus amigos de outrora
 Carlos Magno o seu tio
 Onde é que estava agora?

Dava infinitas graças
 A Deus nosso Criador
 Pois um dia antes disso
 Ele se sacramentou
 Pois era esse o costume
 Dos Pares do Imperador

Pedia perdão a Jesus
 Dizendo: Pai amoroso
 Perdoai os meus pecados
 Dá-me o eterno repouso
 Guiai-me pra vosso reino
 Meu Jesus, rei poderoso!

Começou logo a dizer:
 - Senhor Deus meu Criador
 Filho da Mãe gloriosa
 Vós sabe, meu Redentor
 De todos os meus pecados
 Perdoai-me ó Senhor!

Assim te rogo, ó meu Deus
 Que meus rogos e pecados
 Sejam por ti, ó meu Pai
 Todos eles perdoados
 Para que vós me coloque
 Entre os bemaventurados!

Senhor vês de lá da glória
 Me dás arrependimento
 Qu'eu tenha de meus pecados
 Já no último momento
 Desprezado neste bosque
 Que encerra meu sofrimento!

Vós Senhor és poderoso
Livrai-me da perdição
Me olhe como olhaste
Na cruz o Bom Ladrão
Perdoia-me os pecados
Por vossa santa paixão!

Se pôs e ver sua espada
Por esta forma exclamou:
Oh! Espada Duridana
Aço de grande valor
Como tu em todo mundo
Não existe superior!

Grande esforço me davas
Quando estavas a meu lado
Comigo muitos arnezes
Eu tenho despedaçado
E o mais duro capacete
Contigo eu tenho cortado!

Contigo eu tenho morto
Grande número de traidor
Nunca jamais me faltaste
Com teu esplêndido valor
Contigo tenho defendido
A lei do meu Criador!

Oh! Quanto temor e medo
Tinham os turcos em te ver
Tremiam os infieis
Não usavam aparecer
Diante da minha pessoa
Para me contrafazer!

Contigo tenho defendido
A fé do meu Criador
Ao qual peço humildemente
Poe seu infinito valor
Que te logre algum cristão
Seja teu possuidor

Disse tornando a falar
Com sua espada querida:
Grande dor e sofrimento
Tenho eu desta partida
De deixar-te, oh!boa espada
Neste deserto perdida!

E pegando a espada
Apertou-a nos seus braços
Dizendo:quero fazer-te
Aqui toda em pedaços
Para que turco contigo
Aos cristãos cause embaraços

Então ali levantou-se
 Cheio de dor cruciante
 E pegando a espada
 Dando dois passos avante
 Dando com ela na penha
 Mas o aço era constante

Fez na penha grande estrago
 Sem o menor resultado
 Porque a espada Duridana
 Era dum aço temperado
 Não teve o mínimo perigo
 Nem seu gume foi cortado

Vendo Roldão qu'era asneira
 Que a espada não quebrava
 Tomou a sua corneta
 Para ver se avisava
 Aos cristãos que pelos montes
 Dos turcos se ocultavam

E tangendo-se duas vezes
 Com a força que lhe restava
 E na segunda se abriram
 As feridas que lhe matava
 E ficando tão prostrado
 Que grande lástima causava

Então a terceira vez
 Ainda tocou Roldão
 E Carlos Magno ouvia
 E bateu-lhe o coração
 Estava no jogo das tabulas
 Jogando com Galalão

Carlos Magno conheceu
 Que quem tocava era Roldão
 E querendo lhe acudir
 Mas lhe disse Galalão:
 Senhor, Roldão sem dúvida
 Talvez ande em distração

Carlos Magno lhe deu crédito
 E recomeçou a jogar
 Com o traidor que com riso
 Punha-se a disfarçar
 Contanto que Carlos Magno
 Não viesse a desconfiar

E estando já Roldão
 No último de sua vida
 Chegou então Valdivino
 Com muita lágrima sentida
 Abraçou-se com Roldão
 Era a última despedida

Roldão disse a Valdivino
Quase sem poder falar:
Busca-me um pouco d'água
Para esta sede acalmar
E depois se houver ttempo
Procura então me tratar

Valdivino saiu logo
Ver se água encontrava
E correndo todo monte
Mas nem uma fonte achava
E pra junto de Roldão
Muito ligeiro voltava

Quando chegou encontrou
Roldão já se ultimando
Então pegou um cavalo
E como quem ia voando
Foi dar parte a Carlos Magno
Que inda estava jogando

Logo chegou Trietre
Aonde estava Roldão
E querendo lhe falar
Mas lhe faltou animação
E caindo de joelhos
Junto de seu capitão

Quando Roldão viu Trietre
Teve uma consolação
E perguntou-lhe: a quem olhas?
Não é este o Roldão
O teu fiel companheiro
Oh! Tende de mim compaixão

Não é este quem vencia
Os mais ferozes gigantes?
Não é este que nas lutas
Levava batalhas suantes
E defendia os cristãos
Dos turcos repugnantes?

Não é este que nas batalhas
Dos mais ferozes inimigos
Vencia os traidores
Junto com os seus amigos?
Não é este o Roldão sem sorte
Enfrentador dos perigos?

Não é este que defendia
A lei do nosso Criador?
E nenhum perigo temia
Em se tornar matador!
Em matar os que queriam
Ofender o Imperador!

É esse o homem que
 Não pôde conhecer ventura
 E só viu a negra sorte
 Que lhe foi fatal e dura
 E o fim de sua vida
 Só foi repleta de agrura!

Pois foi tanta a sua desgraça
 Que não somente privou
 Da companhia dos seus
 E do seu bondoso senhor
 Agora na última hora
 A sorte lhe desprezou!

Não são estes os braços que
 As grossas lanças quebravam?
 Não são estas as mãos que
 Os mais fortes golpes davam
 Que os arnezes e duros elmos
 Tudo se espedaçavam?

Tomando a espada disse:
 Oh! Minha boa companheira!
 Firme espada Duridana
 Não nego, és a primeira...
 E abraçou-se com ela
 Ma sua hora derradeira

Trietre que presenciava
 O espetáculo lastimoso
 Ouvindo as lamentações
 Ficava mais pesaroso
 Não podia sustar as lágrimas
 Naquele ato pesaroso

Trietre chegou pra perto
 Para desarmar Roldão
 E desabotoando a farda
 Mas fazia compaixão
 Então tornou a fechá-la
 Com a maior precaução

Roldão tornando a si
 A Jesus pediu perdão
 Então pediu a Trietre
 Que o ouvisse em confissão
 Ele fez muito contrito
 De todo seu coração

E pôs a mão na espada
 Olhando ao céu exclamou:
Et in carne mea vide bom Deum
 Que diz: verei meu Salvador
Salvatorum meum;
 Olhai-me meu Redentor!

Pondo as mãos sobre os olhos
Disse com muito prazer:
Et oculi mal compecturi sunt
Que diz: meus olhos hão de ver
A Jesus meu Criador
Com ele hei de morrer

E fazendo 1 supremo esforço
Morreu o herói do mundo
O homem que em coragem
Não encontrou um segundo
Deixando então Carlos Magno
No negro viver profundo

Leitores, eu vou agora
Fazer outra descrição
Do arcebispo Turpim
O qual viu uma visão
Estando dizendo a missa
Quando morria Roldão

Era o arcebispo Turpim
Um homem de santa vida
Estando dizendo a missa
A Maria Concebida
Ouviu uma suave música
E uma voz terna e querida

Eram os anjos que cantavam
Com muita satisfação
Vinham mandados por Deus
Cumprirem aquela missão
E dar parte a Turpim
Dizendo: morreu Roldão

O arcebispo Turpim
Ao saber do ocorrido
Correu e a Carlos Magno
Contou-lhe que tinha ouvido
Os anjos anunciando
Que Roldão tinha morrido

E estando nestas práticas
Valdivino então chegou
Arrancando os cabelos
Em voz alta exclamou:
Dizendo: morreu Roldão!
E para a penha apontou

E os outros cavaleiros
Que com ele tinham ido
Tinham perecido todos
Ele pois, tinha saído
Só com o duque Trietre
Que havia se escapulido

O exército de Carlos Magno
 Sabendo do acontecimento
 Choravam como crianças
 E com puro sentimento
 Se puseram a caminho
 Era grande o sofrimento

Carlos Magno foi o primeiro
 Que chegou onde ele estava
 Vendo ali morto Roldão
 Em soluços se afogava
 E prostrando-se por terra
 Como quem se desmaiava

Tornando, recomeçou
 A chorar e a dizer:
 -Roldão, meu caro Roldão!
 Foi eu quem te fiz morrer!
 Em mandar-te para a guerra
 E não ter vindo socorrer

Oh! Meu amado sobrinho
 Braços que não se curvava
 Semelhante a Macabeu
 Em proezas não te igualava
 Honra de todos os franceses
 Homem que todos amava!

Quantas dores e sentimentos
 Tu me deixa nesta vida
 Eras o herói do mundo
 Em proezas desmedida
 Eras o defensor do mundo
 De nossa Mãe Concebida!

Tu eras o defensor
 De toda humanidade
 Era o amparo dos órfãos
 Guia pura da verdade
 Coluna forte da Igreja
 Alma da honestidade

Tu eras a alma mais nobre
 Que o mundo já criou
 Guia dos desaventurados
 Tu eras o defensor
 Da santa lei de Jesus
 E da fé alentador!

Ah! Desgraçado de mim
 Que te trouxe a morrer
 Nestes lugares selvagens
 E não vim te socorrer!
 Oh! Quanto sofrer encerra
 No meu infeliz viver!

Oh! Meu amado Roldão
Se eu tivesse sabido
Do perigo em que te achavas
Eu tinha te socorrido
Embora que na batalha
Também tivesse morrido!

Para mim seria a glória
Em morrer junto ao teu lado
Porém o fatal destino
Nos faz disto separados
Deixou-me chio de dores
E de mágoas desolado!

Oh! Meu especial cavaleiro
Tua morte deixou-me triste
Para que hoje viver
Com dores que não resiste?
Sem ti meu caro Roldão
Jamais a vida persiste!

Ah! Triste assim o que farei?
Ah! Velho desconsolado
Perdi o meu braço forte
Fiquei então desarmado
Talvez agora os turcos
Sejam de tudo vingados!

Tu estás na santa glória
Oh! Meu amigo Roldão
E me deixas no abandono
De tua separação
Neste defectível mundo
Sem ter mais consolação!

Eu ficarei cá na terra
Que é o vale da tribulação
E tu ganhaste o céu
Pois tinhas um bom coração
Jesus te perdoará
Pela sua santa paixão!

Estão tristes os cristãos
E Deus bastante gostoso
Por ver-te na sua glória
Junto ao Pai poderoso
Tu receberás um trono
Junto a Jesus glorioso!

A Deus peço com fervor
Por sua santa paixão
Que te queira perdoar
E dar-te a salvação
Pois tu na terra cumpriste
A vossa santa missão!

Os anjos roguem a Deus
 Por tua felicidade
 Os mártires invoquem e clamem
 A divina majestade
 Para ele conceder-te
 A suprema eternidade!

Vais que aqui ficarei
 Sofrendo a desilusão
 Nunca mais tenho descanso
 Na minha atribulação
 E tu vais pr'a glória eterna
 Receber o galardão!

Os dias que eu viver
 Neste miserável vida
 Gastarei-os em contínuo
 A chorar tua partida
 Talvez que breve também
 Eu termine a minha lida

Carlos Magno dizendo estas
 E outras muitas razões
 Que fazia penalizar
 A todos os corações
 Da gente do seu exército
 Que estava em lamentações

Então todas as barracas
 Ele mandou levantar
 E fazer grandes fogueiras
 Para a Roldão vigiar
 E no outro dia cedinho
 O seu corpo embalsamar

Leitores, retrocedamos
 Vamos uma pausa fazer
 Vou descansar um pouquinho
 Para poder descrever
 Os outros acontecimentos
 Como todos irão ver

Logo que a manhã surgiu
 Era grande a ansiedade
 De Carlos Magno e dos outros
 Que com muita atividade
 Foram correr todo campo
 Era grande a mortandade

Então Carlos Magno disse
 Para melhor se vingar
 Que pegassem Galalão
 E num pau fossem amarrar
 Para no dia seguinte
 Sua morte executar

Acharam o nobre Oliveiros
Numa árvore pendurado
Dos dedos das mãos aos pés
Estava todo esfolado
Com 12 lanças metidas
No seu corpo inanimado

Logo então se renovou
O choro e o sentimento
Carlos Magno esse estava
Em grande desolamento
Eram tristíssimas as cenas
Daquele acontecimento

Carlos Magno teve ali
Tanta lástima de Oliveiros
Que fez juramento a Deus
De matar o traiçoeiro
E dos reis de Saragoça
Ia atrás do paradeiro

Disse: embora que eu perca
Com os turcos minha vida
Estas mortes dos meus pares
Por força há de ser punida
Irei exterminar a todos
Juro por Mãe Concebida

E logo o Imperador
Soube onde eles estavam
Às margens do Rio Ebro
Pois ali se acampavam
Carlos Magno saiu pra lá
Todos dispostos avançavam

Pôs logo seus combatentes
Em ordem bem prevenidos
Foram d'encontro aos turcos
Com talentos desmedidos
Que mataram sete mil
E o resto foram feridos

Vendo o rei Carlos Magno
Que tinha mui pouca gente
E não podia seguir
Com eles mais para frente
Voltou para Roncesvalhes
Mui desconsoladamente

E logo o rei Carlos Magno
A sua gente examinou
Para saber da traição
Trietre então lhe falou
Dizendo a Carlos Magno
O que o turco lhe contou

Especialmente se soube
 Quem fez a trágica traição
 Trietre disse que foi
 O desalmado Galalão
 E que não tendo escrúpulo
 Usou pior do que um vilão

Então o rei Carlos Magno
 Ficou muito indignado
 Seu corpo tremia todo
 Em olhar o desgraçado
 E às dez horas da noite
 Galalão foi condenado

Quatro ferozes cavalos
 Carlos Magno mandou buscar
 E pegaram o Galalão
 E nenês foram amarrar
 Em cada cavalo um membro
 Era para estraçalhar

Então os quatro cavalos
 Partiram em velocidade
 E do infame Galalão
 Cada um levou a metade
 Era o fim do desgraçado
 Que usou da falsidade

Depois que Carlos Magno
 Deu cabo ao traidor
 Foram juntar os mortos
 E ali mesmo sepultou
 E o corpo de Roldão
 Carlos Magno embalsamou

O Imperador fez levar
 Logo o corpo de Roldão
 Com honra, em umas andilhas
 À Igreja de São Romão
 Para lá dizer uma missa
 Por sua dedicação

Em cima da seoultura
 Ele botou sua espada
 A seus pés sua corneta
 Pois de Roldão era amada
 E fez ali uma igreja
 Em seu nome batizada

Em Bordéus foram enterrados
 O grande e nobre Oliveiros
 Guardesboa, rei de Friza
 E mais outros cavalheiros
 O grande Urgel de Danoa
 Com todos seus companheiros

Em Arles foram enterrados
Guarim, Duque de Lorena,
Gui de Borgonha e Ricarte
Pois todos sofrerem a pena,
Foi estes os acontecimentos
Daquela horrorosa cena

Morreram todos os pares
Assim neste sofrimento
Rei Carlos Magno ficou
Consternado em sofrimento
O Imperador não esperava
Ser tão grande seu tormento

Sem mais agora peço
A todos pra desculpar
Minha história sem arte
Para não a criticar
As rimas são simplesmente
Inspiração competente
Onde quer que vá achar?



Moisés Matias de Moura
PELEJA DE
Moisés Matias de Moura



COM
ANTONIO COSMO DA SILVA

PREÇO

Cr\$ 0,80 (oitenta centavos)

PELEJA DE MOISÉS MATIAS DE MOURA COM ANTÔNIO COSMO DA SILVA

Eu estava na praça da Bandeira
A espera de caminhão
Para seguir para o cocorote
Cumprir minha obrigação
Quando veio Moisés Matias de Moura
Tomar minha direção.

Eu vali-me de Jesus
De S. Marcos e S. Vicente
Desse: Maria Santíssima
Valei-me dessa serpente
Visto ele, cumprimentou-me
Com este verso de frente

Amigo Antônio Cosmo
Sorrindo dou-te bom dia
Ouvi dizer que o amigo
É terror da poesia
Desta sua competência
Eu ainda não sabia.

A.C. – Meu amigo Moisés
Quero que me dê perdão
Não conheço poesia
Vou explicar a razão
Fazer conserto na base
É a minha profissão

M. – Amigo Antônio Cosmo
Não precisa me enganar
Eu já li trabalho seu
E pude retificar
Que você é bom poeta
E sabe o que é rimar.

A.C. – Moisés eu sou empregado na base
Você está enganado
Mas vejo que o amigo
Quer me fazer obrigado
Vou dizer-lhe que sou bom
E rico por qualquer lado

M. – Agora estou satisfeito
Porque falasse a verdade
Diga-me qual foi o poeta
De maior capacidade
Primeiro que veio ao mundo
Na remota antiguidade.

A.C. – Este homem foi Umêro
O terror da poesia
O maior poeta grego
Na letra e sabedoria
Preparado na ciência
Forte na filosofia.

M. – Respondeu-me muito bem
Porém se não se engana
Me digas qual foi a causa
Daquela luta tirana
Entre o povo de Esparta
E a família troiana.

A.C. – Foi por causa de Paris
Que na Esparta chegou
Avistando Dona Elena
Por ela se embelezou
E devido esta rainha
A guerra principiou.

M. – E este dita rainha
Não possuía marido
Que se iludiu com um rapaz
De lugar desconhecido
E o pai deste rapaz
Nem era homem temido.

A.C. – O pai dele era Priamo
Um rei de muito conceito
A marido da rainha
Minilau um rei direito
Mas quando a mulher é doida
Nem o diabo dar jeito.

M. – Apoiado seu Antônio
Gostei de sua saída
Esta guerra durou muito
Nesta batalha renhida
E qual das duas cidades
Que no fim, saiu vencida.

A.C. – Ora Moisés foi Tróia
Que teve a sorte minguada
A pobre raça troiana
De uma vez foi liquidada
Priamo foi degolado
E a cidade encendiada.

M. – Antônio Cosmo diga-me
Se tudo perdeu a glória
Acabaram a cidade
Ali não houve vitória
Não ficou um só troiano
Para contar a história.

A.C. – Ficou justamente Enéias
Filho do governador
Este abandonando Tróia
Para se livrar do terror
Emigrou para a Itália
Com toda honra valor.

M. – Antônio Cosmo você
 É um poeta Cortez
 Mas ainda quero que diga-me
 Se souber por sua vez
 Enéias lá na Itália
 O que foi que ele fez.

A.C. – Ora, ele chegando lá
 Teve ordem soberana
 Fez-se amigo de um monarca
 Rei de uma grande fama
 Casou-se com uma filha dele
 E ficou na terra romana.

M. – Antônio você é bom
 Mas queira me interrogar
 Tudo que você souber
 Pode hoje me perguntar
 Porque para isso eu sou bom
 No céu, na terra e no mar.

A. C. – Moisés eu lhe pergunto
 Começando do além
 Me diga quantas estrelas
 Que luz na terra vem
 Se são feitas só de luz
 Ou dentro delas o que tem?

M. – Antônio as estrela tem
 Os seus focos consagrados
 Mas são estrelas no mundo
 Assim diz os estudados
 São mundos além dos mundos
 Por muita gente habitadas.

A.C. – sendo assim nosso mundo
 É uma estrada também
 Será que daqui para baixo
 Tenha mundo muito além
 E o livro deste estudo
 De onde será que vem?

M. – justamente aqui para baixo
 Tem horror de regiões
 Assim como tem para cima
 Que não se conta os milhões
 Pra baixo também tem mundos
 Com diferentes nações.

A.C. – Justamente Moisés Matias
 Você tem muito valor
 A sua ponta de língua
 Emita a de um doutor
 Mas o livro que trata isto
 Qual foi o seu escritor?

M. – O livro que trata disto
Tem um talento profundo
Feito por Flamarion
Francês astrônomo fecundo
Que nos estudos dos astros
Foi ele o maior do mundo.

A.C. – Moisés nestes mundos
Também tem civilidade
Governo e religião
Política e rivalidade
Ou vive tudo atrasado
Fora da sociedade.

M. – Tem grande civilidade
São mundos adiantados
Neles tem destas as leis
Governos disciplinados
Nosso mundo para eles
É um dos mais atrasados.

A.C. – Moisés eu já conheço
Sua volta é enjoada
Vou perguntar-lhe sobre a terra
Uma pergunta pesada
Esta terra que se pisa
Como ela foi formada.

M. – Formose uma grande massa
Cheia de eletricidade
Partes quentes e partes frias
Com grande rivalidade
E deste contam, que veio
A originalidade.

A.C. – Desta vez por certo a terra
Deu logo seu andamento
Mas terra terá sido
Enchuta em seu crescimento
Não teve água nem gases
Para seu desenvolvimento.

Ora desde da primeira ruga
Água se fez crescente
De gases quenturas e ventos
Foi coberta de repente
Tanto que depois ficou
Água e quentura sómente.

A.C. – Moisés falasses bem
Mais eu quero outra ainda
Não se aborreça comigo
Nesta história comprida
Esta água, esta quentura
Ficou ali toda vida.

A INUNDAÇÃO DO DIA 5 DE MAIO DE 1949

Não senhor Antônio Cosmo
Tudo desapareceu
Para as regiões mais baixa
Toda esta água pendeu
E quase toda quentura
Da costa se suspendeu.

A.C. – a terra ficou enchuta
Isto foi uma verdade
Mas eu lhe pergunto agora
Se desde a antiguidade
Até o tempo presente
Se foi uma só idade.

Não senhor são 5 idade
Começou pela primária
Houve um tempo sercunção
Outra idade secundária
Outra chamada terceira
E outra quartenária.

A.C. – Moisés você diga-me
Se conhece a tradição
Diga-me se na terça idade
Houve alguma geração
Isto é bem entendido
Muito antes de Adão.

Ora antes de Adão
Gente na terra não habitou
Na idade terceira
O mundo se prolongou
Porém ninguém sabe os séculos
Que esta fase durou.

A.C. – Moisés você diga-me
Outra coisa diferente
Desde a criação do homem
Que se diz antigamente
Até os dias de hoje
É uma idade somente?

Não. São 7 idades
Assim diz as professias
Desde que Deus fez o homem
Com poder e garantias
Já completou esta idade
Até hoje em nossos dias.

A.C. – Moisés eu vou embora
Que os americanos já devem
estarem zangados
Você há de compreender
Pois sabe que sou empregado
Ficará para outro dia
Quando estiver descansado.

A inundação do dia 5 de Maio de 1949



Pelo historiador
MOISÉS MATIAS DE MOURA

PREÇO Cr\$ 2,00

e é barato !

A INUDAÇÃO DO DIA 5 DE MAIO DE 1949

A inudação do dia
5 de maio de 1949
Pelo historiador brasileiro
Moisés Matias de Moura
Preço 2,00 cruzeiros
E é barato.

Leia a grande inudação
Do dia 5 de maio
Prometi escrevêr
Sou poeta que não falo
E para escrevêr repente
Sou ligeiro como um raio.

O que aqui escrevi
É uma pura verdade
Faça de conta que viram
Esta grande novidade
Nunca menti em repente
Que não há necessidade.

Não sei como algum profeta
Que tem por ahi a fora
Que profetiza mentira
Pude descobrir agora
Para falar a verdade
Não tem um que vá na hora.

Porque não profetizaram
Que esse deluvio hia haver
No dia 5 de maio
Muito havia de chuvêr
Para ficarmos ciênte
Do que hia aconteçer.

Só dizem burralidade
Que ao pobre atrapalha
Dizendo não há inverno
E o pobre não trabalha
Depois chega tanta chuva
Que ao pobre disagazalha.

Como agora em Fortaleza
Ficaram dessombriadas
150 famílias
Na chuva desabrigadas
Que pelo nosso governo
Foram depois amparadas.

Muitos estavam dormindo
Quando a casa cahia
Dormindo mesmo ficava
Com a sua companhia
E o vizinho comêdo
Socorrerem lá não hia.

Muitas crianças morreram
Por dibaixo das parêdes
Quando as mães hia buscar
Achava frias nas rêdes
Os pretinhos estavam brancos
E os brancos estavam vêrdes.

Seis açudes arrombaram
Dando grande prejuízo
Levando na correnteza
Homem e mulheres sem rizo
Puderão sêr encontrados
Se fôr dia de Juízo.

Tem casas em Fortaleza
Com 4 e 5 famílias
Por Deus que ainda temos
Um prefeito de valia
Se condueu da pobreza
Com o governo auxilia.

Uma grande hospedaria
Que existe em fortaleza
Feita por Getulio Varga
Para abrigo da pobreza
Estava feixada abriram
É muita delicadeza.

De forma que por em quanto
Vive as famílias amparadas
Mas coitadas estão sujeitas
Sem as casas de moradas
Apelam para o prefeito!
Suas cazas remontadas.

Creio que o Dr. Acrísio
Remontará com certeza
Porque até o presente
Foi o único em Fortaleza
Que nunca se aborreceu
De proteger a pobreza.

Foi êle o numero um
Prefeito de Fortaleza
Que tem feito o impossível
Para amparar a pobreza
Não si aborrece com nada
É muita delicadeza.

Ainda não fêz os gostos
De toda população
Que também é impossível
Devem prestar atenção
Que encontrou arrombado
Todos cofres da nação.

Porem está trabalhando
 Com inteira atividade
 Fazendo melhoramento
 Pelos bairros da cidade
 Por isto é que hoje em dias
 Temos transporte a vontade.

As lavadeiras de roupas
 Já melhoraram de sorte
 Carregavam na cabeça
 Um sofrimento de morte
 Hoje estão aliviadas
 Porque não falta transporte.

De primeiro coitadinhas
 Andavam mil quarteirão
 Com a troxa na cabeça
 E a cruzêta na mão
 Porque não tinha transporte
 A sua disposição.

Viva o Dr. Acrisio
 Prefeito de Fortaleza
 Que entre os de alta classe
 Nunca vi tanta fineza
 Da forma que trata o rico
 Trata também a pobreza.

Vamos deixar o prefeito
 E falar na destroiação
 Do dia 5 de maio
 A horrivel inudação
 Que cobriu nossa cidade
 Veja a continuação.

O encanamento dagua
 De Acarape a Fortaleza
 Ficou tudo enterrompido
 Com a forte correnteza
 Chueu demais faltou agua
 São feitos da natureza.

Todos pode acreditar
 Quando passou o chuveiro
 Ninguem não tinha transporte
 Era enorme o atôleiro
 Com 8 dias ainda
 Se andava no lameiro.

Faltou transporte de tren
 De automovel e caminhão
 Até avião nos ares
 Também tomou seu quinhão
 Entrava no nevueiro
 Descia como um pinhão.

Quase cem metros de trilhos
A corretenza arrancou
Trem de um lado e de outro
Paralizado ficou
Só endireitaram a linha
Quando a lama sêcou.

Ouve nesta inudação
Prejuízo sem iguais
Não foi só em Fortaleza
Foi em muitas capitais
Se não fôr um fim de mundo
Obras desmente sinaes.

Até mesmo os pescadôres
Que andavam degradados
Pelo alto mar pescando
Tiveram mal resultados
Saíram ante da chuva
Não foram mais encontrados.

Como bem o bote gugu
De seu JASF Alderaldo
Que sahia com 5 homens
E só um foi encontrados
Os outros 4 coitados
Ninguém sabe o resultado.

Vou sifrar agora o nome
Destes 5 sêr humano
Que pegaram a tempestade
Pescando no Ociano
Que o seu bote virou
Neste temporal tirano.

Morreu Francisco Izabel
Um pescador da barrinha
Já em procura de casa
Com seus colegas vinha
Dispariceu nas aguas
Deixou a mulher sozinha.

O outro Manoel Amancio
Um pescador de jangada
Que éra feito nas aguas
Sem nunca temeu nada
Para fazer pescaria
Hia só sem camarada.

O outro Jorge Cesario
Que nas aguas éra morão
Pescava também sosinho
Não timia a tubarão
Duas tres noites passava
No mar fazendo serão.

O outro era Cidor
 Um pescador distimido
 Éra alí em Mucuripe
 De todos bem conhecido
 Um pescador coma êle
 Causa pena ter morrido.

Dos 5 escapou só este
 Por nome Antonio Cará
 Para contar a historia
 Que a todos não negara
 Para ficar de lembrança
 Ao povo do Ceará.

Qual foi o justo motivo
 Deste bote si virar
 Foi um rio dagua dôce
 Depeijando agua no mar
 Devido chuva horrível
 Que dispensava do ár.

Esta tromba dagua dôce
 Pegou estes pescadôres
 Que não houve salvação
 Nem por serem nadadôres
 Deixaram suas famílias
 Lamentando suas dôres.

Ainda tem outro bote
 Também desaparecido
 Foi com 9 pescadôres
 Julgam já terem morrido
 Sairam antes da chuva
 E não foram aparecido.

Não se lembram resarem
 Só pençam na vaidade
 De um cento tira-se um
 Aqui em nossa cidade
 Por isso vem o castigo
 Para toda humanidade.

Termino a inudação
 Peço a minha salvadora
 Maria mãe de Jesus
 Que é nossa protetôra
 Para não desamparar
 Moisés Matias de Moura.



vagão descarrilou e vici- locomotiva no percurso de

enciais

29 (M) — O
tem creden-
cia as demonstr-
ções, na vi-
são de

teffo do PSI-
nal e não so-
l apenas um
pelos nacio-
s convencer,
ninfamio en-
nos não está
de, da parte

fose quem
artidos é o
o o sr. Ne-
segurar que
má com o
não ser de-
obleno do
é dentro do

OGIOS

ocasião
to, 978



VIAJANDO NA PLATAFORMA, entre duas paragens sofreu morte — em 1914, sendo se primeiros a ser re-
tornado dos destroços. São eles o operário de R. V. C. Eduardo Paiva e o Agente de B. J. de
Flores da Silva. (Foto a gravata CORREIO DO CEARÁ)

IA QUE EXPLODIU COMO UMA BOMBA:

O maior
10 PAGIN

CORREIO

ORGÃO DOS
Fundado

Fortaleza - 2.º feira

OS FERI

Alm de melhor info-
me inteiros sobre os de-
vastes comete de no-
huma reportagem, por-
postamente motivada
nada repulsa para
nistro e para Assis-
pal. Nesta última, o
náo mesmo comungam
tanto de crua a pu-
lem chegando de te-
ali chegamos, ja se
didos em leitos, e

PAVOROSO DESASTRE DE TREM
NO DIA 31 DE OUTUBRO DE 1949
7 MORTOS E 9 FERIDOS

Caros apreciadores
Leia esta pequena história
Embora nela não tenha
Notícia satisfatória
Mas é preciso que fique
Gravada em nossa memória

Pode ler com atenção
Não é segredo descubro
Esse desastre de trem
De trinta e um de outubro
Que fiquei penalizado
Todo de luto me cubro

Não são de minha família
Devo falar a verdade
Mas tenho no coração
Espírito de humanidade
Que quando vejo um chorando
Fico logo com vontade

No mundo não há quem saiba
De sua felicidade
Só quem sabe é Jesus Cristo
Com a sua santidade
Qual é aqueles que são
Vítima da fatalidade

Todo poeta é ativo
Não lhe falta aspiração
Escreve qualquer notícia
Sem agravar a nação
Embora que para todos
Não seja satisfação

Como esta do desastre
Mais recente acontecido
Que não dá nem um prazer
Por ser de lágrima sentida
Foi necessário escrever
Para não ser esquecida.

Se trata aqui do desastre
Que o povo comentaram
Daqueles carros do trem
Que em Moitinga viraram
A trinta e um de outubro
Sete pessoas tombaram

Às 6 horas da manhã
Vinha o trem de Maranguape
Quando chegou em Moitinga
A máquina deu um derrape
Virou 3 carros na linha
Feliz quem ficou escape

Quatro morreram instantanho
9 saíram feridos
Que foram logo à assistência
Onde foram socorridos
E só não salvaram os quatro
Porque já tinham morridos.

Daqueles 9 feridos
Três morreram na assistência
Que fez o total de sete
Que perderam a resistência
Foram atender o chamado
Da divina providência.

Um foi mais enditoso
Por nome José Segundo
Que passou naquela hora
Um só ferimento profundo
Só faltou foi o momento
De se despedir do mundo.

O outro Cícero Fernandes
Que se ouviu os lamentos
Na hora que ele estava
Recebendo os curamentos
Os corações se agitavam
Vendo tanto sofrimentos.

O outro tinha por nome
Sr. José Cipliano
Um homem bem preparado
De um coração humano
Que não esperava na vida
Esse desastre tirano.

E o outro José Raimundo
Que também saiu ferido
Não é de conhecimento
Que ele tenha morrido
Eu só afirmo a certeza
Que ele foi socorrido.

E outro Francisco Alves
Um dos homens positivos
Que na mesa da assistência
Recebeu os curativos
Além de sua saúde
Não sei se foi negativo.

O outro foi Sigefredo
De grande capacidade
Que não esperava ser
Vítima da fatalidade
Este não sei se é vivo
Ou foi para a eternidade.

E outro tinha por nome
Seu Edmilson Ferreira
Quase baixa à sepultura
Naquela manhã fagueira
Que passeava no espaço
Alguma ave agoureira.

E o último tinha o nome
De Enezio Serafim
Que durante sua vida
Não tinha sofrido assim
Por causa desta virada
Comeu da banda ruim.

A quatrocentos e quatro
Número da locomotiva
Que puxava aqueles carros
Com uma expressão tão viva
Pelo o maquinista Rubens
Que do trabalho não se esquivava.

Rubens é um maquinista
Que presta bem seu serviço
Para defender o povo
Não encara sacrifício
Não defendeu desta vez
Porque foi forte o feitiço.

Perguntou-lhe o diretor
Rubens seja camarada
Me diz qual foi a origem
Do trem dar esta virada
Vinhas dormindo não vistes
Os defeitos da estrada?

Rubens então lhe respondeu
Me creia por esta luz
Quando a máquina fez a curva
Avistei as 2 cruz
Não vi trilho na estrada
Creia por nosso Jesus.

Parece que os trilhos abriram
E a máquina saltou fora
O senhor está presente
Pode examinar agora
Foi a origem dos carros
Virarem naquela hora.

O diretor da Central
OuvIU e ficou calado
Tinha ciência que ali
Já era malassombrado
Só pode ser a origem
Dos carros terem virado.

Era grande a multidão
No local desta virada
Ônibus, automóvel e jipe
Enterrompia a estrada
Fizeram um isolamento
Que ninguém não via nada.

Fazia pena se ver
Aqueles corpos estirados
Uns cobertos de poeras
De pernas e braços cortados
Os intestinos de fora
Como entes desprezados.

Tinha três pronto - socorros
Com urgência carregando
Todos aqueles feridos
Para a assistência levando
E os médicos de plantão
Logo ali os medicando.

Foi o chefe de polícia
Como alta autoridade
Chegou com a comitiva
Naquela localidade
Depois que verificou
Reconheceu a verdade.

Foi 30 guardas do trânsito
Em um carro especial
Inclusive um inspetor
Que também foi ao local
Desembarçou o trânsito
Com todo seu pessoal.

O inspetor Pedro Ribeiro
Foi o local com os guardas
Por sua iniciativa
Trabalha nunca se enfada
Os elementos do trânsito
Sabe honrar suas fardas.

De forma os mortos e feridos
Foram todos transportados
Os vivos estão na assistência
E os mortos sepultados
E os carros que viraram
Logo foram desvirados.

Aconselho os maquinistas
Que tenha muito cuidado
Quando passar na Moitinga
Não passe muito apressado
Sempre se lembre da hora
Que este trem foi virado.

A TRISTE HISTÓRIA DO SR. MOACY WEYNE

Mas não precisa ficarem
 Divido isto medroso
 Rezem e se encomende a Deus
 Que serão vitoriosos
 Não esmoreçam com isto
 Nosso Deus é poderoso.

Na hora que for deitar-se
 Faça seu pelo - sinal.
 Reze uma salve – rainha
 Ao pai celestial
 Que fechará o seu corpo
 E estar livre do mal.

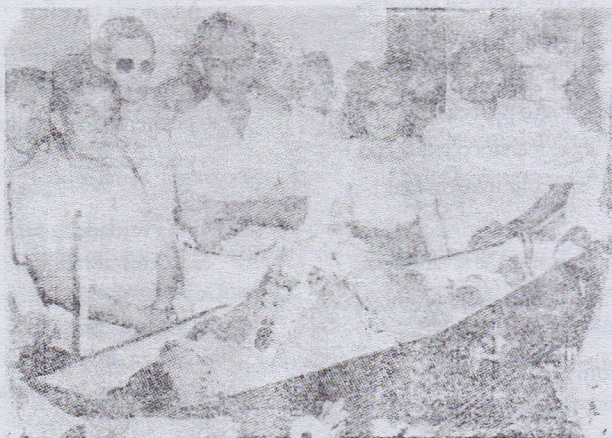
E quando se levantarem
 Se benzem neste momento
 E faça sua viagem
 Com Deus no seu pensamento
 Que não acontece nada
 Deus nos dar o livramento.

Se todos amassem a Deus
 Com inteira devoção
 Nunca havia em seu negócio
 Nem uma contradição
 Na terra ganhava a vida
 E na morte a salvação.

A todos peço desculpa
 A história teve fim
 Se acharem algum defeito
 Não tenham queixa de mim
 Não peguei todos detalhes
 Só pude escrever assim.

Minha verdadeira mãe
 Maria restauradora
 Daí - me boa aspiração
 És a minha protetora
 Sou poeta dos repentos
 Moisés Matias de Moura.





A TRISTE HISTÓRIA DO SR. MOACY WEYNE

A triste historia
Do Sr. Moacy Weyne
Morto em sua residência
Por seus falsos amigos!
É isso mesmo
Preço 2,00 cruzeiros.

Caros apreciadores
Leiam esta historia sublime
Do Sr. Moacy Weyne
Vitima de tão grande crime
Por ser família grandes
Grande respeito se emprime.

No mundo não há quem possa
Dizer que vai muito bem
Quando menos se espera
É quando a desgraça vem
E só pega de surpresa
Não vai avizar ninguém.

Como agora susêdeu
Com o Sr. Moacy Weyne
Homem de mil regalias
Não lhe faltava higiene
Se não for verdade isto
Minha historia condene.

Tudo de Moacy Weyne
Era de mais assiado
Tinhas seis cavallos bons
Só sahia bem montado
Seus arreio reluzia
Como um misterio encantado.

Tinha cavallo de sela
E tinha outros de prado
Animaes bonito e fortes
Cada qual mais encinado
Por que ele por corrida
Era um homem alucinado.

Gostava muito de farra
Brilhava em todo salão
Parece está se ouvindo
A voz do seu violão
Naquelas noites de lua
Não perdia seu clarão.

Cantava aquelas modinhas
Com sua voz atraente
Que abalava no leito
Coração de muita gente
Que deixava grande falta
Quando se achava auzente.

Nas belas noites de lua
Moacy Weyne sahia
Com seu lindo violão
Nas areias divertia
A sua voz autiava
Que de longe se ouvia.

Quando Moacy cantava
Em sua voz altaneira
Emitava ao grauno
Numa astra de arneira
Que alegrava a todo mundo
Naquela noite fagueira.

Mas tudo que a terra cria
Um dia terá seu fim
Como teve Moacy
Que não esperava assim
Vou contar o que passou-se
Não tenham queixa de mim.

Moacy em sua vida
Era muito divertido
E em seu divertimento
Era um pouco distimido
Em sua defeza
Nunca foi esmorecido.

Brincava com todo mundo
Apreciava a pobreza
Nos bairros de Fortaleza
Mas tinha varios amigos
Da alta classe e nobreza

Três desse falços amigos
Que nunca se viu assim
Procuraram Moacy
Rica peça de citim
E em sua residencia
Conseguiram dar-lhe fim.

Isto foi no dia treze
creio que não há engano
Daquele mez de novembro
Do mesmo corrente ano
Moacy foi abatido
Pelo um ser tão desumano.

As nove horas da noite
Chegaram na residencia
Do Sr. Moacy Weyne
Caixa da inteligencia
Convidaram para darem
Tiros de experiencia.

Moacy ainda disse
Não que já é muito tarde
Se vocês chega mais cedo
Nós atirava a vontade
Mas minha esposa já dorme
Desculpe por caridade.

Os três rapazes insistiram
Para brincarem de tiros
Porque já queriam verem
Do pobre o ultimo suspiro
Era tão tarde da noite
Que a visinhança não viram.

Eles já foram sabendo
Que Moacy aceitava
Porque era atirador
Ninguem com ele atirava
Só atirava apostando
Na certeza que ganhava.

Estes levaram bebidas
Para assim melhor manjar
Caju para tirá gosto
E tambem para nivejar
O resultado senhores
Escute o que digo já.

Depois que todos beberam
Os seus revolves puxaram
Botaram um caju de alvo
E todos três atiraram
Os filhos de Moacir
Um grande susto tomaram.

A mulher de Moacir
Saiu fora neste momento
Pedindo que não atirassem
Pelo santo sacramento
A hora não é mais propria
Para este divertimento.

Moacir lhe respondeu
Mulher tenha paciencia
Chegaram os amigos tarde
Hoje em nossa residencia
Vou fazer os gostos deles
Com carinho e reverencia.

Ahi botaram um caju
E um dos dois atirou
Mas desviou o caju
Em Moacir alvejou
Caiu logo no salão
Quando a arma disparou.

Neste momento a mulher
Ouviu um forte gemido
Dipreça vei ao salão
Viu seu esposo caído
E os ter falsos amigos
Da sala tinham fugido.

A mulher alarmou logo
E os vizinhos chegaram
Logo a pronto socorro
Neste momento chamaram
Quando a assistencia chegou
Na mesma hora levaram.

Ficou a mulher em pranto
Quando o esposo sahiu
Todo banhado de sangue
Ela com ele seguiu
Para ver a salvação
Porem de nada serviu.

Porque quando lá chegaram
Que da assistencia deceu
Os médicos o examinaram
Porem ele esmoreceu
Não mesa da operação
O pobre homem morreu.

Os assassinos fugiram
A policia não pegaram
Escaparam do fragante
Não sei onde se socaram
Com quatro dias depois
A prisão se entregaram.

Embora por intermedio
Do bom pai do criminoso
Que pegou o filho e disse
Sois um ente endezejoso
Vou entregar-lhe a policia
Como um pai caprichoso.

Logo botou-lhe na frente
E foi mesmo de verdade
Entregou êle a policia
Mostrou sua honestidade
Ficaram o povo louvando
A sua capacidade.

Embora que o assassino
Em ter morto não acusa
A policia em cima dêle
Enterroga que abusa
De forma que este crime
Ainda está em confusa.

A HISTÓRIA DE JOELHO

Mas a justiça divina
Dêle não pode sahir
Os castigos são demais
Não poderá registir
Ou mais hoje ou amanhã
Virão sempre descobrir.

Do infeliz Moacir
O que chama atenção
Foi uma corrida trata
Para a inauguração
Com seu famoso cavalo
Que vou fazer narração.

Nesta inauguração
Eu estava no pici
Para assistir as corridas
Inauguradas ali
Quando vi chegar de luto
O cavalo de Moacir.

A chegada do cavalo
Fez doer no coração
Porque seu dono foi morto
Não livrou-se da traição
Por isto chegou de luto
Foi horrível a comoção.

Todo coberto de luto
Correu e não apanhou
Foi cinco contos de reis
Que Moacir apostou
E esta mesma importância
Sua viúva ganhou.

Quem matou não mate mais
Peço agora de joelho
Escrevi esta historia
Para servir de espelho
É feliz a creatura
Que tomar este conselho.

A todos peço desculpa
Não ofendi a ninguem
Só escrevi a historia
A pedido de alguém
Atendi os peditórios
Satisfiz não sei a quem.

Essa historia terminei
Esperem outra vindoura
Que será do ano santo
Que sai na radiadoura
Não deixo de assinar
Moisés Matias de Moura.

A HISTORIA — DE —



JOMBREGA

Pelo historiador

Moisés Matias de Moura

Preço 2,00

A HISTÓRIA DE JOMBREGA

A história de Jombrega
pelo historiador Brasileiro
Moisés Matias de Moura
preço 2,00 cruzeiros e é
barato pode crêr.

Eis aqui caros leitores
a história de Jombrega
guabirú do rabo fino
que nem o gato lhe pega
mas ainda não está livre
de levar uma esfrega.

Jombrega é um infeliz
que roubou dos Cearenses
uma partida já ganha
para dar aos Paraenses
sendo ele um jogador
dos times Fortalezenses.

Jombrega caros leitores
era a luz do futebol
os times de Fortaleza
invejava seu farol
hoje não merece mais
nem mesmo o clarão do sol.

Jombrega no Ceará
era o melhor jogador
mas agora desta vez
perdeu de tudo o valor
porque ficou na história
como o maior traidor.

Jombrega é um jogador
querido da classe alta
hoje será esquecido
que ninguém mais lhe exalta
porque não terá sabão
para limpar sua falta.

Jombrega como juiz
da sensacional partida
deixou todos Cearenses
indignados da vida
a batalha estava ganha
e depois ficou perdida.

Desde o infeliz momento
que foi Jombrega escalado
para ser juiz de campo
que o povo ficou cismado
um dizia outro dizia
estamos mal colocado.

A HISTÓRIA DE JOMBREGA

Mesmo antes do esbulho
já todo publico sabia
que Jombrega sendo juiz
os Cearenses perdiam
todos liam em sua testa
a falsidade que havia.

Quem lia suas feições
ficava logo interado
que o infeliz Jombrega
já tinha sido comprado
como um falso Cearense
ia ficar rubicado.

Dezoito de fevereiro
nunca será esquecido
porque foi a negra data
que o Ceará foi traído
pelo um próprio Cearense
da terra que foi nascido.

O apito de Jombrega
deu encerrada a peleja
porque já tinha no bolso
o dinheiro da cerveja
embora que depois
arrependido se veja.

Porque acaba o dinheiro
e mais amigos não tem
outra hora sem ter dinheiro
estava passando bem
porque tinha muito amigo
uns dava 20, outros cem 100,00.

Os açougueiros diziam
por há de esperá
carne neste meu açougue
tu nunca mais comprará
saia daqui todo dia
comprar carne no Pará.

Até mesmo os motoristas
dizem com a cara erguida
que Jombrega no seu carro
não faz mais uma corrida
porque foi o traidor
daquela grande partida.

Afinal Jombrega agora
aqui não tem mais valia
só aqueles Cearenses
de sua mesma família
mas fora disto leitores
ninguém mais o auxilia.

A Ceará Radio Clube
desta nossa capital
com o nome de Jombrega
animaram o carnaval
só era a voz que se ouvia
lá no abrigo central.

A Ceará Rádio Clube
Esportiva Cearense
diz que Jombrega roubou
para dar aos Paraenses
tirando assim o valor
dos nossos fortalezenses.

Acho que a Seleção
cumpru com o seu dever
em espulsar-lhe do jogo
para ninguém mais ver
que quem atrai sua pátria
seria melhor morrer.

O apito de Jombrega
funcionava bastante
cortando as investidas
de nosso time elegante
dando os maiores cartazes
ao time visitante.

Até mesmo os paraenses
apoiaram nossa historia
dissera abertamente
que era nossa a vitoria
porém Jombrega tomou
e nos deu foi uma gloria.

Quem hoje podia ser
o campeão do Norte do Brasil
era o time cearense
como bravos varonil
estava de parabéns
o nosso céu cor de anil.

Só por arte diabólica
perdemos esta campanha
deixemos o campeonato
outra vez em mãos estranhas
desta forma os Cearenses
campeonato não ganha.

Porque perdemos agora
a melhor oportunidade
pra campeonato Brasileiro
não temos felicidade
não falta 5ª coluna
para fazer crueldade.

Como se ver a cantiga
não sei como será
agora com 4 filhos
onde é que vou morá
que Jombrega é Cearense
mas roubou para o Pará.

Se viu mais no carnaval
uma enorme ratoeira
com um rato preso dentro
que não era brincadeira
e um letreiro dizendo
é Jombrega na carreira.

Se na fosse o (23) vinte e três
que lhe deu a garantia
o povo tinha o matado
que era o que merecia
para nunca mais ser falso
ao time da simpatia.

O Ceará jogou bem
se discute na história
porem Jombrega apitou
escorregou a vitória
os paraenses ganharam
o guabirú deu a glória.

É grande este comentário
todo cearense diz
gritando na praça publica
Jombrega é um infeliz
não morreu na mesma hora
porque o choque não quiz.

O apito de Jombrega
separava instante a instantes
contra o time da terra
a favor dos visitantes
lá só não deram por ela
aqueles ignorantes.

No Pará os Cearenses
nada puderam fazer
o campo coberto d'água
não cessava de chover
e aqui no Ceará
foi maior o desprazer.

O árbitro alencarino
matou miseravelmente
toda a nossa seleção
desagradou muita gente
quando anulava o goal
sem razão, grosseiramente.

ANO SANTO 1950
A MAIS LINDA HISTÓRIA

No carnaval ouvi critica
ninguém diz que é mentira
aqui diz, daqui não saio
nem daqui ninguém me tira
Jombrega é um guabirú
na ratoeira se vira.

Daqui ninguém não me tira
daqui ninguém vem tirá
porque tenho quatro filhos
não tenho a onde morá
o Jombrega é cearense
mas roubou para o Pará.

Não esmoreça esportistas
Jombrega já está fora
de outra vez ganharemos
vamos aguardar a hora
desta vez ninguém perdeu
ganharmos, mas foi embora.

Todo jogo é isso mesmo
traz sempre esta confusão
o juiz dá a quem quer
tenha ou não tenha razão
é como um prezo que um prende
e outro tira da prisão.
Em jogo de futebol

eu nunca tive ideal
mas não destruiu ninguém
o jogo está mundial
cada qual no seu caminho
a defeza é natural.

O meu legitimo ideal
é de escrever repente
de qualquer um, ocorrido
que passar em minha frente
embora não satisfaça
os gostos de muita gente.

Aqui eu peço desculpa
a todos de uma vez
peço que compre um livrinho
fique sendo meu freguez
só sei fazer o bem
aquele que já me fez.

Jombrega como juiz
fez uma ação traidoura
roubou para os Paraenses
com a vitoria já se foram
ficou Jombrega na lista
Moisés Matias de Moura
(Fim)



ANO SANTO 1950

A MAIS LINDA HISTORIA

Ano Santo de 1950

A mais linda historia

Escrita pelo historiador
brasileiro

Moisés Matias de Moura

Preço 2,00 cruzeiros.

A Virgem Nossa Senhora

Com seu divino manto

E seu filho Jesus Cristo

A quem eu vos amo tanto

Deram-me luz escrevi

O livro do ano santo.

Devotos da Mãe de Deus

E do Pai Celestial

Tirem o chapéu da cabeça

Façam seu pelo sinal

Para poder ouvirem

Este santo original.

Este santo original

Nem diminui nem aumenta

Porque foi profetizado

Para o ano de cinquenta

Pelos profetas antigos

Que mais nada acrescenta.

Disse assim a profecia

Que na éra de cinquenta

Quem fôr forte vai avante

Quem fôr fraco se rebenta

Porque aparece cousa

Que poucas pessoas aguenta.

Declarava as profecias

Que no ano de cinquenta

Por ser termino de século

As novidades se enfrenta

Porque quem ama a Jesus

D'Ele nunca se ausenta.

Cousa de sete cabeça

Frei Vidal profetizou

E o que disse acontecesse

É o tempo que o justo

Pelo pecador padece.

Por isto o Papa pediu

Ao governo da nação

Que previnisse ao povo

A não fazer diversão

Por ser um ano sagrado

Só completa devoção.

Pediu que no ano santo
Não brincasse o carnaval
E assim em quarenta e nove
Em dezembro o mês final
Não no dia vinte e cinco
Por ser dia de Natal.

Nem os padres não podiam
Celebrarem casamento
Que em casamento há festa
Em festa há divertimento
Se alguém casar este ano
Fica nulo o sacramento.

Fica apenas batizado
A crisma a confissão
E para todos em geral
Um ano de devoção
Para ver se lá no céu
Se alcança a salvação.

Se toda humanidade
Cumprissem este juramento
De passar este ano todo
Contrito de pensamento
Rezando e se entregando
Ao divino sacramento.

Ficará esta historia
Para adulto e infantil
Escrita rapidamente
Como bala de fuzil
A fim de ser circulada
E lida em todo o Brasil.

É uma obra sublime
Intitulada ano santo
De nove cento e cincoenta
Não é nada de espanto
Que as antigas profecias
Já profetizaram tanto.

O Papa adotou que era
O ano da penitencia
Que devemos recebe-lo
Com a maior reverencia
Porque em tudo se nota
Uma grande diferença.

Neste ano de cincoenta
Quem não morrer há de ver
O que disse a profecia
Que havia aparecer
Agora chegou o tempo
É feliz o que vencer.

A todos faço um pedido
Com meu pouco entendimento
Que no ano de cinquenta
Não queiram divertimento
Antes de tudo vamos ter
De tudo arrependimento.

Porque é o ano certo
De todos se arrepender
Dos maus feitos que fizemos
Sem a Deus obedêcer
Estamos no fim do mundo
Terminou nosso prazer.

Vamos todos reunidos
Com inteira obediência
Fazer durante este ano
Exame de consciência
Para confessar a Deus
Em sua santa presença.

A Deus não se nega nada
Pois Ele sabe de tudo
Porque os nossos pecados
Vão na frente como escudo
Teremos que confessa-los
No céu não se chega mudo.

Quem atravessar o ano
Contrito de coração
Com o pensamento em Deus
Com inteira devoção
Jesus Cristo lhe abraça
Ganhará salvação.

Vamos fazer oração
Todo dia e toda hora
De joelho no chão duro
Pedindo Nossa Senhora
Que perdões nossos pecados
Desta vez vamos embora.

Vamos pedir e rogar
Ao divino Santo Antonio
Para que êle nos livre
Da tentação do demonio
Quem morre e leva pecado
Lá no céu chega tristonho.

Vamos perdoar aqueles
Que por nós era odiado
Que quem perdôa na terra
No céu será perdoado
Fica do lado direito
De nosso Deus coroado.

Todos querendo bem pode
Ter sua salvação certa
Porque as portas do céu
Para todos vive aberta
Para este fim meu povo
Só uma cousa nos resta.

É fazermos penitencia
Praticar a caridade
Socorrendo os desvalidos
Na maior necessidade
Assim todos nós teremos
Perdão na eternidade.

Traga em seu coração
Jesus Maria José
Que alcançará milagres
Peçam a Deus com toda fé
Que lhe dê o seu perdão
Que desprezados não é.

Só não alcança perdão
Aqueles que não tem fé
Que são catolico na bôca
Porem catolico não é
Para estes não existe
Jesus Maria José.

Não digo isto agravando
Aqueles que não merecem
Quem não for ignorante
O meu dizer bem conhece
É por isso que o justo
Pelo pecador padece.

Devemos todos rezar
De joelho no chão duro
Para ver se nos livra
Do mal que vem no futuro
Quem se prevenir na terra
No céu estará seguro.

Neste ano de cinquenta
Não deverá haver imposto
Porque quem paga diz logo
Levem o suor do meu rosto
E o ano não é proprio
Para haver esse desgosto.

Eu já paguei uma vêz
E comigo reclamei
Dizendo assim vocês levam
O suor que derramei
E assim todos dirão
Por isso atenção chamei.

A CARTA QUE VEIO DO LULU
OLGÁRIO PEREIRA NETO

Visto ser um ano santo
Vamos ter obediência
Em desprezar os impostos
Com inteira consciência
Para sermos mais fiéis
A divina providencia.

Porque quem comprar um livro
De tudo fica sabendo
Quem ofendia a Jesus
Não fica mais ofendendo
Os que se reger por êle
Com Jesus fica vivendo.

Vamos fazer caridades
Sem reparar a quem
Mesmo a quem nos faz o mal
Devemos fazer o bem
E viver sem reparar
Os defeitos de ninguém.

Não esqueçam este conselho
Nem tenham queixa de mim
Este livro é um aviso
Ninguém deve achar ruim
Estou com pena porque
Agora chegou ao fim.

É o conselho que dou
Para toda humanidade
E quem tomar neste mundo
Terá a felicidade
Porque terá com certeza
Perdão na eternidade.

Quem firmemente cumprir
O que o livro contem
Não errará mais na vida
Segue o caminho do bem
Ganha a salvação por certo
Os anjos digam amem.

Sei que a casa de Deus
Não é casa de negocio
Levo este livro a Igreja
Para acabar o divorcio
Vendendo bem baratinho
Quem revender é meu socio.

Meus votos é que este livro
Circúle em radiadoura
Para dar prazer ao cabo
Moisés Matias de Moura
Que tem passado no transito
Uma vida sofredoura.

Moisés Matias de Moura

OLEGÁRIO PEREIRA NETO

A Carta que veio do Céu

Quem levar esta cartinha
E tendo a ela atenção,
Vai em sua companhia
Padrinho Cícero Romão,
E nossa Senhora das Dores,
E a virgem da Conceição.



História Religiosa da Carta de aviso que foi a-
chada no Rio Se-
cundário na he-
ra de 1950.

Prêço Cr\$ 2,00

1950

A CARTA QUE VEIO DO CÉU

OLEGÁRIO PEREIRA NETO

Quem levar esta cartinha
E tendo a ela atenção
Vai em sua companhia
Padrinho Cícero Romão
E Nossa Senhora das Dores
E a Virgem da Conceição.

História Religiosa da carta
de aviso que foi achada no Rio
Secundari na hera de 1950.

Leitores se apreciam
história celestial
tirem o chapéu da cabeça
para ouvirem o que diz
êste meu original.

Êste meu original
é uma carta de aviso
que Jesus Cristo mandou
do seu santo paraíso
ordenando que os poetas
a publicassem de improviso.

O portador d'esta carta
foi um anjo Serafim
baixou à terra com ela
Jesus ordenou assim
que êle a deixasse dentro
de um precioso jardim.

Assim mesmo o anjo fez
com prazer e alegria
deixou a carta e voltou
com Deus e Santa Maria
cumpriu assim o mandado
da forma que Deus queria.

Ficou ésta dita carta
nêsse jardim precioso
escrita em letras visíveis
por nosso Deus poderoso
para ela cair nas mãos
de um poeta curioso.

Nêste ano de cincoenta
no mês vizinho de abril
andava um servo de Deus
n'aquela jardim de anil
encontrou ésta cartinha
e espalhou no Brasil.

Na carta vinha o seguinte:
- filhos amados e queridos
de meu precioso sangue
quero que sejam remidos
e de meu sagrado corpo
não se fazem esquecidos.

Vejam meus filhos queridos
meu sangue foi derramado
n'uma preciosa cruz
para apagar o pecado
quem o adorar na terra
no céu será perdoado.

Não negarei o perdão
a quem meu corpo comeu
o meu precioso sangue
feliz quem dêle bebeu
quem não participou disto
ó que tesouro perdeu.

Todo aquele que não fôr
com o meu sangue criado
chegando em minha presença
por mim será condenado
perderá a esperança
de um dia ser perdoado.

Quem zombar da minha carta
castigo severamente
com raio, curisco e trovão
minha palavra não mente
com ésta carta de aviso
já não estão inocente.

Aquele que não seguir
a lei católica romana
não se confessar ao menos
uma vez só por semana
de Deus não merece um risco
ó que dôr tão deshumana.

Roguem a nossa mãe Santíssima
que é nossa advogada
que no dia de juízo
esteja a nós encostada
para ver se éla deixa
as nossas culpas apagadas.

Deixem a malvada preguiça
sigam os santos mandamentos
podem entrar nas igrejas
sem nada de acanhamento
que nas últimas agonias
terão arrependimento.

Os domingos e dias santos
todos devemos guardar
e quem assim não fizer
Deus o há de castigar
veio ésta carta de aviso
para todos se emendar.

Se passares por uma igreja
faça sua obrigação
tire o chapéu da cabeça
rese qualquer oração
que a igreja é a casa
da Virgem Conceição.

Quem ésta cartinha lêr
observando os sinais
quando morrer está livre
dos tormentos infernais
e quem não obedecer
faz parte dos animais.

Prestem atenção a carta
gravem bem no seu sentido
se não vos castigarei
para seres convertido
quem com vida se arrepende
por Deus é bem recebido.

Quem julgar que ésta carta
não foi feita por Jesus
na hora da sua morte
lhe falta a fala e a luz
cospe nas chagas de Cristo
corre com mêdo da cruz.

Quem não guardar ésta carta
e fazer d'ela mangação
serão todos destruídos
assim como foi Salomão
com toda real família
sem escapar geração.

E quem éla conservar
com fé viva e esperança
será livre de pecado
o céu é sua lembrança
São Miguel lhe pesa a alma
na sua fiel balança.

É afortunada a casa
que ésta carta tiver
e pagar para ser lida
se por acauso não souber
e agradecer bastante
a pessoa que lhe dêr.

No dia do julgamento
quem levar ésta cartinha
e entregar a Jesus
já lida linha por linha
Nossa Senhora das Dôres
no céu é sua madrinha.

Jesus Cristo lhe perdôa
e lhe dá a mão direita
Nossa Senhora das Dôres
ficará bem satisfeita
na Côrte Celestial
em boa cama se deita.

No ano cinquenta e nove
a vinte e cinco de janeiro
quem não morrer há de ver
Jesus baixar n'um cruzeiro
e pregar quarenta dias
na matriz do Juazeiro.

Quem ésta carta tiver
com perfeita devoção
será livre dos perigos
de Jesus tem a benção
não a tendo com respeito
tem por certo a maldição.

O sol terá que correr
que a todos faz temor
quem fôr vivo há de ver
nêste mundo grande horror
uns gemendo outros chorando
sem suportar tanta dôr.

No dia dez de agosto
o sol terá que correr
a terra por sua vez
não cessará de tremer
eu só não digo é o ano
Deus lhe dará o saber.

Ésta cartinha avisa
n'ela tem experiência
quem lêr e compreender
dobrará a resistência
porque recebe o auxílio
da Divina Providência.

Estudem com perfeição
sejam mais inteligente
espalhem de mão em mão
a pai, a mãe, a parente
até os próprios estranhos
podem dar abertamente.

Nossa Mãe Celestial
abençôa os filhos seus
quem tiver ésta cartinha
aviso do nosso Deus
e por isto pede a todos
guarde, guarde filhos meus.

Quem ésta carta tiver
não morrerá de má morte
Nossa Senhora das Dôres
manda um anjo Serafim
para fazer-lhe transporte.

Será feliz a pessoa
que trazer uma consigo
quer na vida, quer na morte
será livre do perigo
porque nosso bom Jesus
estará sempre consigo.

De má morte repentina
ninguem não há de morrer
de todos os seus pecados
terão que se arreponder
os sacramentos da morte
terão que os receber.

Quem ésta cartinha lêr
de joelhos no chão duro
Nosso Senhor Jesus Cristo
lhe dará um saber seguro
que todos conhecerão
o mal que vem no futuro.

Como a corrida do sol
todos terão que saber
porque ésta carta indica
o ano o que há de ser
só se não fizerem conta
d'esta carta quando lêr.

No rio Secundari
foi ésta cartinha achada
vinda da Côrte do céu
ainda estava fechada
quem abriu leu e me trouxe
fez uma vinda vexada.

Afim de eu escrever
e todos ficarem cientes
porque é uma das coisas
que agrada a todos os viventes
que adotarem a lei católica
e despresarem aos crentes.

Todo vão me desculpando
homens, meninos e senhoras
minha Mãe Celestial
foi a minha professôra
escrivi e assinei
Moisés Matias de Moura.



2.^a EDIÇÃO DO
MONSTRUOSO
Crime do ex-jogador



ÍDALINO

Que foram vítimas os dois comerciantes

ALUISIO E GERALDO

Peço Historiador Moisés Matias de Moura

PREÇO Cr\$2,50

MONSTRUOSO CRIME DO EX-JOGADOR IDALINO
QUE FORAM VÍTIMAS OS DOIS COMERCIANTES
ALUISIO E GERALDO

2ª edição

Quem leu o primeiro livro
agora leia o segundo
do monstruoso Idalino
o ex-jogador imundo
que praticou friamente
o maior crime do mundo.

Êle sepultou os corpos
sem ter dó nem piedade
disse para sua amante
já fiz toda falsidade
cinicamente ficou
passeando na cidade.

Pela rua passeava
fazendo outro mau juízo
como matava Luizinha
a noiva do Aluisio
porem ela se livrou
por ter do céu um aviso.

Luizinha só escapou
por Deus lhe dar bôa sorte
Idalino a persegui-o
mas ela resistiu forte
se ela o acompanha-se
passava na mesma morte.

Pela falta dos rapazes
dona Luizinha chorava
o monstruoso Idalino
toda hora convidava
para passear com ela
mas ela não aceitava.

Aborrecida dizia
não farei o seu pedido
quem comigo passeava
talvez já tenha morrido
como aludida estou sendo
talvez foi éle aludido.

Idalino conheceu
que a ela não aludia
foi estudar outro meio
para ver se a destraia
passou telegramas falços
porem de nada servia.

Passou telegramas falços
para a pobre donzela
como se fosse Geraldo
que passava para ela
ela dizia consigo
isto tudo não tramela.

Ficou a pobre moça
em triste situação
desapareceu os jovens
de sua predileção
e ela desamparada
Luizinha lá na pensão.

Ocorrido muitos dias
a moça telegrafou
para a Campina Grande
contando o que se passou
o misterioso crime
logo se desenrolou.

Foi isto a 2 de setembro
este crime praticado
e só a 10 de outubro
Idalino foi pegado
por ter a jovem Luizinha
do mesmo denunciado.

Fez a denuncia dizendo
que ele era o culpado
por ter feito aquela compra
daquele carro fiado
os rapazes se sumiram
não foram mais encontrado.

Depois de feita a denuncia
a polícia deu razão
foram atrás de Idalino
efetuaram a prisão
e foi logo interrogado
pois havia precisão.

Logo algemaram ele
de uma forma que serviu
e o monstruoso crime
nos ferrinhos descobriu
como cínico traisoeiro
em vez de chorar sorriu.

Descobre lobo ferino
diga logo nesse instante
aonde foi que você
matou os negociantes
enquanto não descobrir
aqui vai sofrer bastante.

Disse Idalino eu matei
em um quarto de pensão
e minha amante não viu
aquela orrenda traição
recai tudo sobre mim
não houve combinação.

E para que o senhor
matou os comerciantes?
só matei para roubar
dinheiro joias brilhantes
mas sabendo que fazia
dois crimes repugnantes.

Você tinha precisão
destes crimes praticar?
não respondeu Idalino
eu tenho que precisar
não foi mais que o demonio
que estava a me atentar.

Me diga que Alcinda Graça
parte neste crime tem?
Idalino respondeu
digo porque me convem
se ela me descobrisse
eu lhe matava também.

Você queria botar
dona Luizinha em perigo?
diz é ela escapou
porque não saíu comigo
se não eu matava ela
é bastante o que lhe digo.

O crime do Alto Santo
juremal é semelhantes
a este que o senhor fez
aos 2 comerciantes
Idalino ouvindo isto
ficou assim vacilante.

Diga se participou
confesse sua verdade
destes 2 crimes horrorosos
igual os 2 da cidade
que você fez na pensão
sem haver necessidade.

E a mulher da pensão
que outro dia caiu
lá de cima da janela
e você não descobriu
não foi você que empurrou
pensa que ninguém não viu.

Sua primeira mulher
você também não matou
pensa que ninguém não sabe
de tudo que se passou
desta vez vai pagar tudo
que na vida praticou.

Responde o cínico Idalino
eu viver não merecia
por Deus não ser vingativo
é que vejo a luz do dia
mereço ser castigado
morrendo na enxovia.

Uns 8 dias Idalino
foi bastante interrogado
descobriu muitos mau feitos
que já tinha praticado
foi removido a cadeia
para depois ser julgado.

Quando estava de saída
para ir a detenção
pediu p'ra trocar de roupa
por ter muita na pensão
porem não foi atendido
não teve mais proteção.

Idalino reclamava
assim não me fica bem
tenho roupa tenho joias
que nem todo rico tem
e sair como mendigo
não se faz isto com ninguém.

Na hora da retirada
foi grande aglomeração
para verem eles sairem
em rumo da detenção
dava imitação que era
uma grande posição.

Alcinda Graça também
reclamava de verdade
ai meu Deus vou aqui preza
sem ter culpabilidade
a força fui testemunha
de tanta barbaridade.

Hoje estão os dois amantes
na detenção do estado
todo instante e toda hora
estão sendo interrogado
esperando morrer antes
de irem para o jurado.

Porque foi que Idalino
uzou tão feio mister?
era porque sustentava
de 3 a 4 mulher
e não ganhava a despesa
na profissão de chauffer.

A SENA DE MARANGUAPÉ
E O CRIME DO CAFÉ FAMILIAR ONDE FOI VÍTIMA
MARIA DA CONCEIÇÃO

Quem tem uma só mulher
passa as vezes privações
avalie com 3 ou 4
sem ter toda arrumação
por isto é que matam e rouba
fazem toda tentação.

Talvez que em sua vida
nunca pensou Idalino
de morrer na cadeia
por ladrão e assassino
mas por cauza de mulher
tumou éle este destino.

Aviso a meus companheiros
que não sejam renitente
deixem a vida mundanha
para ser mais competente
não ame a mulher da rua
ame a sua somente.

Eu canço de dar conselho
nos livros que tenho escrito
mas parece que é mesmo
atentação do maldito
me chega assunto que deixa
o meu coração aflito.

Eu só escrevo é porque
sou poeta de verdade
quando eu chegar a morrer
faço falta na cidade
porque faço profissão
de escrever novidade.

Agora peço desculpa
já vou chegando no fim
do crime de Idalino
só pude escrever assim
se faltou alguma coisa
não tenham queixa de mim.

Idalino ficou prezo
com Alcinda sua amante
por ter êle cometido
aquele crime agravante
que nele perdeu a vida
aqueles comerciantes.

Se este crime for filmado
é outra historia vindoura
e será irradiada
em varias irradiaduras
com meu nome escrito embaixo
Moisés Matias de Moura.

Em tempo de barba branca.

Dois de 2 dias atrás.



A SENA DE MARANGUAPE
E O CRIME DO CAFÉ FAMILIAR ONDE FOI VÍTIMA
MARIA DA CONCEIÇÃO

Para escrever essa história
Quase perdia o plano
Dessas mortes que houveram
No miado deste ano
Crimes cruéis praticados
Por coração desumano.

Não parece meus amigos
Que este ano era santo
Que os crimes praticados
Tem nos causado espanto
Pelos conselhos que dei
Eu não esperava tanto.

O livro do Ano Santo
Escrevi com perfeição
Ninguém tomou meu conselho
Perdi a satisfação
Mas entrego tudo isto
À Virgem da Conceição

Pedia todos em geral
Que o mau costume deixasse
Na maior necessidade
Pedisse mas não roubasse
E se o vosso semelhante
Em tempo nenhum matasse.

Pedi para perdoarem
Mesmo a quem nos fez o mal
Quê quem perdoa na terra
Ganha grande cabedal
Porque recebe o perdão
Na Corte Celestial.

Pensei de ser atendido
Neste ano de cinquenta
Porém tudo foi engano
O roubo e o crime aumenta
Se não houver paradeiro
Cada vez mais acrescenta.

Como agora em Fortaleza
Deu-se um crime horripilante
Senhor Raimundo Pereira
Alvejou sua amante
Com 2 tiros de revolver
Abatera num instante.

Maria da Conceição
Era a sua namorada
Não sei por qual razão
Teve grande e ciumada
Que seu amante matara
Deu-lhe 2 disparada.

E logo que ele viu
Sua amante liquidar-se
Com medo de não ir prezo
Tratou de suicidar-se
Porem não morreu ainda
Julguei que não escapasse.

Ele atirou na mulher
Que se ouviu o desfeicho
Em seguida botou logo
O revolver no seu queicho
Disparando contra si
Caiu ela e ele a neicho

Vou escrevêr a história
Dando mais um parecer
Que ninguém deve matar
E nem fazer por morrer
Que assim sendo é 2 crimes
Que perdão não pode ter.

Foi a 14 de julho
Este crime praticado
No Café Familiar
Sem nunca ser esperado
Pois o dono do café
Foi este tal ciumento.

A muito tempo vivia
Com toda satisfação
Com esta tal namorada
Maria da Conceição
Conhecida em Fortaleza
Amar era a profissão.

Raimundo Pereira estava
Com raiva de sua amante
Estava esperando a hora
Ela entrar no restaurante
E depois também ficar
Em estado agonizante.

Eram 3 horas da tarde
Hora de mais movimento
O jogo da Copa Mundo
Pegavam neste momento
Quando ouviram o estampido
O drama sangrinolento.

Quando espalhou-se a notícia
Estremeceu a cidade
Foi grande aglomeração
Para verem a novidade
E conhecer o autor
Daquela perversidade.

Logo chegou a Assistência
 Como sempre é de costume
 Levaram os 2 feridos
 Pela força do ciúme
 Que se morrer todos dois
 No cimitério se úne.

Maria da Conceição
 Morreu na operação
 Raimundo ainda está vivo
 Porém não tem salvação
 Do crime que cometeu
 Deu alguma explicação.

Declarou que sua amante
 Por outro amor lhe traiu
 E o ciúme foi tanto
 Que ele não resistiu
 Tratou logo de vingança
 Que ninguém a acudiu.

Maria da Conceição
 Baixou para fria areia
 E ele está na sentença
 Sofrendo de cara feia
 Se não morrer sofre mais
 Porque vai para cadeia.

Vou escrever esta quadra
 E tod uma cruzinha nela
 Que o leitor quando ler
 Nunca mais esquece ela
 Deixa de praticar crime
 Segue em outra parcela.

E esta outra parcela
 Que agora cai em meu lápis
 E 2 mortes que houve
 Na rua de Maranguape
 E de morrer mais algum
 Ainda não está escape.

A 10 deste mesmo mês
 Deu-se este caso serio
 Um comentario político
 Levou 2 ao cimiterio
 Para ficarem sabendo
 Descrevi este mistério.

João Marrocos comandante
 Daquele destacamento
 Era muito respeitado
 Como 2º sargento
 Tirava tudo na calma
 Não era homem violento.

Senhor Gerardo Fernandes
Era irmão do locutor
De uma irradiadura
Que falava com fervor
Sobre aquele comentário
Que deu-se a sena do horrôr.

No comentário surgiu
Calorosa discussão
Que foi preciso o sargento
Ir com sua intervenção
Porque competia a ele
Que tinha disposição.

Na chegada do sargento
Muitos disparos surgiu
O sargento ignorava
Não viu de onde saiu
E naquela mesma hora
Ele ferido caiu.

José Fernandes dos Reis
Ferido sem resistência
De preça foi transportado
Por ser grande a diligencia
Mas sempre vei falecer
Na meza da assistência.

Quando seu irmão Gerardo
Locutor deste local
Lia ali irradiando
Comentários do jornal
Desagradou-a a alguém
E bancaram desigual.

Fizeram logo na rua
Como mau sanguinolento
No malvado tiroteio
Morreu o pobre sargento
Tão amado tão querido
Naquele destacamento.

E só não morreu mais gente
Não sei por qual razão
Que os tiros vinha de fora
Para dentro do salão
Parece que maior parte
Se deitaram pelo chão.

O comentário político
Trouxe logo o prejuizo
E o poeta escreveu
Porque não perde provizo
Um anuncio para ele
É um céu um paraizo.

Eu não sei quem matou
A cauza é desconhecida
José Fernandes e o sargento
Foram quem perderam a vida
Mas a historia ficou
Para não ser esquecida.

A onde há comentário
Sempre existe discussão
Estáa mais que aprovado
Pode prestar atenção
E é feliz quem livre
Desta mal contravição.

Tudo isso meus leitores
É quem não toma conselho
Pois eu já tenho pedido
No chão duro de juêlho
Para quem tem o bom sêncio
Este livro é um espelho.

Só escrevi estes crimes
Porque chamou atenção
Grande foi o sentimento
De toda população
Quando lia os ócurridos
Que vinha da redação.

Quem praticou este crime
Que cauzou tão grande espanto
Foi aquele que não lêu
O livro do Ano Santo
Que todos devem ler
A beleza do encanto.

Tanto que pedi ao povo
Que não matasse ninguém
A quem lhe fizesse o mal
Podia fazer-lhe o bem
Nunca procurar vingança
Quem vinga perdão não tem.

Disculpe caros leitores
A minha historia se finda
Se vier mais outro anuncio
Torno escrever ainda
Que quanto mais escrevo
Mas as historias sai linda.

Raimundo Pereira está
Com a vida sofredora
Porque o tiro cortou
Sua língua faladora
Assim nos diz o poeta
Moisés Matias de Moura.

Tenente Brigadeiro
EDUARDO GOMES



**O grande herói
dos 18 de Copaca-
bana em 1922**

Pelo historiador Moisés Matias de Moura

Preço Cr\$ 2,00

TENENTE BRIGADEIRO EDUARDO GOMES O GRANDE HEROI DOS 18 DE COPACABANA EM 1922

Eis aqui a candidatura
do Tenente Brigadeiro
Eduardo Gomes de Lima
um dos heróis de
Copacabana.

Peguei a pena leitores
escrevi o dia inteiro
a justa candidatura
do tenente brigadeiro
Senhor Eduardo Gomes
grande herói brasileiro.

Por todos foi aprovado
a sua candidatura
para todos os brasileiros
o seu nome é de doçura
já está reconhecida
a sua grande cultura.

O tenente brigadeiro
seu partido é udenista
promete que há de ser
um partido progressista
com votos dos brasileiros
ganhará esta conquista.

Promete aos eleitores
se ganhar a eleição
na hora que assumir
melhora a população
o seu maior interesse
é proteger a nação.

O Brasil vai conhecer
quanto é o seu valor
protegendo a humanidade
e diz que não é favor
é a sua obrigação
quando presidente for.

Talvez que nunca o Brasil
tivesse um presidente
de larga humanidade
no futuro pretendente
fará um Brasil de graça
com sua luz estridente.

Se o tenente brigadeiro
tiver a satisfação
de assumir a presidência
com força de votação
fará o que nunca fez
um governo da nação.

Mostrará imediato
um poder dominador
que todos dirão assim
este é governador
enxerga a necessidade
do pobre trabalhador.

O tenente brigadeiro
lançou a sua campanha
tudo que promete faz
não apresenta façanha
está em campo de luta
vamos ver quem é que ganha.

Sr. Eduardo Gomes
lançou candidatura
e foi aceito por todos
homens de alta cultura
o nome do brigadeiro
já está em grande altura.

O tenente brigadeiro
é moço robusto e forte
o seu nome está gravado
na loteria da sorte
para ser governador
desde o sul até o norte.

Vamos todos confiar-se
em seu Eduardo Gomes
por ser ele o candidato
da confiança dos homens
que agora vou sitar
neste livros vossos nomes.

O Dr. Prado Kelli
de todo gosto aprovou
e o Dr. Fernandes Távora
na hora pronunciou
e Otávio Mangabeira
todos propostos apoiou.

O governo Milton Campos
o Desembargador Faustino
ambos querem o Brigadeiro
para vêr o seu destino
e o Sr. Rocha Furtado
que fez um estudo fino.

Deu também sua palavra
Jonas vulto sem igual
presidente da U.D.N.
do Distrito Federal
que saudou o Brigadeiro
da forma sensacional.

Estes homens que falei
são puríssimos brasileiros
querem a candidatura
do tenente Brigadeiro
por ser dos Copacabana
um dos herói verdadeiro.

Sr. Osvaldo Trigueiro
apoia a candidatura
de seu Eduardo Gomes
bota ele na altura
e creio que ninguém tem
dele a menor censura.

Todos estes meus leitores
são homens de fibras pura
uma palavra que solta
é uma flecha segura
e querem do Brigadeiro
a sua candidatura.

Por tanto todos devemos
Votarmos no Brigadeiro
para dobrar o valor
deste herói brasileiro
que agora está futurando
governar o mundo inteiro.

Sr. Eduardo Gomes
uma eleição já perdeu
que foi em 45
trabalhou e não venceu
nesta eleição de 50
vai buscar o que é seu.

Seu partido é udenista
dos católicos do Brasil
quem votar neste partido
não deixa de ser feliz
creio que o dever de todos
é zelar sua matriz.

O Brigadeiro não perde
a eleição este ano
se não votar com ele
quem quiser ser deshumano
quem deixa o bem pelo mau
tem o coração tirano.

Sr. Eduardo Gomes
não deixa de ser eleito
tudo quando ele promete
é mesmo que já ter feito
deixará os eleitores
vivendo bem satisfeito.

Sei bem que no Ceará
quaze tudo é Brigadeiro
o povo fala em seu nome
não se ver um paradeiro
todos querem vê-lo na corte
dominando o paiz inteiro.

A U.D.N. meu povo
é um partido ilustrado
sua luz resplandecente
deixa o mundo iluminado
é o caminho seguido
para um céu estrelado.

Quem bem pensar votará
em seu Eduardo Gomes
que no correr deste dia
não sente sede nem fome
enquanto não votar nele
ver o comer mais não come.

O nome de Eduardo
está gravado em memória
todos votará com ele
para contar a história
porque já tem a certeza
de ganhar esta vitória.

Será um dia de festa
que não será esquecida
se o tenente Brigadeiro
ganhasse essa partida
e era o maior prazer
que eu tinha em minha vida.

No dia da eleição
seja em qualquer estado
todos procurem uma chapa
do Brigadeiro Eduardo
para botarem na urna
o lugar é reservado.

Sr. Eduardo Gomes
é um homem de valia
em quando vê um em falta
depressa lhe auxilia
tem sido feliz com isto
e toda sua família.

Sr. Eduardo Gomes
é um feliz bandeirante
entrou nesta grande empreza
mas sairá triunfante
e só dirá o contrario
quem for muito ignorante.

A MORTE DO PRESIDENTE VARGAS
O BRAÇO FORTE DO BRASIL

Sr. Eduardo Gomes
é um homem de posição
fará o Brasil feliz
com sua disposição
todos poderão contar
com a sua proteção.

Se o tenente Brigadeiro
passeiasse em Fortaleza
via bem que os cearenses
eram homens de firmeza
que votaram em seu favor
e outra qualquer defeza.

Se o tenente Brigadeiro
consagrar o seu amor
ao povo brasileiro
dobrará o seu valor
porque o povo lhe ajuda
seja de qual forma for.

Viva o Sr. Eduardo
com a sua caravana
grande herói brasileiro
dos 9 de Copacabana
que baixa decreto e lei
sua ordem é suberana.

Viva o tenente Eduardo
com a sua comitiva
que a sua propaganda
tem uma expressão viva
não apresenta caráter
de expressão negativa.

Viva viva o Brigadeiro
tenente Eduardo Gomes
e que neste grande pleito
o seu valor ninguém toma
porque é o que promete
dar comer a quem tem fome.

Desculpem caros leitores
se não prestar a propaganda
não repare minha falta
que a sua está de banda
e mesmo em todo paiz
seu pensamento é que manda.

É a melhor propaganda
para a eleição vindoura
votando no Brigadeiro
tem a chapa vencedora
diz assim o cabo velho
Moisés Matias de Moura.

A morte do
Presidente Vargas



GETULIO VARGAS

O
braço
forte
do
Brasil

Pelo historiador Moisés Matias de Moura

Preço Cr\$ 3,00

A MORTE DO PRESIDENTE VARGAS

O BRAÇO FORTE DO BRASIL

Alto Deus onipotente
Que o mundo inteiro formaste
Daí-me aspiração e ordem
Para seguir nesta arte
Emprovisar sem orgulho
Suicidou-se Getulio
Foi notícia em toda parte.

O mundo não considera
Quanto é triste a sua sorte
Tudo quanto a terra cria
Passa nas trancas da morte
Para não ver tanto orgulho
Suicidou-se Getulio
Do Brasil o braço forte.

A 24 de agosto
O céu ficou côr de anil
Contra o presidente Vargas
Revoltou-se mais de mil
Naquele grande barulho
Suicidou-se Getulio
Braço forte do Brasil.

Getulio não éra cumpre
Na morte do varonil
Mas houve grande censura
Que pegaram no fuzil
Por não servir de intulho
Suicidou-se Getulio
Braço forte do Brasil.

Reuniu-se os generais
Força armada e mercantil
As praças ficaram cheia
De adulto e juvenil
Gritando em grande barulho
Suicidou-se Getulio
Braço forte do Brasil.

O Brasil ficou de luto
Todo comercio feixou-se
Porque o braço mais forte
Do Brasil liquidou-se
Para não entrar em guerra
E nem vêr sangue na terra
Getulio suicidou-se.

Desde o crime que houve
Que o povo rebelou-se
Sensurando de Getulio
Tudo no Rio revoltou-se
Para não entrar em guerra
E nem ver sangue na terra
Getulio suicidou-se.

Getulio na ultima hora
Agoniado entregou-se
Depois de fazer mil planos
Abriu um quarto trancou-se
Não querendo entrar em guerra
E nem vêr sangue na terra
Getulio suicidou-se.

O Senhor Getulio Vargas
Morreu instantaneamente
E do brutal suicidio
Todo brasileiro sente
Digo a todo pessoal
Do crime do oficial
Getulio estava inocente.

Deixou mais um Instituto
Para o funcionário
Só não gostou o burguez
Porque são muito uzurario
Getulio Vargas morreu
O Brasil entristeceu
Vai sofrer o operário

Sindicato que ampara
O trabalhador voluntario
Foi criado por Getulio
Ainda há comentario
Getulio Vargas morreu
O Brasil entristeceu
Vai sofrer o operario.

Getulio amava a pobreza
Sempre foi humanitario
Foi um reto presidente
Como as contas do rosario
Getulio Vargas morreu
O Brasil entristeceu
Vai sofrer o operario.

O mundo tem estas faltas
 Nada existe de grandeza
 Quem mais faz menos merece
 É esta a real certeza
 Em menos de um segundo
 Acabou-se quem no mundo
 Mais protegia a pobreza.

Os Estados do Brasil
 Suspiraram de tristeza
 Quando espalhou-se a notícia
 Já confirmada acerteza
 Quem em menos de um segundo
 Acabou-se quem no mundo
 Mais protegia a pobreza.

Foi o vulto no Brasil
 De mais consideração
 Dezoito anos completo
 Governou toda a nação
 Fez tudo a bem da pobreza
 Posso dizer com certeza
 Acabou-se a proteção.
 O Sr. Getulio Vargas

Para ganhar eleição
 Não prezava comício
 Todos lhe tinha afeição
 Fez tudo a bem da pobreza
 Posso dizer com certeza
 Acabou-se a proteção.

Apreciava o esporte
 Com a maior sensação
 Para grande e pequenino
 Estava a disposição
 Fez tudo a bem da pobreza
 Posso dizer com certeza
 Acabou-se a proteção.

Acabou-se quem no mundo
 Tinha tanta inteligencia
 Já com 71 anos
 Sem estado de demencia
 Este vulto de valia
 Pede toda a familia
 Tenha santa paciencia.

Era velho porem forte
Tinha toda resistencia
Porem por motivo justo
Fez deixar a presidencia
Este vulto de valia
Pede toda a familia
Tenha santa paciencia.

As 4 da madrugada
Entregou a presidencia
As 8 suicidou-se
Não ouviu mais insistencia
Este vulto de valia
Pede toda a familia
Tenha santa paciencia.

Por mim não quero revolta
Entreguei a providência
E já pedi a familia
Que tivessem paciencia
Que com a divina luz
Na presença de Jesus
Provarei minha inocencia.
Devemos aguentar tudo

Sem perder a paciencia
Como Jesus aguentou
E tomou por penitencia
Assim digo ao pé da cruz
Na presença de Jesus
Provarei minha inocencia.

Getulio suicidou-se
Deu tudo por acabado
Entregou a presidencia
Mas de ninguem foi manadado
Deixou um governo novo
Para não vêr no seu povo
Tanto sangue derramado.

Suicidou-se sozinho
Lá no seu quarto trancado
Com um tiro no coração
Que varou do outro lado
Deixou um governo novo
Para não vêr no seu povo
Tanto sangue derramado.
O Snr. Getulio Vargas

Tinha um direito sagrado
De mesmo suicidar-se
Por si vêr tão enrascado
Deixou um governo novo
Para não vêr no seu povo
Tanto sangue derramado.

Todas as perseguições
Chegava de todo lado
Ele dizia consigo
É gravissimo meu estado
Deixou um governo novo
Para não vêr no seu povo
Tanto sangue derramado.

Suicidou-se deixando
Duas cartas e um bilhete
Dizendo aos inimigos
Podem soltarem fuguete
Quem quizer me vêr agora
Pode vim vêr nesta hora
Meu cadaver no Catete.
Suicidou-se trajado

Calça camisa e colête
Cercado de inimigos
De armas branca e cacête
Quem quizer me vêr agora
Pode vim vêr nesta hora
Meu cadaver no Catete.

Aqui eu peço desculpa
Nada escrevi do jornal
Quem trôuse este suicidio?
A morta do oficial
Getulio suicidou-se
Porque nem Jesus livrou-se
Da língua do pessoal.

Aqui assino meu nome
É a firma vencedora
E todos podem esperar
Segunda edição vindoura
Escrita na linha reta
Letras do mesmo poéta
Moisés Matias de Moura.

“AOS MEUS INIMIGOS, DEIXO
O LEGADO DA MINHA MORTE.
SÓ SINTO NÃO TER PODIDO
FAZER PELA HUMANIDADE E
PELOS HUMILDES TUDO O QUE
DESEJAVA.”

Getulio Vargas



O MONSTRO DE PACAJÚS

Pelo Poeta Brasileiro
Moisés Matias de Moura

PREÇO Cr\$ 10,00

Aguardem a coleção de 120 livrinhos
reunidos em um só livro de 24 paginas
sairá breve. Agência Coronel Bizerril, 529
SPORT BAR do Sr. Francisco Chagas
Carneiro. — Bebidas e ótimos tiragosto.

O MONSTRO DE PACAJUS

Oh virgem Nossa Senhora
Maria mãe de Jesus
Daí-me a vossa aspiração
Um pensamento de luz
Para escrever a historia
Do monstro de Pacajús.

Vamos pedir a Jesus
Pai do rico e da pobreza
Para que não haja mais
Crime desta natureza
Que abalou Pacajús
Deixando o povo em tristeza.

Nos bairros de Pacajús
Morava uma velinha
Contava 60 anos
Era muito boazinha
Já tinha casado os filhos
Morava mesmo sozinha.

Tinha uma filha casada
Por nome Carmosina
E tinha outra irmã dela
Que não trouxe bôa sina
Era Maria Oliveira
Que foi pivô da chacina.

Porque um tal de Henrique
Certos tempos amôr a ela
E depois se separou
Mas achava muito bela
Se lembrando de outrora
Estava perseguindo ela.

Então Maria oliveira
Vivia dele esquecida
Porem do bandido Henrique
Era muito perseguida
E êle dizendo sempre
Um dia serais vencida.

Pegou Henrique a pensar
O que devia fazer
Disse eu mato a mãe dela
Faço ela se render
Consiga mesmo sozinho
Tomou este parecer.

E naquele mesmo dia
O monstro sem coração
Entrou na casa da velha
Sem ter dó nem compaixão
Deu-lhe serteira facada
Em cima do coração.

Em companhia da velha
Sempre dormia um netinho
Que se chamava Luis
Porem chamava Luizinho
Este quando viu o crime
Correu a noite sosinho.

Quando o menino correu
O monstro pois a sorrir
E pensou naquela hora
Assim não vai me servir
Se eu deixar êle vivo
Vai o crime descobrir.

E sahiu na direção
Que o menino correu
Aonde pode alcançar
Uma pancada lhe deu
Depois lhe deu 3 facadas
O bichinho ali morreu.

Depois que matou os dois
Arribou na mesma hora
No giro de Pacatuba
Que lá chegou sem demora
Disse quero ver Maria
Porque não se rende agora.

Deixo o monstro em Pacatuba
E vou falar na velinha
Que o desgraçado matou
Sem ter culpa coitadinha
A visinhança dormiam
Foram ver de manhãzinha.

E procuraram o menino
Encontraram um pouco além
Francamente 30 metros
Estava morto também
Disseram é bom procurar
Este crime de onde vem.

Então Maria Oliveira
Disse o que lhe convinha
Meu povo isto foi Henrique
Que me perseguindo vinha
Para ver se me vencia
Matou minha mamãezinha.

Sei que culpada fui eu
Para Deus e para o povo
Ele me deixou com raiva
Agora me quer de novo
Mas desta vez foi barrado
Perdeu galinha e o ovo.

Foi a queixa ao delegado
Daquela localidade
Era o Sr. Franciné Mendes
A maior autoridade
Que garantiu ao povo
De trazer ele a cidade.

Tenho aqui 4 soldados
E comigo forma cinco
Vamos atraz do bandido
Para metê-lo no zinco
Todos aqui são ciente
Que com bandido não brinco.

E seguiu com os soldados
Fazendo preces a Jesus
Para pegarem o Henrique
E trazer a Pacajús
Para declárar ali
Como é que se conduz.

Henrique fez a chacina
E fugiu bem desfarçado
Mas passando em Pacatuba
Pela policia foi pegado
Franciné com os soldados
Já vinha bem encostado.

A força de Pacatuba
Já tendo conhecimento
Ficaram com êle preso
Mas esperando o momento
Que de Pacajús chegava
Outro policiamento.

Nisto chegou Franciné
Com o seu destacamento
Eles entregaram o preso
Naquele mesmo momento
Franciné naquela hora
Deu o seu agradecimento.

E o Sr. Franciné Mendes
Com 5 praças botaram
O criminoso no jeep
Para Pacajús levaram
Ao chegar na cidade
A população tomaram.

E logo assim que tomaram
A policia se afastou
Um furava outro furava
De repente se acabou
Igual um animal bruto
No meio da rua ficou.

O delegado alarmou
Povo tenham paciência
O homem já vinha preso
Não precisa vingança
Porem não foi atendido
Não usaram de clemencia.

Quizeram arrastar na rua
Como o Dr. Tiradente
O bondoso delegado
Deu um passo para frente
Dizendo não façam isto
Tenham calma minha gente.

E o pai de Luis Gonzaga
A quem chorava baixinho
Dizia foi este monstro
Que matou o meu filhinho
E de minha velha sogra
O seu querido netinho.

João Inácio Sobrinho
Agricultor conhecido
Sua esposa Carmosina
Que amava a seu marido
Ambos choravam abraçados
Pelo seu filho querido.

A Senhora Carmosina
Não enchugava seu pranto
Perdeu a mãe e o filho
A quem estimava tanto
Por cima da pobre mãe
Estendeu um branco manto.

Agora caros leitores
Faço ponto na historia
Por saber que vem dando
Notícia satisfatória
Mas é bom que cada um
Guarde na sua memória.

Isto foi no dia 20
As duas da madrugada
Quando amanheceu o dia
A porta estava fechada
A velhinha morta dentro
Foi a cidade alarmada.

Este monstruoso crime
Chamou o povo atenção
Por isto se revoltaram
Aquele população
Estraçalharam Henrique
Foi grande a revolução.

Logo que esta notícia
Em Fortaleza chegou
Um rapaz de Pacajús
Lá no bar me procurou
Para eu escrever o crime
Que o monstro praticou.

Eu como velho poeta
Prometi lhe escrever
Poeta tem liberdade
Pois é este o meu dever
Se agravei alguém
Me desculpe quando ler.

Caros apreciadores
Este crime foi um drama
Foi Henrique que inventou
Em Pacajús esta trama
Eu escrevi a história
Repetindo meu programa.

Se querem ouvir o programa
Aviso a nação inteira
Abra a rádio as 9 horas
Nos dia de sexta-feira
Pela Ceará Radio Clube
A mais fiel Brasileira.

Recebi este presente
do Dr. Ciro Saraiva
Se não fosse ele meu nome
No Brasil não estava
Se eu tivesse recurso
Com maior prazer pagava.

Como não posso pagar
Peço a meu bom Jesus
Aquele pai amoroso
Que por nós morreu na cruz
Que não lhe falte na vida
A sua divina luz.

Desculpe se agravei
A alguma criatura
Quando eu escrever outra
Talvez mude a figura
Meu português é mesquinho
Mas as rimas são segura.

Terminei caros leitores
Assombrosa novidade
Que se deu em Pacajús
Sem menor necessidade
Moisés Matias de Moura
Poeta desta cidade.

PERGAMUM
BCCE/UFC



EXPRESSÃO
GRÁFICA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO



